

SEGUNDA PARTE

"SENTADO EM SUA CADEIRA VOCÊ PODE VIAJAR MAIS DO QUE COLOMBO JAMAIS O FEZ E PARA MUNDOS MAIS NOBRES DO QUE AQUELES QUE OS OLHOS DELE CONTEMPLARAM. NÃO ESTÁ CANSADO DE SUPERFÍCIES? VENHA COMIGO E NOS BANHAREMOS NA FONTE DA JUVENTUDE. POSSO INDICAR-LHE O CAMINHO PARA O ELDORADO."

Candle of Vision - A. E.

CAPÍTULO VI

O propósito e a função da magia devem agora estar absolutamente claros. Trata-se de uma ciência espiritual. É um sistema técnico de treinamento que tem um objetivo mais divino do que mundano e terrestre. Se alguns observadores casuais pensam que o teurgo se ocupa exclusivamente de coisas objetivas, isso ocorre apenas porque é através delas e dos nômênos que simbolizam que ele é capaz de alcançar seus fins. O equipamento utilizado pelo mago não é o único recurso empregado por ele e nem o único instrumento para os seus fins, embora o aspecto invisível de suas operações não pudesse jamais ser compreendido pelo profano sem elucidação. Todas as coisas, físicas e mentais, tinham necessariamente que entrar em seu trabalho, e não foi com a finalidade de ludibriar seja a si mesmo seja aos seus adeptos que o mago se cercou com o que pode ser considerado um "aparato de palco" extremamente impressionante de bastões, taças, incensos, perfumes, sinais e símbolos estranhos, sinos e sonoras invocações bárbaras. Foi se referindo aos símbolos e sigillae que Jâmblico escreveu que "...eles (teurgos), imitando a natureza do universo e a energia produtiva dos deuses, exibem certas imagens mediante símbolos de intelecções místicas, ocultas e invisíveis, tal como a natureza... expressa razões invisíveis através de formas invisíveis. ...Conseqüentemente, os egípcios, percebendo que todas as naturezas superiores se regozijam com a imitação dos seres inferiores em relação a eles, e assim d esejando acumular de bem os seres inferiores através da maior imitação possível das naturezas superiores, muito apropriadamente demonstram um tipo de teologização adaptado à doutrina mística ocultada nos símbolos". Isso, entretanto, não consegue de modo algum responder adequada e satisfatoriamente à pergunta ordinária, a saber, por que o mago é equipado de tais "adereços" como o manto, o sino e o círculo, todos eles inteiramente incompreensíveis para o indivíduo médio, um tanto inconsistentes e com grande ressaibo de charlatanismo? Esse parecer é, claro está, completamente incorreto. Com efeito, seria tão errôneo e tão injustificável quanto acusar um físico de charlatanice porque em seu laboratório possui diversos microscópios de diferentes capacidades, providos de mecanismos, tubos e lâminas, e porque tem sobre sua escrivaninha um monte de papéis contendo fórmulas físicas e matemáticas incompreensíveis. Estes são apenas meios pelos quais o físico passa a compreender germes, bacilos, organismos microscópicos e assim por diante no estudo do qual se ocupou. Os instrumentos mágicos são, do mesmo modo, os meios – igualmente incompreensíveis para o leigo – pelos quais o mago se capacita a compreender a si mesmo e comungar com as partes invisíveis da natureza, nem por isso menos reais. Já definimos a magia como a ciência que tem como objetivo próprio o treinamento e fortalecimento da vontade e da imaginação. Mais do que qualquer outra coisa, é o pensamento e vontade o que realmente conta na magia, e a hipótese mágica é que seja pelo uso dos instrumentos da arte e os sigillae com os quais o teurgo se cerca em seu trabalho cerimonial que essa ampliação das faculdades criativas é obtida. Éliphas Lévi é muito preciso quanto a esse ponto e observa que "...cerimônias, vestes, perfumes, caracteres e figuras sendo necessários como dissemos para empregar a imaginação na educação da vontade, o sucesso das operações mágicas depende da

fiel observância de todo ri to". E também, poder-se-ia acrescentar, da presença e uso preciso de todos os sigillae corretos. Hieráticos, sugestivos e bastante impressionantes, o importante acerca desses instrumentos e vestes, sinais e símbolos, é que se trata de símbolos que representam ou uma força oculta inerente ao homem, ou uma essência ou princípio que se obtém como uma força móvel inteligente no universo. Sua intenção primária é promover uma corrente automática de pensamento harmonioso ou um ímpeto irresistível na imaginação que exaltarão o ser do mago na direção disposta pelo caráter da cerimônia e pela natureza individual dos símbolos.

Em síntese, o ritual mágico é um processo mnemônico arranjado de modo a resultar no deliberado regozijo da vontade e na exaltação da imaginação, sendo sua finalidade a purificação da personalidade e o atingimento de um estado espiritual de consciência no qual o ego se une ou com seu próprio eu superior ou com um deus. Esse objetivo único de qualquer cerimônia particular é constantemente indicado por cada ato, palavra e pensamento. Mesmo os sigillae são diferentes para cada cerimônia de sorte a indicar seu propósito único, e um tipo de símbolo é aplicável somente à invocação de uma espécie de essência universal. "Não há nada...", acreditava Jâmblico "que no mais ínfimo grau esteja adaptado aos deuses para o qual os deuses não estejam imediatamente presentes e com o que não estejam conjugados." Para o assalto da Cidade Santa todo sentido e toda faculdade são deliberadamente mobilizados e toda a alma individual do operador tem de tomar parte na ação. Cada uma das várias fumigações, cada mínimo detalhe do banimento, invocação e circumpercurso é, de fato, para servir de lembrete do propósito único que exclusivamente existe para o mago, um meio tanto de concentração de seus poderes como de exaltação. Quando símbolo após símbolo afetaram sua consciência, quando emoção após emoção foram despertadas para estimular a imaginação do mago, então advém o supremo momento orgiástico. Todo nervo do corpo, todo canal de força da mente e da alma são estirados num avassalador espasmo de felicidade, um transbordamento estático da vontade e a totalidade do ser na direção predeterminada.

Toda impressão, por meio do método cabalístico de associação de idéias, é tornada o ponto de partida de uma série de pensamentos conectados resultando na suprema idéia da invocação. Quando, durante uma cerimônia, o teurgo permanece no interior de um octógono, os nomes em torno do círculo, as oito velas ardendo vivamente fora, a predominância da cor laranja, a elevação do incenso estoracado numa coluna delgada de névoa a partir do incensório, tudo sugerirá o significado de Mercúrio e Hermes à sua mente. O misticismo de ordinário considera os sentidos como barreiras à luz da alma e que a presença da luz tem sua manifestação impedida devido à influência sedutora e à turbulência dos sentidos e da mente. Na magia, contudo, considera-se que os sentidos, quando controlados, são os portais dourados através dos quais o Rei da Glória pode entrar. Na operação invocatória, todo sentido e toda faculdade têm que participar. "O entendimento precisa ser formulado por sinais e resumido por caracteres ou pentáculos. A vontade tem que ser determinada por palavras e estas por atos. A idéia mágica tem que ser traduzida em luz para os olhos, harmonia para os ouvidos, perfumes para o olfato, sabores para a boca e formas para o tato." Essa citação de Éliphas Lévi exprime adequadamente de que maneira o homem integral tem que participar dos ritos teúrgicos. Visto que o ritualista egípcio proferia que não há nenhuma parte dele que não seja dos deuses, a utilização dos sentidos e poderes da mente num ritual bem ordenado constitui o método ideal de invocação dos deuses. Toda parte individual do homem, cada sentido e poder precisam ser trazidos à esfera do rito em que tomam parte. É nossa preocupação, normalmente, com as perpétuas exigências independentes do corpo, da mente e das emoções que nos cegam para a presença desse princípio interior, a única realidade da vida interior. Daí um dos requisitos do

ritual ser ele ou ocupar plenamente ou tranquilizar essas porções particulares do ser de alguém, de sorte que a união transcendental com o daimon não sofra interferência. O sistema elaborado de formas de divindade, vibração de nomes divinos, gestos e sinais, assinaturas de espíritos, a preeminência de símbolos geométricos e perfumes penetrantes, além de seu propósito ostensivo de invocar a idéia desejada à manifestação, fornecem esse motivo auxiliar. Ocupar plenamente a atenção de cada um dos princípios inferiores ou vivificá-los é uma das funções do ritual, deixando a alma livre para a ser exaltada e fazer seu caminho voando até o fogo celestial, onde finalmente é consumida por completo para renascer em felicidade e espiritualidade. Num certo sentido, o efeito do ritual e da cerimônia é manter os sentidos e veículos comprometidos cada um com sua tarefa específica, sem distrair a concentração superior do mago. E, ademais, ele os separa ao atribuir uma tarefa definida a cada um. Assim, quando o momento da exaltação chega, quando o casamento místico é consumado, o ego é despido, despojado inteiramente de todos os seus invólucros, deixado livre para virar-se para a direção que lhe aprouver. Ao mesmo tempo, a mais importante função da cerimônia é realizada, tendo sido promovida no coração do operador uma intoxicação tão intensa a ponto de servir como o ponto preliminar para o êxtase da união com o deus ou anjo.

De um outro ponto de vista, o efeito do ritual e do aparato é criar de maneira plena na imaginação do mago através dos canais dos sentidos uma idéia que – em virtude de sua realidade, iluminação e poder supremos quando evocada – tenha sido chamada de deus ou espírito. Essa é a posição subjetiva que, por antecipação, foi esboçada numa página anterior. "Todos os espíritos e, por assim dizer, as essências de todas as coisas, jazem ocultos em nós e nascem e são gerados somente pela atuação, poder (vontade) e fantasia (imaginação) do microcosmo**." Barrett, nessa sentença citada, argumenta que se pode razoavelmente supor que os deuses e as hierarquias de espíritos sejam simplesmente facetas previamente desconhecidas de nossa própria consciência. A sua evocação ou invocação pelo mago não são certamente incomparáveis a um estímulo de alguma parte da mente ou imaginação, resultando em êxtase, inspiração e expansão da consciência. A observação e experiência de teurgos, levadas a cabo num longo período de tempo, mostraram mais ou menos que entre certas palavras, números, gestos, perfumes e formatos que em si não são particularmente significativos, ocorre uma relação natural peculiar. A imaginação é um agente criador poderoso, e quando estimulada de várias maneiras suas criações assumem uma aparência da mais elevada realidade. Qualquer idéia ou pensamento rudimentar ou latente na imaginação – ou como os teurgos preferem, espírito – pode ser convocada ou criada dentro da consciência individual pelo uso e combinação daquelas coisas que lhe são harmoniosas, expressando fases particulares de sua natureza ou simpatias com sua natureza. Pouco importa se para descrevê-lo empreguemos os arcaísmos dos filósofos medievais, a linguagem de laboratório do psicanalista ou o mundo de sonho e fantasia do poeta. Podemos chamá-lo de liberação do inconsciente e, de restauração do crepúsculo da memória da raça, ou podemos ousar ser suficientemente corajosos para usar a retumbante palavra antiquada "invocação" ou inspiração. As palavras não são nada, o fato é tudo. Tal como as letras "c, ã, o", que em si mesmas e isoladas umas das outras carecem de qualquer importância em particular, quando combinadas exprimem a idéia de cão, do mesmo modo palavras mágicas, incensos, pentáculos e o estímulo da vontade podem produzir dentro da imaginação uma idéia de grande poder. Na verdade, tão poderosa essa criação pode se revelar que é possível que confira inspiração, iluminação e reaja para grande proveito para a mente humana.*

** ●●●●●●●●, imaginação em grego. (N. T.)*

*** Magus, de Francis Barrett.*

Quero agora considerar os vários acessórios usados. Perfumes e incensos sempre foram utilizados nos ritos mágicos e os antigos taumaturgos fizeram um estudo especial da reação física e moral causada pelos distintos odores. Seu emprego no cerimonial tem tripla finalidade. Em algumas operações por vezes é necessário suprir um veículo ou base materiais ao espírito que se manifesta. Quantidades dos incensos apropriados são queimadas, de modo que a partir das densas partículas que flutuam como uma pesada nuvem esfumaçada na atmosfera uma base ou corpo físicos possam ser construídos pelo espírito evocado para serem usados como veículo temporário. Ademais, perfumes são oferecidos como oferendas aromáticas ou sacrifício ao próprio espírito ou anjo, variando o incenso em função de cada classe de inteligência. Benjoim e sândalo são empregados para espíritos venusianos, flor de noz-moscada e estoraque para os mercurianos, enxofre para os saturnianos, gálbano e canela para as forças solares, e assim por diante. Em terceiro lugar, há o bastante importante efeito intoxicante dos incensos potentes e penetrantes na própria consciência, um incenso em separado sendo indicado para acompanhar a invocação de cada divindade. Existe ainda uma outra interpretação do uso dos incensos. Cada letra do alfabeto hebraico lhe atribuiu um grande número de correspondências, envolvendo espíritos, inteligências, cores, gemas, idéias e os próprios incensos. Tomando-se as letras no nome de um espírito e consultando -se as autoridades adequadas, um composto de incensos poderá ser confeccionado, o qual exprimirá através do sentido do olfato o nome do espírito. Tão-somente a partir desse composto de perfumes poderá o espírito apropriado ser sugerido na imaginação e convocado pelos ritos adequados. Resta pouca dúvida a respeito da sugestão essencial desses perfumes, visto que mesmo para indivíduos comuns alguns incensos são decididamente sedutores e excitantes, como é o caso do almíscar e do patchuli, havendo ainda outros os sobremaneira fragrantes e generosos, e outros que possuem efeito sedativo e tranqüilizante.

Quanto ao som, seu poder formativo é mais ou menos bem conhecido e será abordado um pouco mais detalhadamente numa página posterior em conexão com os chamados "nomes bárbaros de evocação". De momento basta dizer que o som está vinculado à lei da vibração, cujas forças são suficientemente poderosas para desintegrar ou construir novamente qualquer forma para a qual se dirija a vibração. O egiptólogo Sir E. A. Wallis Budge observou que os sacerdotes egípcios conferiam a maior importância às palavras pronunciadas sob certas condições. Na verdade, toda a eficácia das invocações teúrgicas parece ter dependido da maneira e do tom de voz nos quais as palavras eram proferidas. Invocação, diz Jâmblico, "é a chave divina que abre aos homens o santuário dos deuses; nos acostuma aos rios esplêndidos de luz superior; e num curto período os dispõe ao abraço e contato inefáveis dos deuses; e não desiste até que nos erga ao topo de tudo."*

** Os Mistérios, Jâmblico.*

O sacramento do sentido do paladar constitui um problema mais complexo. Sua base racional como eucaristia corresponde simplesmente a isso. Uma substância é cerimonialmente consagrada e nomeada segundo um princípio espiritual que mantém com ela uma especial afinidade. Uma hóstia de trigo teria estreita afinidade com Ceres ou Perséfone; o vinho com Baco e Dionísio. Algumas substâncias se harmonizarão mais com inteligências jupiterianas ou mercurianas do que outras. O estudo do alfabeto mágico capacitará o aprendiz a certificar-se do que deve ser usado. Assim nomeada, a substância é carregada mediante a invocação daquela presença divina, e sendo consumida se prevê que através da assimilação dos elementos o deus ou a essência divina invocada invariavelmente encarna no ser do mago por meio da substância

consagrada. Esta encarnação é uma outra forma da união do teurgo com o deus, união que segundo a definição das autoridades antigas é um dos aspectos mais importantes da magia. Essa espécie particular de união, se continuada por um certo período de tempo, auxilia a comunhão com as essências divinas, à medida que os veículos se tornam mais refinado e mais altamente sensíveis à presença do deus.

No que concerne ao sentido da visão, será necessário abordar mais minuciosamente os diferentes símbolos usados. Alguns desses símbolos são, naturalmente, comuns a toda cerimônia, enquanto que outros dizem respeito estritamente a uma cerimônia particular. Por exemplo, a espada é uma arma marcial à qual se atribui um papel numa operação devotada à invocação de Hórus e Marte. Numa cerimônia preparada, digamos, para a invocação de Afrodite ou Ísis, a espada nada teria de comum e estaria em total desarmonia com a natureza dessas deusas, de modo que todo o procedimento daria em nada. Um acessório como a rosa, que expressa amor e a declaração da natureza de ser como graça a filha de Deus, seria sumamente apropriado numa cerimônia em que o teurgo deseja desenvolver suas emoções mais elevadas. Mas na operação para invocar a Senhora Maat, a rainha da verdade, a rosa não teria lugar algum.

O principal símbolo comum a toda operação é o círculo mágico. Por definição, essa figura encerra um espaço confinante, uma limitação, separando aquilo que está dentro daquilo que está fora. Pelo uso do círculo, o mago afirma que no interior dessa limitação auto-imposta ele confina seus esforços; que ele se limita à consecução de um fim específico e que não está mais num labirinto de ilusão e mudança perpétua como um viandante cego sem meta, objetivo ou aspiração. O círculo, além de ser, como é evidente, o símbolo do infinito, tipifica também a esfera astral do mago que, num certo sentido, é a consciência individual, seu universo, fora do qual nada pode existir. Nesse sentido, a título de recurso de explicação, a teoria do idealismo subjetivo se mostra novamente conveniente. O círculo no qual o mago está encerrado representa seu cosmos particular; a conquista auto-inaugurada desse universo faz parte do processo de consecução de completa autoconsciência. Já que o cosmos é uma criação do ego transcendental, à medida que um mago amplia o alcance de seu universo, familiarizando-se com sua estrutura e diversidade, muito mais se aproximará ele da auto-realização. De um outro ponto de vista, o círculo pode ser considerado o Ain-Sof e o ponto central do círculo o eu, cuja função é expandir a si mesmo para incluir a circunferência e se tornar, também, o infinito.

Em torno desse círculo são inscritos nomes divinos. Muitos deles serão diferentes em função da natureza de cada cerimônia e é com o poder e influência ingênitos inerentes aos nomes que o mago conta como uma proteção contra os viciosos demônios externos – os pensamentos hostis de seu próprio ego. A menção dos nomes de guarda em torno do círculo levanta a questão do processo de proteção do círculo astral interno, o universo da consciência, e como uma proteção adequada para a esfera astral bem como para o círculo externo pode ser obtida. Não basta para o mago que pinte os nomes divinos na circunferência do círculo sobre o chão de seu templo; isto não passa de uma parte do processo efetivo e um signo visível externo de uma graça espiritual interior. Para que se produza um círculo astral que será tão inexpugnável quanto uma fortaleza de aço da qual o círculo pintado será um digno símbolo, banimentos deverão ser executados durante meses várias vezes por dia. A consagração e invocação implícitas no ritual de banimento devem ser insistentemente realizadas dias após dia, e uma sutil substância espiritual proveniente de planos mais elevados infundida na esfera astral, tornando-a elástica e rutilante com coruscações de luz. Essa aura agudamente resplandecente constitui o círculo mágico real do qual o círculo visível no chão do templo é apenas um símbolo terreno.

Não seria inoportuno tecer mais algumas observações sobre o círculo mágico com o fito de esclarecer a posição real da magia contra o opróbrio lançado por William Q. Judge – um dos fundadores da Sociedade Teosófica com Madame Blavatsky em 1875 – em suas Notas acerca do Bhagavad Gita. William Q. Judge acalenta a ilusão nesse trabalho, como o fazem tantos outros escritores alhures, de que todas as operações mágicas são exclusivamente devotadas à evocação de elementais. Que essa é uma hipótese errônea me esforçarei neste livro para mostrar. Não é em absoluto incogitável, entretanto, que Judge tenha dado essa interpretação com a finalidade de conter os irmãos mais fracos, afastá-los do perigo e da intromissão em coisas que estão além deles. Judge exprime a crença de que o uso do círculo como um dispositivo de proteção para impedir o ingresso de demônios e outras entidades astrais se deve ao medo deles, e ele conclui acertadamente que o medo é o produto da ignorância, que muito corretamente ele deplora. Teoricamente, essas observações são todas excelentes e plausíveis. A ignorância dá origem, de fato, ao medo e se encontra na raiz do fracasso e de uma larga quantidade de problemas. Na vida do dia-a-dia, contudo, censuramos e proibimos o uso da profilaxia cirúrgica e dos dispositivos de desinfecção alegando como razão que eles têm suas raízes no medo da infecção? Devem as calçadas e os passeios serem abolidos e eliminados de nossas ruas porque são eloqüentes lembretes e expressões de nosso pavor com relação aos acidentes automobilísticos? Na realidade, todo o argumento nesse sentido é um absurdo. Num caso ou noutro, ele encerra uma total falta de compreensão da natureza, propósito e função do círculo. Quando se prevê o perigo a partir de qualquer fonte, naturalmente tomam-se medidas que se acha que o evitarão, estando além da questão todas as idéias de medo e ignorância, o que constitui a razão da existência da humanidade sobre a Terra atualmente. Se, por exemplo, estou envolvido numa cerimônia que tem por objeto a invocação de meu Santo Anjo Guardião, deverei eu permanecer satisfeito por ter minha mente, minha alma e a esfera de operação em geral invadida por uma hoste de entidades abjetas, os mais baixos habitantes do plano astral que, sem dúvida, seriam atraídos pelas influências magnéticas que emanam de meu círculo? Agir assim arruinaria todos os meus esforços, condenando de antemão a operação, se executada cerimonialmente, a um fracasso sinistro. E como se não bastasse, a obsessão poderia ser o resultado, estando-se muito distante do propósito original do trabalho. A função do círculo é simplesmente estabelecer um limite espacial dentro do qual o trabalho espiritual possa proceder sem interferências e sem o medo da intrusão de forças demoníacas e estranhas. De qualquer modo, ingressar numa carreira de mago com medo covarde no coração é simplesmente atrair problemas. E há geralmente problemas suficientes ao longo de nossa vida normal sem que tenhamos que assumir o heroísmo de pedir mais.

((ilustr. UM CÍRCULO MÁGICO))

Indicando a natureza do trabalho, dentro do círculo é geralmente inscrita uma outra figura geométrica, como um quadrado, um octágono, uma cruz-tao ou um triângulo. Um figura de cinco pontas denotará uma operação marcial e representa o império da vontade sobre os elementos. Um octágono indicará trabalho cerimonial de uma natureza mercuriana, já que o oito é o número de Hod, a Sefhira à qual Mercúrio é atribuído. Erigido no interior dessa figura, com o fundamento de todo o trabalho do mago, o símbolo da vontade inferior, está o altar sobre o qual estão arrumados os instrumentos mágicos a serem empregados. É o centro fundamental do trabalho do mago, o pivô ao qual ele retorna repetidamente depois do circumpercorso. Esse altar deve ser construído de tal maneira que sua forma e tamanho e os próprios materiais de que é construído estejam todos de acordo com os princípios fundamentais da Cabala, servindo assim para lembrar o mago do trabalho em pauta. O cedro, por exemplo,

se empregado na construção do altar, produziria uma associação imaginativa com Júpiter, enquanto que o carvalho é uma atribuição de Marte. A madeira do loureiro ou a acácia, ambas atribuídas a Tiphareth, se harmonizariam, entretanto, com qualquer tipo de operação na medida em que Tiphareth e suas correspondências simbolizam harmonia e equilíbrio. Este altar deve ser feito de tal maneira que possa atuar como um armário no interior do qual todos os instrumentos possam ser conservados e guardados com segurança. Relativamente a esta regra geral, há, contudo, uma exceção. A lâmpada tem sempre que estar suspensa sobre a cabeça do teurgo, não devendo jamais ser mantida dentro do armário do altar. Em todo sistema ela simboliza o brilho não ofuscado do Eu superior, o Santo Anjo Guardião a cujo conhecimento e conversação o teurgo aspira tão ardentemente. Sempre que essa lâmpada estiver brilhando, iluminando o trabalho mágico, a operação manterá o selo imortal da legitimidade e a permanente sanção e aprovação, por assim dizer, do Espírito Santo. Ademais, o azeite consumido por essa lâmpada é azeite de oliva, sagrado a Minerva, a deusa da sabedoria.

Essas armas, as chamadas armas elementares, são arrumadas no topo do altar antes da operação. Consistem do bastão, da espada ou adaga, da taça e do pantáculo, representando as letras do Tetragrammaton e os quatro elementos dos quais toda a gama de heterogeneidade do cosmos foi constituída. O bastão é atribuído ao elemento fogo; a taça à água, enquanto que a espada é atribuída ao ar, o pantáculo simbolizando a fixidez e a inércia da terra. Não há arma para representação do quinto elemento de coroamento, que é o Espírito ou Akasha, pois esse é invisível e sua cor táctica é negro ou índigo.

Há uma série de correspondências que podem se revelar interessantes para o mago. Cada um dos deuses é caracterizado por alguma arma ou símbolo particular que expressa mais clara e perfeitamente do que qualquer outra coisa sua natureza essencial. Assim, quando o mago brande o bastão, deve-se conceber que ele assume para si a autoridade e sabedoria de Tahuti ante o conselho de deuses cósmicos. Com o cetro ele anuncia sua relação com Maat, a Senhora da Verdade e Soberania, enquanto o mangual ou açoite denota sua autoridade e auto-sacrifício associando-o de imediato a Osíris.

O bastão é a vontade, representando a sabedoria e a presença espiritual do eu criador, Chiah, devendo ser reto e poderoso, uma figura digna de sua força divina.

Passiva e receptiva, a taça ou cálice é um símbolo verdadeiro do Neschamah do mago, a intuição e compreensão que estão sempre abertas no aguardo do rocio superior que diariamente desce, de acordo com O livro do esplendor, das regiões mais elevadas para aquele de alma pura. No cerimonial, a taça é utilizada raramente, e nesse caso somente nas invocações mais elevadas para conter as libações. Nas evocações a taça não desempenha papel algum.

A espada é arma branca, dura e afiada, e perfurante como o ar que tudo permeia e penetra, sempre num estado de fluxo e movimento perpétuos. Por esse símbolo entende-se Ruach, ou a mente, a qual, quando sem treino é volátil e se acha num estado de contínuo movimento, sem estabilidade ou fácil concentração. Visto que se trata de um instrumento de corte, usado para análise e dissecação, o banimento da magia cerimonial é sua função primordial, não devendo jamais ser empregada em trabalhos que têm como clímax a invocação do mais elevado.

Arredondado, inerte e construído de cera, um símbolo adequado da terra, plástico e aguardando o cultivo pela inteligência, o pantáculo é um sinal do corpo, o templo do Espírito Santo, na iminência de receber mediante os ritos teúrgicos e telésticos o influxo do espírito divino. Um pantáculo, de acordo com Lévi, é um caractere sintético que resume o dogma mágico total em uma de suas fases especiais. É assim a expressão real de um pensamento completo e ato da vontade; é a assinatura de uma mente.

O triângulo da arte no qual o espírito evocado é conjurado à manifestação visível é, em si mesmo, um símbolo filosófico perfeito de manifestação. Representando as primeiras manifestações cósmicas ou as três Sephiroth maiores dos mundos superiores, o triângulo é a representação ideal da geração, da manifestação em existência coerente tangível daquilo que anteriormente era pensamento, invisível e metafísico. Tal como a primeira tríade representa a primeira manifestação completa do círculo de Ain Sof, do mesmo modo em magia o triângulo é responsável pela chamada à luz do dia dos poderes da escuridão e da noite. " Há três que dão testemunho sobre a Terra", e esses três são as pontas do triângulo, limitadas pelos três grandes nomes de Deus. Do círculo da consciência, que é o universo do mago, uma idéia partitiva e especial é convocada à manifestação no interior do triângulo.

O manto usado pelo teurgo representa sua glória interior ocultada. Como no budismo, o manto amarelo usado pelo bhikku simboliza o esplendor dourado de seu corpo solar interior, tornado glorioso por meio do despertar dos poderes superiores, o mesmo ocorrendo com o manto em relação ao mago. A cor deste manto variará dependendo do tipo de operação, vermelha para o trabalho marcial, azul para o trabalho jupiteriano e amarela ou dourada para operações solares. Os outros símbolos empregados em magia poderão agora ser facilmente desenvolvidos pelo leitor.

Com referência ao bastão, embora muitos magos, inclusive Abramelin, aconselhem que deva ser um instrumento razoavelmente longo, Éliphas Lévi observa que não deve exceder o comprimento do braço do operador e ser feito de madeira de amendoeira ou aveleira, uma única fiada do melhor arame de aço atravessando seu centro de extremidade a extremidade. Alguns magos colocam símbolos no ápice desse báculo. A cabeça da Íbis ocasionalmente empregada se refere a Tahuti, o Senhor da Sabedoria e pa trono da magia. Um dos melhores símbolos para um bastão é um forçado trino de ouro que representa a letra hebraica Shin, cuja significação é aquela do Espírito Santo dos deuses. Outro símbolo é o lótus, o qual, encimando o bastão, indica a regeneração e o renascimento que o mago busca realizar. Neste caso, o eixo é pintado de duas cores, a parte inferior de preto e a superior de branco. Bastante similar no que implica ao bastão do lótus é aquele coroado por uma fênix, o símbolo também da regeneração através do fogo. Considerando-se que o bastão seja o símbolo da vontade criadora, sua construção deve ser acompanhada por um distintivo exercício dessa vontade, residindo nesta idéia a base racional de muitas das aparentemente absurdas e artificiais prescrições apresentadas pelos teurgos em conexão com a aquisição de convenientes armas mágicas. De maneira superficial e à primeira vista, pode parecer que o distúrbio relacionado a esses instrumentos seja grosseiro exagero e por demais pueril. Mas se essa opinião for acatada, a idéia subjacente e essencial dessas instruções terá que ser descurada. Se, por exemplo, as orientações de Lévi relativamente ao bastão tiverem que ser seguidas, então esse instrumento deveria ser confeccionado de um galho perfeitamente reto da amendoeira ou aveleira, galho este cortado da árvore sem entalhamento e sem hesitação de um só golpe com uma faca afiada antes do nascer do sol e na estação em que a árvore estiver prestes a florescer. O galho deverá ser submetido a um meticuloso procedimento de preparação, sendo despojado de suas folhas e brotos, a casca removida, as extremidades aparadas cuidadosamente e os nós aplainados. Seguem-se a isto vários outros procedimentos significativos que podem ser confirmados pela consulta de Dogma e Ritual de Alta Magia. O desenvolvimento da vontade está subjacente a todos esses procedimentos. O mago que se incomodou a ponto de se levantar duas ou três vezes à meia-noite por seu bastão, negando-se repouso e sono, terá, pelo próprio fato de assim ter agido, se beneficiado consideravelmente no que diz respeito à vontade. Num tal exemplo, o bastão

realmente será um símbolo dinâmico da vontade criadora, e são estes símbolos e instrumentos que são necessários em magia. "O camponês que cada manhã se levanta às duas ou três horas e caminha para longe de casa para colher um ramo da mesma planta antes do nascer do sol, pode realizar inúmeros prodígios simplesmente portando essa planta consigo, pois ela se tornará tudo que ele quer que ela seja no interesse dos desejos dele."*

** Dogma e ritual de Alta Magia, Éliphas Lévi.*

Procedimentos similares aos mencionados acima no exemplo do bastão devem acompanhar a construção das outras armas elementares porquanto elas têm que ser a corporificação visível da própria condição de alma e mente do mago, sem o que não produzem efeito como símbolos taumatúrgicos. Se a mente do mago, por exemplo, não for perspicaz e analítica, e se essa qualidade não contribuir na confecção da espada, como os espíritos elementais e os demônios de face canina obedecerão a suas ordens para saírem do círculo de invocação? O cálice, também, como o símbolo da intuição bem como da imaginação divina, deve, do mesmo modo, ser confeccionado de tal sorte e cercado de tais elevados pensamentos e proezas a ponto de corporificar alguma idéia intuicional, ou ostentando no seu exterior um desenho ou palavra de suprema significação, ou exemplificando pelo formato da taça tão-somente uma idéia divina. Compete a cada leitor decidir de que maneira os outros instrumentos portarão o selo da faculdade ou princípio espiritual que estão destinados a representar.

Visto que ocorre freqüentemente a alusão ao fato de que as duas faculdades principalmente empregadas na magia são a vontade e a imaginação, algumas páginas precisam ser devotadas ao exame dessas, apresentando-se os pareceres de teurgos juntamente com algumas sugestões úteis. Um dos mais elevados poderes de que dispomos, um poder tão maravilhosamente criativo que chega a ser indescritível e inexprimível, é a imaginação. É, postula Jâmblico, "superior à toda a natureza e a geração, através dele sendo nós capazes de nos unirmos aos deuses, de transcender a ordem mundana e de participar da vida eterna e da energia dos deuses supercelestiais. Mediante esse princípio, portanto, somos capazes de liberar a nós mesmos do destino". E, no entanto, a maioria das pessoas pensa que essa faculdade é idêntica à fantasia e ao devaneio, sendo que qualquer valor definido e consistente que possa possuir é negado. Dificilmente se poderia cometer erro maior. Como a própria palavra indica, trata-se de uma faculdade produtora de imagens, um poder criador de imagens que quando desenvolvido pode se mostrar de máxima importância como auxiliar da alma em sua jornada de avanço. O filósofo cético Hume se refere a ela como uma espécie de faculdade mágica da alma que é sempre perfeita no gênio, sendo propriamente o que chamamos de gênio mesmo. Mesmo o metafísico Immanuel Kant, o inventor da pesada e às vezes rangente maquinaria intelectual a priori, acreditava que se pode falar do entendimento simplesmente como imaginação que atingiu uma consciência de suas próprias atividades. A magia propõe um desenvolvimento acelerado da alma através de uma cultura intensiva na qual a imaginação desempenha um importante papel. É uma caricatura, portanto, e bastante lamentável considerarmos quão pouco é essa faculdade utilizada, e quão raramente a maioria das pessoas a faz atuar no desenrolar da vida cotidiana. E ainda assim, na realidade, sem ela e os aspectos variados de maravilha e novidade que concede a nossas atividades em todo campo de trabalho, a despeito de paralisada e tolhida pelos sentidos e a mente, nada duradouro e efetivo poderia ser feito. Não apenas o poeta, o artista, o músico, o matemático e o inventor testemunham continuamente e cantam a sua grandeza, já que as realizações de todos eles se devem ao seu mistério permanente, como também o magnata dos negócios, o administrador e o chefe de Estado necessitam utilizar essa

faculdade se quiserem que o sucesso cruze seus caminhos. Mas a metade do sabor rico e colorido da vida está perdida para o homem sem imaginação, enquanto que aqueles que são suficientemente felizes ou sábios para empregá-la muito ativamente colhem o mais agudo prazer possível ao ser humano.

O melhor exemplo de imaginação criativa é aquele que constantemente desfila eloqüentemente diante de nossos olhos: a brincadeira das crianças. Alguns pedaços de pau e cordão, algumas pedras, um pouco de lama e uma poça d'água suprem o garoto saudável normal de toda a matéria-prima a partir da qual ele construirá em sua própria mente uma inspiradíssima frota de couraçados e belonaves somada a um magnífico porto para eles. A boneca mais disforme é geralmente a favorita e a mais bonita para a garotinha, pois de algum modo o "patinho feio" parece proporcionar mais espaço para a imaginação da criança, enquanto que a boneca ricamente vestida de olhos móveis, cabelos louros e bochechas rosadas realmente destrói o gume penetrante da imaginação ativa e vívida. Observando as crianças brincando percebe-se com quão poucas propriedades elas são capazes de construir todo um drama bem como uma tragédia comovente. E assim uma pessoa consegue ver poesia num repolho ou numa porca com seus filhotes, enquanto outra perceberá nas coisas mais excelsas apenas seu aspecto mais baixo e rirá da harmonia das esferas, e ridicularizará as mais sublimes concepções dos filósofos. A razão de um pintor ser capaz de ver num triste mendigo o tema para uma grande pintura é, de maneira semelhante, atribuível à mesma causa: o mistério da imaginação. Como podemos explicar o mistério desse poder criador individual que, por assim dizer saltando sobre nós, se converte no mestre das imagens e das palavras? Assumindo o controle destas a partir da mente raciocinadora, concede-lhes significados simbólicos e mais profundos até que imagens, idéias e palavras se movem juntas e se reúnem, tornando-se um organismo por meio de algum poder formativo transcendental superior a toda razão. É tão misterioso realmente quanto o crescimento de um organismo na natureza, não menos maravilhoso que a planta que extrai da terra por meio de algum poder oculto as essências que transmuta e que torna subservientes a si mesma.

Nos séculos passados, na árdua investigação intelectual visando a determinar a raiz fundamental da existência, os filósofos se acostumaram a formular como lei que a existência se funda na razão e no pensamento, quer dizer, isso quando não eram monistas materialistas que afirmavam ser a matéria a única realidade. Diversamente, o ponto de vista mágico, como formulado até aqui, é que nem a razão nem o pensamento jazem na raiz das coisas, pois o pensamento é simplesmente um aspecto do próprio cosmos. Trata-se sim de uma essência espiritual inominável que não é a mente mas a causa da mente, não o espírito mas a causa da existência do espírito, não a matéria mas a causa à qual a matéria deve o seu ser. Explicar o abismo intransponível entre a razão e o universo concreto constituiu um exercício severo para a mente filosófica. A principal posição idealista era a de que tal como na lógica a conclusão segue rigorosamente os passos da premissa, do mesmo modo o universo é o produto lógico da razão absoluta e seu desenvolvimento segue a dedução de categorias racionais do pensamento. Recentemente, entretanto, um filósofo chamado Fawcett foi presenteado com um lampejo de supremo gênio no momento em que lhe ocorreu que o processo pelo qual o universo se desenvolveu e veio a ser foi um processo criador imaginativo e que a imaginação, não a razão absoluta ou mesmo uma vontade do instinto sempre impelida precipitadamente à manifestação, era a chave da solução desse desconcertante problema filosófico. Ele define essa imaginação como a matéria-prima na qual todas as faculdades e atividades humanas têm o seu ser. Não desejo registrar aqui minha plena concordância com todas as conclusões de Fawcett, porquanto

meus próprios pontos de vista são os da Cabala, expostos com certos detalhes alhures. Mas vale a pena observar que essa sua idéia parece em parte concordante com a dos teurgos. Eles postulavam a ideação como a primeira manifestação, que o universo veio a ser graças às atividades dessa ideação. Contudo, está claro que nenhum pensamento ou razão como o entendemos era sugerida, mas sim uma faculdade criadora mais abstrata ligada de algum modo à imaginação. A razão é para a imaginação o que a matéria é para a forma, o que o instrumento é para o agente, o que o corpo é para o espírito que governa, e o que a sombra é para sua substância reflexiva. É este poder residente no homem que Blavatsky chama de Kriyasakti, definido em *A Doutrina Secreta* como "o poder misterioso do pensamento que o capacita a produzir resultados fenomênicos externos, perceptíveis por meio da própria energia que lhe é inerente", e assim sendo parece que estaria também estreitamente vinculado à vontade.

Os rituais e as cerimônias agora considerados simplesmente uma perda de tempo por aqueles que desconhecem como conduzi-los e condenados como incapazes de produzir qualquer efeito real, detinham uma reação sumamente potente quando o simbolismo de cada ação da cerimônia era inteiramente reconhecido e compreendido e quando a imaginação era ampliada e a vontade firmemente concentrada no objetivo a ser realizado. Estando todo o ego humano num estado de excitação teúrgica, o Eu superior ou uma Essência universal descia sobre o ego ou o elevava, o qual se tornava assim um veículo luminoso de um poder supra-humano.

O que chamamos tão casualmente de imaginação no indivíduo comum é, de acordo com os teurgos de todos os tempos, a faculdade inerente à alma de assimilar as imagens e reflexos do astral divino, e Éliphas Lévi sugere que por ela mesma e com o auxílio de seu diáfano ou a imaginação, a alma pode perceber sem a mediação dos órgãos corporais os objetos, quer sejam eles espirituais ou físicos, que existem no universo. Em outras palavras, a imaginação é a visão da alma por meio da qual ela percebe direta e imediatamente idéias e pensamentos de toda espécie. E assim, inclusive, a clarividência é vista como uma extensão do poder da imaginação.

Admitindo, como o fazemos, a afirmação de Lévi de que a vontade e a imaginação são as faculdades criadoras aduzidas para sustentar as forças naturais durante as cerimônias teúrgicas, as seguintes perguntas podem ocorrer ao leitor: "O que fazer se as faculdades de alguém são apenas medianas? O que fazer se existe uma pobreza de criatividade espiritual? Se esses poderes não são particularmente potentes e capazes de formulação mágica, é possível que sejam desenvolvidos e fortalecidos?" A resposta é decididamente afirmativa pois indubitavelmente é possível desenvolvê-los e fortalecê-los. Os sábios da Antigüidade conceberam vários exercícios cuja prática poderia transformar um indivíduo mais ou menos comum num indivíduo criativo e inspirado. Aquele que está espiritualmente morto pode assim refazer-se e remodelar suas energias de maneira a passar a deter uma faculdade extremamente poderosa de criatividade e gênio. Ocupar-me-ei aqui de dois métodos, um predominante entre os hindus e o outro praticado por alguns cristãos, tendo eu delineado e explicado o método egípcio numa página posterior com um outro título. Embora não advogando o catolicismo com seu jesuitismo luminar, devo mencionar a existência de um livro notável, indispensável e valioso para o aprendiz, da autoria de um místico jesuíta, Sto. Inácio de Loyola. Nesse pequeno volume é esboçado um sistema extraordinário de treinamento que se refere especialmente à imaginação; extraordinário, quero dizer, quando seguido por seu próprio mérito e divorciado de todo dogma e da teologia católica. É, está claro, cristão na sua intenção, com símbolos que apelam sectariamente aos católicos. Contudo, mediante um pouco de discernimento, o coração desse método pode facilmente ser separado do resíduo doutrinário dogmático. Foi por meio desse método experimental que Sto. Inácio se tornou o homem de supremo gênio que foi, um homem

que conquistou a reputação de ser, conforme o professor William James, um dos mais poderosos engenhos da organização e construção humanas já vistos sobre a face da Terra. Nesse livro que citamos, *Os exercícios espirituais*, aconselha seus discípulos a reviver na esfera da imaginação todos os eventos da vida histórica exterior de seu mestre, Jesus Cristo. Pelo método forçavam suas imaginações a ver, tocar, cheirar e provar aquelas coisas invisíveis e ensaiar aqueles incidentes há longo tempo acontecidos e desvanecidos, os quais eram percebidos através dos sentidos de seu Senhor encarnado. Sto. Inácio deseja que a imaginação seja exaltada até o seu pico. Se você está meditando sobre um artigo de fé, ele o estimularia a construir a localidade claramente e com exatidão diante da visão do olho mental, e observá-la cuidadosa e rigorosamente, a ponto, por assim dizer, de tocá-la. Caso seja o inferno, ele daria a você pedras ardentes para serem manuseadas; ele faz você flutuar numa aterradora escuridão tão espessa quanto piche; ele deposita enxofre líquido sobre sua língua. Suas narinas ficam saturadas de um fedor abominável como o do próprio inferno e ele mostra a você tormentos terríveis, fazendo você escutar gemidos lancinantes. Ele faria você construir a visão do calvário com o Cristo glorificado coroado de espinhos sobre a cruz realizando a redenção da humanidade, inspecionando os céus com olhos doloridos, chamando ao mesmo tempo seu Pai no Céu. Ele faria você encarar o milagre formidável da ressurreição e os prodígios realizados há muito na Palestina – tudo isso Sto. Inácio manda que sua vontade crie em imaginação pelo exercício constante.

Alguns anos atrás, Franz Hartman escreveu a respeito desse mesmo assunto que "os exercícios prescritos por Loyola são calculados para desenvolver os poderes da alma, especialmente a imaginação e a vontade. O discípulo tem que concentrar sua mente nas narrativas da Bíblia do nascimento, sofrimento e morte de Jesus de Nazaré, como se esses fossem fatos históricos reais. O discípulo assim os considera, por assim dizer, como um espectador mental, mas gradualmente trabalhando sobre sua imaginação ele se torna, dir-se-ia, um participante; seus sentimentos e emoções são elevados a um estado de vibrações superiores; ele se torna ele mesmo o ator da peça, vivenciando ele próprio as alegrias e sofrimentos do Cristo, como se fosse o próprio Cristo; e essa identificação com o objeto de sua imaginação pode ser levada a um tal ponto que até mesmo estigmas ou ferimentos que sangram aparecerão em seu próprio corpo".

Embora o teurgo não precise explorar tal prática a ponto de produzir os efeitos de que fala Hartman, é indiscutível de que se trata de um método infalível para estimular aquela faculdade criativa de que se é deficiente. Perseverança e contínua aplicação seguramente proporcionarão ao aprendiz uma vontade invencível, uma mente capaz de concentração prolongada e, acima de tudo, uma imaginação que constitui a apoteose da criatividade. Se o aprendiz não aprovar a importância religiosa que o santo atribui a esses exercícios – e se revelar uma profunda reprovação pelo dogma e teologia católicos – que use sua própria imaginação para construir seus próprios exercícios que sejam mais favoráveis e adequados ao seu temperamento individual. Que ele pinte para si mesmo a imagem de que está sentado junto a uma vigorosa queda d'água, uma Niágara, e diante de seu olho interior que ele crie uma imagem do rio lá em cima em sua nascente murmurando e perambulando no seu calmo curso. Em seguida que ele conceba a gradual aproximação do precipício, torrentes selvagens de águas ensandecidas, redemoinhando para cá e para lá em cascatas agitadas de espuma esbranquiçada, colidindo contra as rochas, sendo irresistivelmente arremessadas adiante sobre o abismo. Que ele imagine também essas toneladas, milhares de toneladas de água, subindo e descendo impetuosamente sobre o precipício sob o contínuo eco reverberante do trovão. Conceba, então, o borriço espalhando-se em todas as direções, a beleza da rebenação cor de neve refratando a luz do sol

em arcos-íris iridescentes, repletos de cores e matizes brilhantes. E que ele ouça, e ao ouvir se maravilhe, a voz profunda e trovejante produzida pelo impacto formidando do volume das águas contra as rochas e águas mais abaixo. O aprendiz pode ainda construir em sua imaginação mais coisas familiares: o ruído de um trem veloz, o sabor de chocolate em sua boca, os cheiros de suaves perfumes e fragrantos incensos penetrantes e o contato do carvão incandescente. Não só deve a formulação imaginativa do sentido ser distintiva, ou seja, o sabor de chocolate e não de caramelos doces por exemplo devendo ser claramente imaginado, como também o mago deve treinar-se de modo a sustentar a imagem ou impressão. Por meio desses estímulos da imaginação, seu poder germinará e crescerá, desenvolvendo-se de modo inconcebível, e com o passar do tempo o mago disporá de um novo poder de construção espiritual.

De maneira semelhante, os hindus prescrevem a meditação visando ao mesmo, tendo como objeto os Tattvas ou os símbolos coloridos dos elementos, dos quais eles sustentam cinco. As combinações desses cinco resultam em trinta elementos e subelementos, cujos símbolos pictóricos produzem objetos notavelmente bons para o exercício da imaginação. Dispõe-se de um triângulo equilátero vermelho, Tejas; um crescente prateado horizontal, Apas; um círculo azul, Vayu; P rithivi é um quadrado amarelo e Akasha uma forma oval negra. As combinações de dois símbolos quaisquer, como um triângulo vermelho encimando um crescente prateado, ou um pequeno círculo azul colocado no centro de um quadrado amarelo parecem de uma maneira bastante singular se destacarem do fundo negro da visão interior e estimular todos os poderes da imaginação. Mas pouco tempo basta para adquirir eficiência na visualização desses símbolos, de sorte que quando o operador se aproxima das tarefas mais importantes da magia prática, tais como a formulação do corpo de luz ou Mayavi-rupa e a construção imaginativa das máscaras ou formas simbólicas dos deuses, descobrirá que em seu interior há uma força criativa poderosa que o servirá bem. Todo esse treino, incluindo os exercícios de Sto. Inácio e os símbolos dos Tattvas, nunca é em vão e nunca se avizinha da futilidade, visto que tal treino proporciona o fundamento de todo trabalho teúrgico, sem o qual muito pouco de permanente e significativo pode ser concretizado.

Concordamos com as observações do mago francês no que dizem respeito à imaginação, que ela é a maior maga do universo. É a essa faculdade que devemos as criações imortais da poesia, da música e de todas as artes. A Canção e suas Fontes, um dos pouquíssimos trabalhos sensíveis de um poeta que lida com as origens de sua arte, confirma isso, e constitui uma prova salutar das teorias mágicas que concernem à imaginação. A. E. se aproxima bastante da filosofia teúrgica na medida em que supõe que em nossa natureza espiritual exista um ser transcendental que acorda quando dormimos e é conhecido vagamente nos estados dualistas do sonhar, quando a consciência parece dividida, e confere inspiração e luz através do mundo estelar da imaginação. É o cristalino do eu criativo, sendo este aquele poder que opera milagres, curando os enfermos, trazendo socorro aos fracos e geralmente outorgando as revelações do espírito em benefício dos homens.

CAPÍTULO VIII

Em sua introdução aos Aforismos de Yoga de Patanjali, William Q. Judge afirma que os antigos sábios hindus conheciam o segredo do desenvolvimento da vontade, e como aumentar dez vezes tanto sua potência quanto sua eficiência. Esse segredo das eras, a ampliação do poder da vontade e da sabedoria jamais foi perdido. A vontade para o aprendiz da teurgia divina é o fator primordial na produção de quaisquer alterações espirituais a que ele se proponha, e conseqüentemente qualquer coisa que tenda a aumentar esse potencial e despertar suas possibilidades latentes, transformá-lo numa força irresistível absoluta capaz de ser

conscientemente manipulada, pertence à natureza de uma bênção transcendental. A vontade não é boa nem má; é tão-somente poder e vitaliza todas as coisas igualmente. Há várias sugestões propostas por Lévi em seu Dogma e ritual de Alta Magia, algumas das quais são as seguintes: "Se ireis reinar sobre vós mesmos e os outros, aprendei como querer... Como podemos aprender a querer?... Observâncias que são aparentemente as mais insignificantes e em si mesmas estranhas ao fim a que se propõem, conduzem, contudo, a esse fim mediante a educação e o exercício da vontade... O homem pode ser transformado pelo hábito, o qual, segundo o adágio, torna-se sua segunda natureza. Por meio de exercícios atléticos persistentes e gradativos, a energia e a agilidade do corpo são desenvolvidas ou criadas num grau espantoso. O mesmo ocorre com os poderes da alma". A essência de suas sugestões, que só pode impressionar pela sua sensatez, corresponde a isto. Por meio de um ascetismo conscientemente imposto, negando-se a si mesmo durante o treinamento certas coisas normalmente consideradas necessárias, para aprender em suma a arte da autoconquista e como viver, é-se livrado das vicissitudes do eterno fluxo e refluxo que é a vida, e obtém-se uma vontade altamente treinada. É imperativo que as palavras "ascetismo auto-imposto" sejam notadas e que precedam a frase "durante o treinamento"; isto é de extrema importância como a chave de abertura aos Portais da Vontade. Antes de pronunciar esse enunciado vale refletir em como pode ser chamado de "autonegação" aquilo que nega apenas o não-eu das coisas pelas quais se anseia para abrir aquelas trevas cegas à luz da vontade verdadeira, a visão interior e o eu real. Esse último não é negado em absoluto. São unicamente os desejos de Ruach, essa entidade cujo egoísmo muda com o passar de cada hora, que são negados e disciplinados de modo a torná-lo um instrumento útil através do qual o Santo Anjo Guardião e seus pares podem trabalhar sem restrições e retardamentos inúteis.

O fator digno de nota nesse sentido é que o voto de ascetismo tem que ser mantido em seu devido lugar. Esse voto deve ser assumido para uma finalidade bem definida e claramente compreendida além da qual não se deve jamais permitir desviar-se. Havendo desvio, tudo estará perdido. Quando o voto realmente ultrapassa os confins da intenção premeditada, o ascetismo como a extrema voluptuosidade é um vício desordenado, pertencente às tendências sutis do ego e, por conseguinte, decididamente para ser desestimulado e suprimido. Há críticos que afirmam ser o ascetismo uma forma de egoísmo e egocentrismo. Quando essas críticas severas são dirigidas apenas àqueles que dele abusam, aqueles que considerariam suas negações e seus flagelamentos flagrantemente públicos como supremas virtudes e que obtêm muito prazer quando seu vício é aclamado em público, a acusação é correta. Mas não em caso diverso. Que se entenda que o ascetismo não é um vício ou uma virtude, tal como a própria vontade não é boa nem má. Não possui em si mesmo mérito de espécie alguma exceto ser uma matéria de conveniência para quem quer que seja que o abrace com a finalidade de treinamento. Tal como no treinamento de um boxeador, por exemplo, intemperanças como beber e fumar são escrupulosamente eliminadas da lista das tolerâncias em relação a ele, negações nas quais obviamente não se pode imputar nenhuma virtude moral, o mesmo ocorre com o ascetismo que o teurgo assume para si mesmo. O ascetismo ao qual a magia se refere e do qual Lévi fala é algo inteiramente diferente do vício egotístico ordinário, já que tem como seu objetivo precisamente o fortalecimento da vontade e a abnegação mística desse ego. É esse falso ego ao qual o egoísta e o pretense asceta em nome apenas se prendem tão devotadamente, a despeito de ser para seu eterno detrimento, e que o mago procura oferecer em sacrifício de maneira que o Espírito Santo descendo sobre o altar em penetrantes línguas de fogo possa consumir a oferenda e nele viver para sempre.

Referindo-se aos mistérios de outrora, Lévi observa que quanto mais terríveis e perigosos eles fossem, quanto mais severos fossem os rigores que impunham, maior seria sua eficiência. Assim é com esse ascetismo. Quanto maiores as negações da personalidade, quanto mais necessidades intemperantes são removidas do modo costumeiro de vida, maior a aquisição da força de vontade e mais fácil realmente se torna destruir os laços egóicos. Ainda assim, o ascetismo não deve ser tão terrível a ponto de danificar os instrumentos com os quais o mago é obrigado a trabalhar. O astrônomo não destrói seu telescópio num acesso de ira cega. Cortar a garganta para ofender o próprio cérebro é uma insanidade e é completamente estúpido. Se o aspirante estiver predisposto a ceder a disparates desse tipo, melhor será para ele abster-se totalmente da magia e permanecer junto ao calor e quietude da lareira de sua sala de estar.

Uma técnica extremamente eficiente foi desenvolvida por um mago contemporâneo, um sistema sumamente prático isento de todas as desagradáveis implicações e tendências morais dos sistemas mais antigos. De acordo com esse sistema**, a técnica é de tal modo arranjada de maneira a cobrir o campo todo da ação, discurso e pensamento humanos, sendo, portanto, aplicável à constituição humana inteira. Na base, está de acordo com a concepção geral do ascetismo de que uma certa ação, palavra ou pensamento, que se tornou habitual e uma parte de Ruach, deve ser negado, por exemplo, o voto de por um período provisório de digamos uma semana abster-se de cruzar as pernas sobre o joelho ao sentar, ou talvez tomar a decisão de não erguer a mão esquerda até a cabeça ou o rosto. A grande vantagem desse sistema é que inexistem pendor moral nessas sugestões. Não é virtuoso abster-se de cruzar as pernas sobre o joelho ou não tocar o rosto com a mão esquerda. Assim o operador é liberado da tendência de fazer de seu ascetismo uma tola virtude. É necessário observar, ademais, que não há a sugestão de aplicar o princípio ascético nesse esquema ao que se denomina comumente mau hábito, como fumar, beber ou blasfemar. Fazê-lo seria convidar certos indivíduos a considerar sua abstinência de fumar ou beber uma virtude, a ser grandemente louvada, em lugar de compreender que a negação é simplesmente uma questão de conveniência e treino, uma idiossincrasia pessoal à qual nenhum crédito ou culpa podem ser vinculados. Uma postura inteiramente impessoal de imparcialidade deve ser mantida e a aplicação do esquema é necessária àquelas ações, palavras e pensamentos aos quais é plenamente impossível atribuir um valor moral. É inconcebível que o leitor inteligente faça uma virtude do fato de abster-se de cruzar a perna sobre o joelho ou de ocasionalmente não tocar a cabeça com sua mão esquerda. Tal postura, absolutamente essencial, deve ser cultivada em qualquer ramo da magia.*

** Aleister Crowley. (N. T.)*

*** Liber Jugorum, O Equinócio, Londres, 1912.*

((Ilustrs. a cores dos quatro símbolos dos Tattvas))

Ora, para cada transgressão do voto ou juramento de abster-se de um certo procedimento um certo castigo deve ser infligido. É nessa disciplina que a vontade conquista seu treinamento e força. Por exemplo, suponha-se que o operador fez um juramento mágico de abster-se durante um período de quarenta e oito horas de cruzar a perna esquerda sobre o joelho direito ao se sentar. Num momento de distração, pode ser que o mago cometa a ação proibida. Essa transgressão deve ser punida, de maneira a produzir uma impressão profunda e duradoura na mente, com um corte no braço feito por uma navalha. A ação interdita é assim gravada no antebraço com um talho penetrante para auxiliar a memória preguiçosa.

Na segunda seção relativa ao discurso, alguma palavra freqüentemente utilizada no discurso diário como "eu" ou "e" ou qualquer outra expressão corrente no falar usual do mago deve ser interdita durante um período de vários dias, uma semana, ou meses, conforme o caso. No

desenrolar desse período ou a palavra é inteiramente omitida, ou alguma outra palavra é empregada em seu lugar. Um certo pensamento que seja impessoal e isento de tendência moral é o tema da última seção quando se adquiriu suficiente competência e já se tirou proveito das duas seções anteriores. Em todo caso de esquecimento o castigo e penalidade é um corte pronunciado no braço. Essa última seção tem implicações de grande envergadura, particularmente no que diz respeito ao treinamento da mente. Se alguns pensamentos foram proibidos de ingressar através dos portais não vigiados da mente e alguma habilidade foi obtida em fazer valer essa decisão, será necessário um prolongamento adicional da prática para fechar os portais e barrar todos os pensamentos de qualquer tipo que sejam da mente. Desse modo, alcança-se o objetivo idêntico da ioga: o esvaziamento pela vontade de todo o conteúdo da mente.

E agora consideremos o resultado dessa técnica disciplinar. Acima de tudo, nenhuma questão arbitrária de ética ou moral entra nessa técnica de ascetismo. Trata-se simplesmente de uma forma elaborada de treinamento atlético, por assim dizer. O corpo não é torturado com base no princípio ordinário e conforme o costume usual de que a alma eterna pode viver e encontrar bem-aventurança em sua libertação do corpo. Essa postura não leva em conta que se o ascetismo é um estágio na jornada da alma rumo ao seu ideal, caso seja conduzido a extremos é ao mesmo tempo uma recusa cega da nutrição de que essa jornada necessita para ser sustentada. O princípio radical que envolve a prática dos faquires que dormem sobre leitos de pregos ou arame, mantendo seus braços eretos pelo período inteiro de suas vidas, dilacerando carne viva de seus corpos submetidos a longo sofrimento, tudo isto é repreensível do ponto de vista do teurgo e se opõe cabalmente em princípio ao método esboçado acima. O corpo não é uma coisa do mal; definimos anteriormente corporeidade e espiritualidade como graus distintos de uma substância divina. Todos os veículos do espírito são instrumentos através dos quais ele pode atuar, obter experiência e atingir um conhecimento de si mesmo, e embora em assuntos pertinentes à comunhão celestial alguns se limitem a ser um estorvo se não forem treinados, a observação simplesmente demonstra a necessidade de treinamento e não de destruição cruel e sem sentido.

Mediante a técnica de ascetismo da teurgia se decide simplesmente a lograr um controle consciente sobre certos aspectos da organização física e mental, e esse controle tende à aquisição de um enorme aumento de potencial de vontade. O corte do braço produz um pouco de dor, é verdade, embora essa dor seja útil e necessária para estabelecer certas correntes nos centros de inibição do cérebro ou mente, as quais produzem a instalação de uma curiosa vigilância por parte da vontade, um fluxo inconsciente livre de força de vontade que está continuamente presente e pronto para executar os desejos do mestre. Descobrir-se-á no caso de uma decisão tomada de não cruzar as pernas que ao "bater papo" casualmente com um grupo de pessoas e numa condição de completo esquecimento do juramento, qualquer tendência automática das pernas de repetir instintivamente o hábito ao qual foram acostumadas há muito tempo será imediatamente detectada pela vontade antes que o ato proibido seja mesmo meio completado e a tendência será interrompida em seu início. Tem sido observado repetidas vezes que precisamente quando as pernas estão na iminência de se cruzarem, mesmo durante o sono mais profundo quando o corpo produz movimentos espasmódicos automáticos, a vontade operando a partir dos centros inibitórios da mente faz lampejar uma advertência espontânea que resulta no impedimento da ação. Se adormecido, ocorre um despertar imediato com total consciência do ato pretendido. Ao menos, essa é a base lógica que prevalece depois de o operador ter falhado cerca de uma dúzia de vezes e quando seu antebraço se tornar belamente

adornado por uma quantidade igual de cortes. Sucede particularmente isso no caso da proibição da palavra "eu" que se pode bem usar como objeto da prática. Normalmente, somos tão pessoais e tão apegados a todas as coisas egoicamente que nas conversas ordinárias mantemo-nos mais interessados em falar de nós mesmos, e as frases "Eu fiz isto", " ;Eu fiz aquilo" entram mais no discurso do que quaisquer outras. Conseqüentemente, no início, quando os benefícios do silêncio criterioso são, de maneira muito enérgica, transmitidos à personalidade, o braço não sofre pouca coisa. Pode ser até necessário recorrer à decoração de ambos os antebraços até o ego rebelde e sua voz responderem ao treinamento, decidindo-se a obedecer incontinenti aos ditados da vontade.

A conseqüência é óbvia. À medida que o tempo progride através dessa técnica, o mago realiza duas coisas separadas, ambos aspectos importantes da Grande Obra. Uma vigilância perpétua que se avizinha de uma corrente sumamente poderosa de força de vontade foi gerada. Isso, desde o início, tende a conduzir as atividades multifárias do ser humano ao controle consciente da vontade. Se, como o Abade Constant observou, as operações mágicas são o exercício de um poder que embora natur al é superior às forças comuns da natureza, esse poder sendo o resultado de um conhecimento e uma disciplina que exaltam a vontade além de seus limites normais, então essa prática preenche da maneira mais concebível todos os requisitos que até mesmo ele teria dela exigido. E a vantagem disso para o neófito que fez o voto a si mesmo da consecução de nada menos do que o Conhecimento e conversação do santo, o anjo que o guarda, não pode ser superestimada. Em suas mãos é colocado um tremendo poder de vontade, de significação espiritual e de aplicação inconcebivelmente criativa.

O segundo aspecto da realização é que não apenas o mago se descobre a si mesmo de posse de uma vontade ampliada como também o próprio Ruach, todas as faculdades compreendidas no ego anteriormente tão problemáticas e carentes de concentração gradualmente, graças à vontade dinâmica e à contração proveniente da dor corpórea, colocam a si mesmas sob controle. O praticante terá sobrevivido ao horror e desagrado iniciais de infligir esse leve castigo ao seu braço, vendo seu corpo pela primeira vez em seu devido lugar, como um servo a ser empregado e comandado e cujas recusas rebeldes a acatar ordens emitidas por uma fonte superior são severamente reprimidas e penalizadas. Espera-se sinceramente que a base dessa técnica não seja tão mal compreendida a ponto de fazer surgir observações grosseiras com relação a Hatha Yoga ou ao masoquismo. Não há prazer algum em cortar o braço com uma navalha; desse fato unicamente o leitor pode estar inequivocamente assegurado.

Tal vontade pode tornar-se uma força tão poderosa pela disciplina e treinamento que nas instruções acrescidas a uma recente versão de uma invocação, o editor sugeriu que a vontade fosse formulada no mundo criativo sob a forma de um bastão mágico, seu verdadeiro símbolo, ou um feixe luminoso brotando numa linha reta e perpendicular do mago na direção e para dentro do infinito. Essa observação sugere que longe de ser uma impalpabilidade metafísica intangível, uma incoerência, o que é geralmente o caso com o indivíduo médio, para o mago a vontade é uma definida força espiritual controlável, que como todas as demais faculdades da alma, pode ser empregada por seu senhor e mestre.

Há ainda um outro método de treinamento da vontade. Embora pertença de direito aos processos da ioga, sua importância não pode ser superestimada. Trata-se daquele ramo da ioga de oito membros que é chamado de Pranayama, uma prática que proporciona a quem quer que a exerça uma colheita tripla. Em primeiro lugar, a absorção de grandes quantidades de oxigênio e prana tem um efeito indiscutível nas glândulas endócrinas. É incontestável que particularmente as glândulas intersticiais recebem um estímulo tremendo. Conseqüentemente,

de um ponto de vista puramente físico, a inteira personalidade é inundada por uma riqueza de energia criativa destinada a reagir favoravelmente, quando preservada, sobre a mente, a vontade e todos os outros aspectos da constituição humana. Na verdade, pode-se chegar ao ponto de afirmar que essa energia criativa, física como possa parecer, colabora para formar a base da visão espiritual. Em segundo lugar, em sua Raja Yoga, o falecido Swami Vivekananda fornece uma admirável explicação do efeito da respiração rítmica regulada, que fortalece e estimula a vontade até uma concentração formidável de força. Em síntese, sua teoria é a de que se fazendo todas as células de um ser vibrar em uníssono, uma poderosa corrente elétrica de vontade é estabelecida no corpo e na mente. E o meio para estabelecer essa vibração em uníssono é uma aspiração e exalação rítmicas do alento.

Ignorando, para efeito de argumento, a teoria de que o Pranayama detém efetivamente o efeito delineado no parágrafo anterior e suspendendo o exame de qualquer teoria mística, há ainda um outro resultado que não pode ser posto em dúvida por ninguém. Qualquer indivíduo que tenha tentado o Pranayama mesmo por apenas alguns momentos entenderá imediatamente o que significa. Poder-se-ia dificilmente imaginar algo mais tedioso, laborioso e penoso do que esse simples conjunto de exercícios, pois o mago senta-se sossegadamente duas ou três horas durante o dia por um período de, digamos, três ou quatro meses na tentativa de respirar num ritmo regular e calculado, simplesmente observando com cuidado a inalação e exalação do fluxo do alento, é uma das mais árduas tarefas que a imaginação pode conceber. Exige o exercício da força de vontade máxima e uma resolução inabalável para continuar. Ao fazer isto, o indivíduo é levado de maneira incisiva a encarar a inércia e lassidão do corpo, necessitando-se não pouca austeridade, autodomínio e uma força de vontade inflexível para persistir na tarefa em relação à qual ele celebrou um voto. Caso o praticante não tenha obtido qualquer resultado daqueles descritos nos livros técnicos, tais como a desaceleração do movimento da mente ou a ocorrência de várias alterações psicofisiológicas, terá, ao menos, ganho um incalculável aumento de força de vontade e uma firmeza invencível de propósito por ter treinado a si mesmo na superação da indolência das condições corporais, a inércia mental e a oposição ao treinamento. "Aprender o autodomínio é, portanto, aprender a viver, e as austeridades do estoicismo não eram vã gabolice de liberdade... Resistir à natureza e sobrepujá-la é atingir para si mesmo uma existência pessoal e imperecível; é pôr-se livre das vicissitudes da vida e da morte." É fato reconhecido e demonstrável que a disciplina e paciência impostas pelo Pranayama, à parte toda a teoria da ioga, deixarão o mago em posição vantajosa quando tiver de enfrentar as tarefas mais complexas e difíceis da magia.*

** Mistérios da Magia, Éliphas Lévi.*

Há alguns indivíduos sobre os quais a magia cai como sobre solo estéril. Crentes de que o desenvolvimento consciente do gênio mediante o treinamento mágico constitui uma impossibilidade na natureza, asseveram que as façanhas mais grandiosas e as mais excelentes obras criativas são realizadas inconscientemente e não pela vontade; que os mais nobres exemplos da arte, literatura e música recebem sua principal inspiração de uma parte do homem que é independente de sua vontade e conhecimento conscientes. Esse fato, sem dúvida, é verdadeiro, e é aqui que o mago é superior ao artista comum. No caso do artista, a inspiração é automática, independente de seus próprios desejos e conhecimento mesmo, e nesse sentido ele é um instrumento passivo, um meio. O mago, entretanto, se propõe um objetivo mais elevado, desejoso conscientemente de conhecer aquele poder nele que é o criador, o vidente, o conhecedor. Chega a isso por meio de um ato ou uma série gradual de atos da vontade. O objetivo último é a identificação da vontade mágica com o ser todo, de modo que sua aplicação

não exige maior esforço consciente do que o movimento dos lábios e o erguer da mão, uma força tão constante e continuamente presente como a gravitação.

*A magia cerimonial, que seja entendido, como um meio de adquirir o potencial requerido de força de vontade, é principalmente para uso do principiante. "Sendo as cerimônias, como dissemos, métodos artificiais para criação de um hábito de vontade, se tornam desnecessárias uma vez esteja o hábito consolidado... Mas o procedimento tem que ser simplificado progressivamente antes de ser completamente dispensado**." Caso se adote rigorosamente uma prática programada, depois de um certo tempo o mago porá de lado completamente o cerimonial, confiando no trabalho improvisado no interior dos limites de seu círculo mágico interno, e ainda posteriormente se aplicará àquela prática mágica chamada de missa do Espírito Santo. A aplicação habilidosa desse engenho mágico reverberante deve resultar no desenvolvimento de um centro de alta potência de vontade. Atingido isso, todas as técnicas poderão ser postas de lado por terem já servido ao seu propósito melhorando o bem-estar do indivíduo, não sendo mais os exercícios necessários.*

*** Dogma e ritual de Alta Magia, Éliphas Lévi.*

O princípio é comparável a um princípio reconhecido no esporte. Durante uma partida de tênis, por exemplo, um jogador poderia executar alguns lobs e voleios realmente maravilhosos numa ínfima fração de segundo, estando a decisão consciente absolutamente fora de questão. As melhores tacadas no bilhar, como muitos bem o sabem, são aquelas feitas acidentalmente. Para o aspirante no tênis, ou um jogador desejoso de melhorar, somente uma imensa quantidade de prática delibera da produzirá aquela habilidade consumada que irá operar livremente em todas as ocasiões. Assim é com o mago. Nesse caso, o verendo da arte que foi ciosamente oculto do olhar do público é ainda mais guardado nas profundezas de sua consciência espiritual, de sorte que por ninguém no mundo inteiro é sua existência adivinhada. Tão vigorosamente poderoso é esse bastão que por um ligeiro brandir do mesmo os mundos poderiam ser destruídos, e com outro leve brandir novos mundos poderiam ser trazidos ao ser. </p>

*---
Unido de maneira peculiar à vontade e à imaginação nas evocações cerimoniais está um outro poder ou uma outra força cuja presença ou ausência representa o sucesso ou o fracasso da operação. O segredo de toda magia cerimonial é simples, embora nem sempre óbvio. Celebrar cerimônias mágicas encaminhando cada mínimo detalhe com cuidado, executando os banimentos, fumigações e circumpercursos externos, vociferando as conjurações e gemendo os nomes bárbaros de evocação não é critério para que a invocação tenha êxito em sua finalidade ostensiva, ou para que o clima estático da operação "aconteça". A incapacidade de compreender isso encontra-se no fundo de uma boa quantidade de histórias mais ou menos humorísticas sobre magia contadas por pessoas que, tendo se tornado intelectualmente interessadas em sua técnica, e tendo seguido cuidadosamente as instruções expostas nos engrimamentos ordinários de fácil obtenção, se decepcionaram com a falta de resultados. Todas as precauções apropriadas foram tomadas. Belos mantos da melhor seda foram providenciados, candelabros de prata e bronze, incensos compostos dispendiosamente e conjurações primorosamente escritas. A despeito de todo esse preparo, entretanto, nada absolutamente aconteceu. Nem as mais leve pressão foi produzida na atmosfera astral circundante, e uma mão colocada cautelosamente fora dos limites do círculo não foi paralisada, como ocorreria segundo a lenda, como se por um raio lançado por um espírito irado. Há uma esplêndida história que vem à mente de um aprendiz entusiasta que se empenhou em "praticar magia" antes de ter atingido uma compreensão dos princípios elementares em que se apóia a magia cerimonial. Ele*

desejava, a título de teste, invocar uma ondina, um espírito do elemento água, e a fim de fazê-lo ocorreu-lhe que uma operação realizada nas proximidades da água eliminaria muitas dificuldades. Como sítio de operação Eastbourne foi escolhida e o tal aprendiz, levando consigo o equipamento da arte, embarcou para essa praia "solitária". Uma noite, já razoavelmente tarde, quando a maioria dos cidadãos respeitáveis da praia já dormiam sossegadamente, ele se dirigiu para a beira do mar, a maré muito ao longe. Traçado o seu círculo, depois do altar e as luzes terem sido instalados sobre a areia, ele iniciou suas conjurações à medida que uma névoa se adensava. Suas vociferações eram altas e os sonoros gemidos, selvagens, fazendo com que os nomes bárbaros tornassem horrenda a noite, cuja tranqüilidade foi arruinada; nuvens de incenso espesso se elevavam em espirais do altar, envolvendo todo o cenário de uma névoa repulsiva de fumaça perfumada. A única ondina que esse mago viu foi uma enraivecida criatura vestida de azul: um policial.

Desde que o acima exposto foi escrito, perpetrou-se uma imbecilidade ainda mais grosseira e bem menos desculpável. Alguns membros de uma famosa sociedade de pesquisas se convenceram de que era inadiável expor a magia em todos os seus ramos, demonstrar que não possuía qualquer realidade, e, imbuídos desse nobilíssimo objetivo, tomaram providências para realizar uma cerimônia com base nas instruções deturpadas de um certo engrimanço no alto de uma colina no continente. As conjurações foram devidamente recitadas em conformidade com as ditas instruções por uma virgem de manto branco junto a um bode, o qual segundo promessa do engrimanço seria transformado num jovem da mais arrebatadora beleza. Essa transformação, é claro, não ocorreu, e muita publicidade foi feita em torno dessa cerimônia cujo fim era pôr um fim a todas as cerimônias. Hordas de pessoas curiosas afluíram ao alto da montanha, a qual durante o rito estava inflamada de luzes de arco voltaico de alta potência! Faz-nos lembrar de certo modo do simplório que depois de encher o bulo e colocá-lo sobre um dos bicos de gás do fogão se esquece, contudo, de usar um fósforo para ligar o gás; quando, após uma hora, ele constata não haver nenhum sinal de um bulo com água fervente, declara com suma indignação e não pouco desprezo que essas geringonças modernas não servem para nada. Não acredito que essa cerimônia farsesca requeira muito comentário. Mostra o tipo extraordinário de inteligência que não é capaz de distinguir entre um livro tolo de feitiçaria e a genuína magia teléstica; e também incapaz de compreender a verdade da injunção segundo a qual é o pensamento, a vontade e a intenção que atuam de maneira preponderante na operação mágica cerimonial, os símbolos e sigillae externos sendo secundários e tendo menos importância. O Magus de Barrett, em todo caso, propõe para a consideração desses pesquisadores "científicos" que "a razão de exorcismos, sortilégios, encantamentos, etc. às vezes não atingirem o efeito desejado é a mente ou espírito não-excitado do exorcista tornar as palavras fátuas e ineficazes".

Eis então numa curta frase o segredo do sucesso. Os Oráculos caldeus afirmam que se deve "invocar com freqüência"! Abramelin, o Mago, aconselha que se deve "inflamar-se" com oração. A chave está implícita nessas afirmações concisas. Invocar freqüentemente denota um certo grau de persistência e entusiasmo, e o princípio no qual criam os antigos magos era que se um homem orar ou invocar o tempo suficiente com seus lábios pode acontecer que encontrará a si mesmo um dia proferindo sua invocação de todo coração. Sucesso implica acima de tudo entusiasmo. E o entusiasmo que o mago deve cultivar é uma espécie indescritível de excitação ou arrebatamento, por meio dos quais ele é transportado completamente para fora de si e além de si. Trata-se de uma qualidade inteiramente incompreensível e, por conseguinte, indefinível. O mago deve inflamar a si mesmo, o que é hislahabus ou auto-intoxicação, o que os cabalistas

conceberam como sendo o próprio cálice da graça e o vinho da vida. Cada nervo, cada fibra do indivíduo, físico, astral, mental; cada átomo em seja qual for departamento da constituição humana deve ser estimulado a um clímax febril e todas as faculdades da alma exaltadas ao máximo. Tal como o artista – o poeta, o dançarino, o próprio amante – é arrastado numa loucura de paixão inflamada, um frenesi de criatividade, o mesmo deve suceder com o mago. Deve ser impulsionado em sua cerimônia por um entusiasmo mântico que embora nele presente e uma parte necessária das forças que o compõem, não é de modo algum aquilo que ele normalmente inclui em seu Ruach. Não participa do ego mundano do estado de vigília embora exalte esse ego numa crista de bem-aventurança, de maneira que toda consciência de sua existência é transcendida, sofrendo um novo nascimento com um horizonte maior e mais amplo. Afirma Jâmblico: "...a energia entusiástica, entretanto, não é o trabalho seja do corpo seja da alma, ou de ambos conjugados". É impossível formular regras teóricas para a indução desse frenesi, para a aquisição desse estímulo, para a produção desse espasmo mântico. De povo para povo os fatores variarão para produzir o estímulo e a excitação. Para um indivíduo, poderá vir através de invocações prolongadas e reiteradas feitas durante um período de várias semanas ou meses. Um a aprendiz pode ficar tão impressionado pelo puro mistério e sugestão, por assim dizer, de dada cerimônia, que é possível que o resultado seja incluído. Um outro pode ser curiosamente comovido e alegrado pelo estilo lírico no qual as invocações estão escritas, por suas imprecações e comemorações, ou mesmo pelos nomes estranhos e bárbaros de evocação, não importando quão ininteligíveis possam ser para seu ego consciente. É possível que a despeito de um excelente conhecimento intelectual da Cabala, tenha lido e escapado uma interpretação adequada ou satisfatória de alguma dessas palavras misteriosas; quando de repente, durante o desenrolar de uma cerimônia, sua significação lampeja arrebatadamente sobre ele com um fulgor escarlate, um fulgor de júbilo, e assim excitado ele é transportado com sua descoberta na onda crescente de êxtase. Talvez o cheiro de um perfume em particular, a psicologia dos deslumbrantes mantos de seda e coberturas de cabeça, até mesmo o esgotamento físico que é a consequência da dança – essas são possíveis causas daquela exaltação que o mago tem que cultivar. No que diz respeito ao mago habilidoso, todos esses fatores estarão contribuindo para a finalidade, produzindo assim um arrebatamento exuberante, vasto como o mais vasto dos mares e tão elevado e abrangente quanto os ventos que sopram dos pólos. E então, como brota a rosa vermelha da terra negra, crescerá da natureza amorfa do homem da terra, sob a luz daquela exuberância, a flor de muitas pétalas da alma restaurada. Grad ativa e lentamente se manifestarão os poderes espirituais e as faculdades latentes como pétalas que procedem do interior. Tal como as flores brancas como neve que florescem na acácia se desenvolvem até que toda a árvore da regeneração seja coberta e dobrada sob o peso de muitas flores, do mesmo modo da raiz do êxtase é desenvolvida a visão e o perfume. Como na lenda rosacruziana a vida dos filhotes de pelicano é mantida pelo recurso de sacrifício da mãe, as forças exteriores do mago são alim entadas quando o ego sucumbe à intoxicação, tanto a partir do espírito interior quanto a partir de seu senhor feudal, os deuses que são invocados de cima. Que nunca se esqueça que o segredo da invocação e de todo ato mágico é "Inflame-se com oração" e "Invoque com freqüência!".

CAPÍTULO IX

Há vários aspectos do procedimento mágico no trabalho cerimonial que é preciso considerar. Que o som, por exemplo, detém um poder criativo ou formativo, isto é há muito reconhecido e conhecido pela maior parte da humanidade. O mantra dos hindus e seus efeitos sobre o cérebro bem como sobre as ramificações nervosas do corpo têm sido o assunto reiterado de considerável

quantidade de experimentos científicos e leigos. Uma teoria racional referente ao mantra sagrado sustenta que sua ação no cérebro pode ser comparada à de uma roda que gira celeremente e por cujos raios nenhum objeto pode passar. Afirma-se que quando o mantra é firmemente estabelecido e o cérebro tenha absorvido automaticamente sua tonalidade fluida, todos os pensamentos, até mesmo o do mantra, são projetados para fora, e na mente esvaziada de todo conteúdo a experiência mística pode acontecer. Há uma outra teoria sustentada por outras escolas de ocultismo que afirma que a vibração estabelecida por um mantra possui um efeito purificador sobre toda a constituição humana; que por meio de sua ação vibratória os elementos mais grosseiros do corpo são gradativamente expelidos, um processo de purificação que ocorre e afeta não apenas o corpo de carne, sangue, cérebro e terminais nervosos como também tanto o corpo de luz quanto a completa estrutura mental dentro da esfera de sua ação. Na admirável biografia de Milarepa, o iogue budista, publicada pela Oxford University Press, existe a seguinte nota de pé de página: "De acordo com a escola Mantrayana está associada a cada objeto e elemento da natureza... uma taxa particular de vibração. Se essa for conhecida, formulada num mantra e utilizada habilmente por um iogue aprimorada, como era Milarepa, afirma-se ser capaz de impelir as divindades menores e elementais à aparição e as divindades superiores a emitir telepaticamente sua divina influência em raios de graça."

Sustenta-se em magia que a vibração de certos nomes divinos conduz à produção de seus fenômenos psicológicos e espirituais. "Por quê?" pergunta Blavatsky em *A doutrina secreta*. Respondendo à sua própria pergunta ela afirma: "Porque a palavra falada possui uma potência desconhecida, insuspeita e desacreditada dos modernos 'sábios'. Porque som e ritmo estão estreitamente relacionados aos quatro elementos dos antigos, e porque certamente esta ou aquela vibração no ar desperta poderes correspondentes, sendo que essa união produz bons ou maus resultados, dependendo do caso".

A lenda que se refere ao Tetragrammaton hebraico é interessante. Aquele que conhece a pronúncia correta de YHVH, chamado Shem ha-Mephoresh, o Nome impronunciável, detém o meio de destruir o universo, seu próprio universo particular e arremessar essa consciência individual ao samadhi. Ademais, a teoria mágica assevera que a vibração estabelecida pela voz humana possui o poder não só de moldar a substância plástica da luz astral sob várias configurações e formas dependendo de seu tom e volume, como também de impulsionar a atenção de entidades e essências metafísicas para aquele molde.

O poder do som pode ser comprovado com absoluta facilidade por meio de alguns experimentos superficiais, mas sumamente interessantes. O proferir do monossílabo Om em voz alta e penetrante se sentirá, sem dúvida, vibrando de maneira notável tanto na garganta quanto no tórax. Através da repetição, a capacidade de aumentar a potência ou frequência das vibrações e a área de sua detonação podem ser ampliadas de modo bastante considerável. Por meio de uma certa quantidade de prática criteriosa, sempre acompanhada do exercício da inteligência, o praticante se achará capacitado a vibrar uma única palavra de maneira a fazer o corpo todo estremecer e tremer sob o impacto do poder da palavra. Por outro lado, a prática também capacitará o aprendiz a limitar, por exercício de sua vontade, a vibração a uma certa área ou localidade de seu corpo. Desnecessário dizer que se deve ter sempre um enorme cuidado, pois não se requer nessa prática que o corpo seja fragmentado ou despedaçado por vibrações es catastróficas.

Há famosos exemplos do poder destrutivo do som causado pela ribombar do trovão ou a explosão de granadas. Temos a história amiúde repetida, e que vale bem a pena mencionar aqui, de um truque realizado por um grande cantor. Ele dá uma pancadinha de leve com a unha do

dedo num copo de vinho de modo a fazê-lo retinir; em seguida, captando a nota com sua voz entoa a mesma nota com sua boca precisamente acima do copo. Passado um momento, estando sua voz vibrando em uníssono com a nota emitida pelo copo, ele bruscamente substitui a nota por uma mais alta, e o copo inesperadamente cai despedaçado. Ele está brincando com a lei da vibração, pois todas as coisas, visíveis e invisíveis, adentram sua esfera, e todo objeto concebível existe num plano definido, possuindo uma taxa de vibração diferente. Toda massa orgânica e inorgânica é composta de uma multidão de centros de energia infinitamente pequenos que, a fim de se aderirem entre si, têm que vibrar conjuntamente. A mudança desta vibração ou destroi a forma ou produz mutações e alterações de forma.

E se há um aspecto destrutivo do som, conclui-se que há outro de formação e criação a ser descoberto mediante experimentação constante e paciente. O efetivo poder de formação pode ser demonstrado muito facilmente. Que o leitor espalhe um pouco de areia fina sobre a caixa de som de um violino, e sem tocar a areia mova o arco levemente sobre uma das cordas. Constatar-se-á que a vibração exerce uma influência formativa, visto que com o soar da nota e sua amplificação na caixa acústica a areia assume curiosas formas geométricas: um quadrado ocasionalmente será formado com muita clareza, ou um triângulo, uma elipse ou um desenho comparável à estrutura de um floco de neve, cristalino e uma coisa de rara beleza. O mesmo experimento pode ser executado sobre uma lâmina de vidro, e dependendo de o arco ser movido lento ou rapidamente de encontro à borda, levemente ou com muita pressão, a areia assumirá uma forma diferente. No violino uma nota suave e profunda naturalmente produzirá uma forma sonora diferente de uma longa nota lamuriosa e lancinante; a brusquidão possui um valor-forma distinto de um vibrato lento. Há em algum lugar nos escritos de Madame Blavatsky o testemunho de que ela própria em uma ocasião, à beira da morte, foi chamada de volta à vida e curada de suas enfermidades através dos poderes inerentes ao som. Todas essas coisas vão ao ponto de mostrar que o som efetivamente possui um valor criativo, devendo ser o objetivo de todo aquele que se supõe mago apurar mediante a prática que tom de voz é mais adequado ao trabalho mágico. A experiência mostra que um sussurro penetrante dos nomes a serem pronunciados constitui o método mais satisfatório, uma voz que mais vibra do que pronuncia claramente sendo o que é requerido.

A vibração de nomes divinos é portanto um aspecto essencial na prática da magia porque o conhecimento do nome de qualquer ser – e no conhecimento está incluída a capacidade de vibrá-lo e pronunciá-lo corretamente, bem como uma compreensão de suas implicações cabalísticas – corresponde a deter uma espécie de controle sobre ele. O conhecimento do nome pode ser adquirido pela aplicação de princípios cabalísticos, de modo que no nome é possível encontrar um resumo das forças e poderes que lhe são inerentes. Numa palavra está a magia contida, e uma palavra corretamente pronunciada é mais forte, diz Lévi, do que os poderes do céu, da terra ou do inferno. A natureza é comandada com um nome; os reinos da natureza, do mesmo modo, são conquistados e as forças ocultas que compreendem o universo invisível obedecem àquele que pronuncia com compreensão os nomes incomunicáveis. "Para pronunciar esses grandes nomes da Cabala, de acordo com a ciência, temos que fazê-lo com pleno entendimento, com uma vontade por nada detida, com uma atividade que nada pode repelir."

A vibração de nomes divinos, então, constitui uma das mais importantes divisões de uma invocação cerimonial. Os incensos, perfumes, cores, sigillae e luzes em torno do círculo mágico auxiliarão na evocação da idéia ou espírito desejados a partir da imaginação, e para que se manifestem numa roupagem apropriada, coerente e tangível ao exorcista. Não somente deve haver intenção e pensamento, como também a expressão concreta do pensamento numa ação ou

numa palavra a qual, para a id éia, tem que ser como um logos. À guisa de ilustração do modo de vibração, suponhamos que um exorcista deseje invocar os poderes pertencentes à esfera de Geburah. Apurar-se-á que seu planeta é Marte, cuja qualidade essencial é energia e força cósmicas resumidas na divindade Hórus, seu arcanjo será Kamael, seu espírito Bartsbael e a Sefhira aos quais estes são atribuídos ostenta o nome divino Elohim Gibor. Quando na cerimônia mágica que o teurgo impulsiona chega o momento de pronunciar o nome divino, que ele aspire muito profundamente, lenta e energicamente. No instante em que o ar exterior tocar as narinas, deve-se imaginar claramente que o nome do deus, Elohim Gibor, está sendo aspirado com o ar. Figura-se o nome sustentado nas alturas em grandes letras de fogo e chama e à medida que o ar lentamente enche os pulmões, deve-se imaginar que o nome permeia e vibra através de toda a estrutura do corpo, descendo gradualmente através do tórax e do abdômen, até as coxas e pernas atingindo, os pés. Quando parecer que a força toca a parte mais inferior das pernas, se expandindo e se difundindo para cada átomo e célula do pé – e a prática tornará essa façanha da imaginação menos difícil do que aparenta – o teurgo deverá assumir uma das poses características do deus Hórus exibidas nas vinhetas do Livro dos mortos do Antigo Egito. Uma delas, o sinal do ingressante, consiste em arrojar o pé esquerdo para a frente e inclinar o corpo para a frente, ambos os braços sendo primeiramente levados à cabeça e atirados à frente como se projetando a força mágica para o triângulo de evocação. À medida que este sinal está sendo assumido, ao mesmo tempo que os pulmões estão expirando o ar carregado com o nome, deve-se-á imaginar intensamente que este se eleva rapidamente a partir dos pés, através das coxas e do corpo, sendo então arremessado energicamente com um vigoroso grito de triunfo. Se o corpo inteiro do mago sentir-se inflamado de força e energia, e tropejando no interior de seus ouvidos proveniente de toda porção de espaço circundante ele ouvir o eco ressonante do nome vibrado magicamente, ele poderá estar seguro que a pronúncia foi corretamente feita. O efeito da vibração dos nomes divinos consiste em estabelecer um sinal na luz astral superior, ao qual responderá diligentemente a inteligência evocada. Outros gestos e outros sinais existem para cada um dos deuses e poder-se-á saber o que são esses sinais mediante o estudo das formas divinas egípcias.

Estreitamente aliada à vibração dos nomes divinos encontra-se um outro ramo da magia. É possível que o aprendiz tenha notado em alguns rituais muitas palavras incompreensíveis numa língua estranha ou desconhecida, palavras conhecidas tecnicamente como "nomes bárbaros de evocação", as quais os Oráculos caldeus nos aconselham a jamais alterar "pois são nomes divinos que possuem nos ritos sagrados um poder inefável". Originalmente, tudo que se entendia pelos "nomes bárbaros" era que se tratava de palavras no dialeto dos egípcios, caldeus e assírios, considerados bárbaros pelos gregos, e G. R. S. Mead prefere traduzir a expressão para "nomes nativos". Jámblico, respondendo às indagações de Porfírio sobre esse ponto, declara: "Aqueles que aprenderam em primeira mão os nomes dos deuses, os tendo mesclado com sua própria língua, os entregaram a nós, para que pudéssemos sempre preservar inalterável a lei sagrada da tradição numa linguagem peculiar e a eles adaptada... Os nomes bárbaros, igualmente, detêm muita ênfase, grande concisão e participam de menos ambigüidade, variedade e multiplicidade". A experiência confirma que as mais poderosas invocações são aquelas em que estão presentes palavras pertencentes a uma língua estranha, antiga ou talvez esquecida; ou até mesmo aquelas expressas num jargão degenerado e, pode ser, sem significação. Nesses conjuros, a qualidade que mais se destaca é o fato de a língua empregada ser sempre muito vibrante e sonora, sendo esta sua única virtude, pois são caracteristicamente eficazes quando recitadas mediante entonação mágica, cada sílaba sendo cuidadosamente

vibrada. Por uma razão ou outra, descobriu-se que a recitação desses nomes conduz à exaltação da consciência, exercendo uma fascinação sutil na mente do mago. "A magia dos antigos sacerdotes consistia naqueles dias...", pensava Madame Blavatsky, "...em se dirigir a seus deuses em sua própria língua... composta de sons, não de palavras, de sons, números e figuras. Aquele que sabe como conjugar os três invocará a resposta do poder superintendente. Assim essa língua é a dos encantamentos ou dos mantras, como são chamados na Índia, sendo o som o mais potente e eficaz agente mágico, e a primeira das chaves que abre a porta de comunicação entre mortais e imortais".

A base racional e a explicação da exaltação não estão muito afastadas da experiência geral. Não é única e nem se limita exclusivamente ao trabalho cerimonial ou teúrgico. Lê-se amiúde de poetas que se tornam enlevados, por assim dizer, pela repetição de versos e nomes rítmicos; de fato, muitos dos poemas de Swinburne constituem um esplêndido exemplo de tal poesia. Ouve-se falar, também, de crianças precoces que são singularmente afetadas por aquelas passagens da Bíblia nas quais exist em longas listas de estranhos nomes e lugares hebreus. Thomas Burke, o eminente romancista, uma vez informou-me que quando era jovem, os nomes das cidades e países do continente sul-americano atuavam para ele como fascinações de quase encantamento, exercendo um poder oculto. Nomes como Antofagasta, Tierra* del Fuego, Antanonoriva e Venezuela são efetivamente nomes bárbaros para conjuração. Lembro-me, também, da leitura em certa ocasião de um poema da autoria de William J. Turner, o crítico de música, no qual ele conta que quando menino as palavras e nomes mexicanos exerciam um fascínio sobre ele, tais como Popocatapetl, Quexapetl, Chimborozo e similares. Os nomes por si mesmos nada transmitem a uma imaginação fértil e desenvolvida; a exaltação da consciência se deve quase que inteiramente ao ritmo e a sua música, a fascinação dos nomes penetrando o domínio da imaginação, onde é agarrada para despertar um frenesi ou excitação peculiares. Em todo caso, resta pouca dúvida de que as muitas palavras bárbaras, formidáveis e de aparência quase medonha que ressoam e são vociferadas em tantas das melhores invocações provenientes da Antigüidade, exercem um efeito estimulante na consciência, exaltando-a ao grau exigido pela magia. A invocação do "não-nascido", cujos elementos básicos são encontrados em alguns fragmentos greco-egípcios e que está reimpressa no último capítulo deste livro, é talvez o mais notável exemplo. Como ritual é considerada por muitos como um dos melhores, sendo repleta de palavras estranhas ricas em música e excitações primitivas, sonoras ao mais alto grau. Muitos dos rituais e invocações utilizados pelo astrólogo elisabetano dr. Dee, que trabalhava em colaboração com seu colega Sir Edward Kelly, constituem também espécimes marcadamente bons dessa linguagem. Na verdade, pode-se considerar os rituais de Dee como únicos. São escritos quase que totalmente, à exceção de algumas palavras hebraicas, numa língua curiosa chamada angélica< /i> ou enoquiano, segundo Dee ditada a ele pelos anjos. Independentemente de sua origem, apurou-se que as invocações expressas nessa língua atuam com uma peculiaridade e uma força constatadas em nenhuma outra língua.

* Ou melhor, Tierra. (N. T.)

Típico das palavras bárbaras, pode-se fazer citações extraídas de vários rituais. A que se segue é retirada dos conjuros de Dee:

"Eca, zodocare, Iad, goho. Torzodu odo kikale qaa! Zodacare od zodameranu! Zodorje, lape zodiredo Ol Noco Mada, das Iadapiel! Ilas! hoatahe Iaida! "

Presente no capítulo CLXV da recensão Saite do Livro dos Mortos, encontra-se uma petição a Amen-Ra, onde os mais poderosos dos nomes mágicos do deus são recitados: "Salve, tu Bekhennu, Bekhennu! Salve, príncipe, príncipe! Salve, Amen. Salve, Amen! Salve Par, salve

Iukasa! Salve, deus, príncipe dos deuses das partes orientais dos céus, Amen-Nathekerethi-Amen. Salve tu cuja pele está oculta, cuja forma é secreta, tu, senhor dos dois cornos nascidos de Nut, teu nome é Na- ari-k, e Kasaika é teu nome. Teu nome é Arethi-kasatha-ka, e teu nome é Amen-naiu-anka-entek-share ou Thekshare-Amen Rerethi! Salve, Amen e permite-me fazer a súplica a ti pois eu conheço teu nome... Oculto é teu discurso, ó Letasashaka, e eu fiz para ti uma pele. Teu nome é Ba-ire-qai, teu nome é Marqatha, teu nome é Rerei, teu nome é Nasa-qebu-bu, teu nome é Thanasa-Thanasa; teu nome é Sharshathakatha."

Um outro excelente exemplo, quicá um dos melhores no que diz respeito à aparente ininteligibilidade dos nomes, acha-se no Harris Magical Papyrus, do qual uma tradução inglesa pode ser encontrada nos Fac-símiles de Papiros Hieráticos do Museu Britânico.

"Adiro-Adisana! Adirogaha-Adisana. Samoui-Matemou-Adisana!

"Samou-Akemoui-Adisana! Samo-deka! Arina-Adisana! Samou-dekabana-adisana! Samou-tsakarouza- Adisana! Dou-Ouaro-Hasa! Kina! Hama! (Pausa) Senefta-Bathet-Satitaoui-Anrohakatha-Sati-taoui! Nauouibairo-Rou! Haari!"

No fragmento a que já nos referimos do ritual greco-egípcio, editado por Charles Wycliffe Goodwin para a Cambridge Antiquarian Society em meados do século passado, aparecem também nomes exemplares: "Eu te invoco, deus terrível e invisível que habitas o sítio vazio do Espírito: Arogogorobrao, Sothou, Modorio, Phalarthao, Doo, Apé, O Não-nascido."*

** Isto é, século XIX. (N. T.)*

Entretanto, tanto do ponto de vista da pesquisa quanto da filosofia concorda-se que o conhecimento da Cabala em todos os seus ramos constitui um suplemento importante e considerável à prática do mago. Como o mago se aplica em tornar sua vida compreensível e em interpretar todo incidente que lhe é inerente como uma transação de Deus com sua alma, de maneira que todas as coisas possam tender para sua iluminação espiritual, poderia parecer incongruente que ele contradissesse essa deci são incorporando palavras sem significado e sem sentido em suas invocações. Acima de tudo, a consistência e a coerência interna tipificam a mente do mago. Conseqüentemente negligenciar os princípios exegéticos da Cabala é deixar desprotegidos os canais através dos quais o caos e a incoerência poderão invadir o sanctum de cognição. Toda palavra bárbara deveria ser tão cuidadosamente estudada e compreendida em termos de grau de atenção e erudição quanto uma análise da Crítica da Razão Pura de Kant, permitindo-se a significação oculta penetrar abaixo do nível de consciência onde, durante a cerimônia, possa auxiliar na produção da excitação requerida. E a revelação do real espírito dos nomes bárbaros não pode dispensar um bom conhecimento funcional da Cabala.

Por exemplo, consideremos a palavra "Assalonoï" constante numa outra parte do fragmento greco-egípcio. A primeira letra sugerirá Harpócrates, o Senhor do Silêncio, que é o Bebê no Lótus e o Puro Louco do tarô, o inocente Percival que silenciosamente se põe em busca do Cálice Sagrado. É apenas ele que, devido à sua loucura mundana mas também à sua sabedoria e inocência divinas, pode chegar incólume ao fim. O "s" será visto como se referindo à carta do tarô que representa o Santo Anjo Guardiã que ostenta no peito um sigillum que tem gravadas as letras do Tetragrammaton. "Al" pode ser interpretado como sendo a palavra hebraica para deus, bem como "on" é um nome gnóstico. Pode-se supor que o sufixo "oi" indique o pronome possessivo meu, de sorte que considerada em sua totalidade, a palavra é, na realidade, um resumo de uma invocação completa do Santo Anjo Guardiã.

Consideremos agora "Phalarthao", palavra na mesma invocação. "Phal" é obviamente uma abreviação de falo, que de acordo com Jung é o símbolo das faculdades criativas de um ser humano. Ele o define, aliás, como "um ser que se move sem membros, que vê sem olhos e

conhece o futuro; e como representante simbólico do poder criador universal, em todo lugar existente, a imortalidade está indicada nele. É um vidente, um artista e um operador de prodígios&q uot;. Submetendo-se as duas letras "ar" ao processo cabalístico denominado Temurah, teremos Ra, o deus-Sol, que verte sua copiosa generosidade em luz, calor e sustento sobre todo o mundo da matéria, e que proporciona graça e iluminação espirituais à vida interior. O "th" é Tes, a serpente leônica que é a essência da vida física, conferindo substância à visão espiritual. "A" é o raio de Thor, as forças mágicas do Adepto postas em movimento e o "o" representa o bode montês e o aspecto fecundo criativo do ser do homem.

A palavra "Adisana" que aparece com muita freqüência no elenco de nomes bárbaros fornecidos pelo Harris Magical Papyrus, traz à mente uma alusão teosófica. As Estâncias de Dzyan apresentadas em A Doutrina Secreta mencionam a palavra sânscrita Adi-Sanat. Blavatsky explica que essa sugere equivalência com Brahma e a Sephira da Cabala, Kether, e significa o Criador uno. O mago pode assim supor que a palavra egípcia, na falta de conhecimento mais preciso e definido, é, portanto, uma referência à coroa, a mônada no homem e no cosmos.

Ainda outros métodos podem ser concebidos para tornar inteligíveis os nomes bárbaros para que nos ritos nenhuma falha possa desfigurar a integridade e consistência da consciência de alguém.

No que concerne ao uso prático – a exaltação da alma – um método esboçado por Therion pode ser de alguma utilidade. Supondo-se que a cerimônia culmine numa grande invocação, cujo ápice inclui muitas dessas palavras especiais, é possível empregar uma técnica específica, a qual, contudo, implica um pouco de treinamento da imaginação. Essa faculdade deve ser desenvolvida de modo que qualquer imagem de qualquer objeto possa ser formulada claramente diante do olho da mente com v ívida distinção e completude; e não apenas isso, mas de maneira que a formulação possa ser sustentada por algum tempo. Durante a invocação, o teurgo deve imaginar que a primeira dessas palavras intoxicantes é como um pilar de fogo se estendendo como uma coluna vertical e reta na luz astral. À medida que as letras do nome deixam seus lábios e são impelidas para o éter, que ele imagine que sua própria consciência no corpo de luz segue essas letras em sua jornada pelo espaço sutil e é arremessa do violentamente ao longo daquele eixo. A palavra bárbara seguinte deve ser concebida ocupando uma coluna talvez duas vezes mais longa ou mais alta que a precedente, de modo que quando a última palavra de invocação for atingida – ignorando no momento a ação e poder inerentes à própria invocação – a consciência será supremamente intoxicada e o ego será subjugado por um sentimento de espanto e fadiga. O eixo deve ser visto no fim para crescer em estatura diante do olho espiritual, ascender cada ve z mais alto até que a imaginação seja quase fulminada pela grandeza e imensidão assomadas que gradualmente criou. Esse sentido de temor e maravilhamento produzido por esse viajar no eixo ígneo de cada palavra bárbara é o precursor certo da exaltação e êxtase mágicos. E com a prática o teurgo inventará outros métodos, mais adequados ao seu próprio temperamento e para o emprego satisfatório dessas palavras.*

** Aleister Crowley. (N. T.)*

— — —

Para o avivamento do trabalho cerimonial a dança, a música e o toque de sinos constituem outros acompanhamentos complementares. Os toques de sinos e sons produzidos por percussão deverão estar em harmonia no que diz respeito à quantidade e ao tipo de operação. Seu uso visa a anunciar o domínio, registrar a nota do triunfo do mago e recuperar a atenção desviada. Quanto à música, trata-se de um assunto muito mais complicado porquanto sua apreciação varia largamente de indivíduo para ind ivíduo. É, de preferência, omitida em muitas invocações

visto que tende mais ou menos a distrair a atenção do teurgo, embora como prelúdio possa ajudar no êxtase e exaltação. Exige a presença de um músico ou músicos e qualquer sinal de embaraço ou falha técnica deste ou destes atrai discordância e fracasso. O violino ou a harpa, produzindo as notas de maior transcendência e exaltação, podem, ocasionalmente talvez ser empregados.

O tuntum com seu selvagem e apaixonado tamborilamento pelos dedos é útil em outros tipos de trabalho nos quais se requer a excitação da energia, ou até mesmo a tranqüilização da mente. Trata-se simplesmente de forçar a mente a acompanhar o compasso rítmico do tuntum, que pode ser aumentado ou gradativamente reduzido até quando tiver desvanecido num silêncio abrandado, seguir-se-á a paz de uma mente tranqüila. A música oriental consiste principalmente desse tipo monótono, encerrando assim um motivo religioso ou místico. Numa apresentação de balé à qual um amigo deste escritor foi convidado em Java, havia cerca de doze dançarinos que envergavam trajes e máscaras grotescos embora deslumbrantemente coloridos, típico do Oriente ostentatório. A orquestra era constituída por cinco músicos: três tocando um instrumento parecido a um enorme xilofone cobrindo apenas cinco notas, e dois percutindo tambores javaneses. Num teatro externo a dança, principalmente produzida com as mãos e os dedos, durou cinco horas sem um único interlúdio. Todo o tempo os aplicados membros da orquestra nativa fizeram soar seus ritmos monótonos até que pareceu aos europeus como se os sentidos e a mente sucumbissem ao ritmo tedioso, passando finalmente ao silêncio.

Uma dança ligeira, de passos curtos, digamos uma simples dança de dois passos, pode ser útil, e acompanhada por um tuntum e um mantra mental dentro de um círculo ou câmara consagrados poderá ser utilizada como elemento precursor do êxtase. Essa dança é particularmente interessante ao mago visto que sua característica é ritmo e a totalidade da natureza é a corporificação de ritmo e graça, ambos aspectos da dança. A dança na natureza é mostrada no crescimento e movimento, pois o movimento é o elemento essencial da vida, o tema representado num palco infinito. Os êxtases da natureza e suas criaturas passaram ao uso ordinário, reaparecendo reiteradamente na linguagem popular. A música das esferas e a dança das hostes dos planetas e corpos celestes nas infinitudes do espaço sempre receberam a devida atenção nas mãos dos maiores filósofos e poetas que sondaram o coração das coisas. Com freqüência, também, se fala – por meio de clichês, é verdade – das cambalhotas dos cordeiros e dos cabritos saltando nos prados verdes; a dança flutuante das nuvens e a pronta ressaca e retirada dos vagalões do mar. Esses fenômenos, o que não são senão a participação conjunta na dança da vida que diariamente, ano após ano, século após século, prosseguem imutados e inalterados e que em sua perpetuidade tem que ser considerada como a própria encarnação do júbilo!

No que concerne ao emprego da dança em operações mágicas, deveria ser absolutamente suficiente o indício fornecido pela dança dos dervixes islâmicos. Esses místicos maometanos são orgulhosos de uma dança que não é, como alguns pensaram, um frenesi descontrolado. No início é precisamente o contrário. Subjacente à sua representação há um motivo altamente religioso: êxtase e união com Alá. De uma posição estacionária eles gradativamente aumentam a velocidade de sua rotação e com os braços estendidos rodopiam com uma tal celeridade que parecem não estar se movendo em absoluto. Em pouco tempo, esse movimento rotativo induz a uma vertigem tanto corporal quanto mental, a qual por puro esforço da vontade, tem seu efeito adiado e é expulsa da consciência. A dança finalmente culmina no colapso do dervixe num estado de completa inconsciência, e não somente nisto, o que acho importante, como também num estado do mais elevado êxtase. Alguns, ademais, podem estar familiarizados com nomes tais como Shri Chaitanya e seu discípulo Nityananda que vagavam pela Índia no século XV,

cantando e pregando, e dançando alegremente a doutrina de Bhakta ou união com Deus por devoção. Houve também em anos relativamente recentes a figura do eminente mestre religioso Shri Ramakrishna Paramahansa, cujas freqüentes canções e danças devotas eram tão carregadas de fervor e forte emoção que se diz que transformações morais e espirituais foram produzidas naqueles que tiveram o privilégio de assisti-las. Muit as dessas pessoas, afirma a reportagem, ficavam tão tomadas pela emoção profunda e o arrebatamento de bem-aventurança à vista do mestre dançando que caíam em êxtases e desmaiavam.

No que se refere ao moderno teurgo, o principal objetivo da dança é obter uma exaustão física e uma cessação de todo pensamento. No domínio dessa negatividade, se tiver sido induzida dentro de uma área adequadamente consagrada e banida, pela qual nenhuma entidade ousará se imiscuir exceto a força previamente tornada manifesta mediante as invocações, a presença espiritual invocada poderá se encarnar. Essa é a idéia fundamental da dança, embora alguns possam preferir omiti-la por completo de suas cerimônias. Cada tipo de força, pertencente às várias Sephiroth, disporá de seu próprio tipo de dança, com seu próprio passo e seu próprio tempo.

Um movimento comum à maioria das invocações, que é menos dança do que um ligeiro movimento a passos curtos ou o rodopio, é o circumpercorso. De vez em quando, é exigido do mago que ele ande de algum dos pontos cardeais um certo número de vezes em torno do círculo, o número específico determinando a natureza da força a ser invocada. Ademais, a direção do circumpercorso, seja para o leste ou oeste, determinará se ele está invocando ou banindo. Um movimento dextrógiro, isto é, horário, invocará, e um movimento sinistrógiro, o precisamente oposto, anti-horário, banirá. Tradicionalmente, o circumpercorso no círculo constitui um método maravilhoso para adquirir potencial e despertar o entusiasmo e força necessários.

CAPÍTULO X

Nos capítulos anteriores empenhei-me em mostrar de que maneira a teurgia concebe a vontade e a imaginação como sendo os instrumentos da reconstrução do ser humano. Entretanto, me proponho a prosseguir com a questão de tal emprego da imaginação, porquanto a mais fundamental tarefa da magia a isso concerne. Considerando-se que a substância plástica da luz astral é de modo peculiar suscetível à manipulação de correntes imaginativas, e considerando-se que as imagens confeccionadas nessa luz produzem alterações perceptíveis, se a vontade for suficientemente forte para vitalizar essas imagens, o mago procurará aplicar esses fatos à sua própria esfera. Atentemos para o fato de que segundo todas as autoridades, a luz astral é tida como de natureza dupla. Há o aspecto astral básico, a chamada serpente enganadora, ocupado pelos cascões decadentes e os fantasmas, e o plano superior, no qual existe uma riqueza de imagens reais, idéias e sugestões espirituais. Eleva r-se além da serpente astral até o astral superior constitui obviamente uma tarefa mágica primordial. Invocações do Santo Anjo Guardião e a união teléstica com os deuses e essências universais constituem os métodos supremos de transcender os planos etéreos mais baixos, mas essas são metas máximas às quais todos os métodos e técnicas passam a servir. Visando a tornar as difíceis metas da invocação e da união mais facilmente obténíveis e menos árduas, os teurgos recomendam uma prática em que o sucess o confere a capacidade de conscientemente transcender o astral inferior e deliberadamente ascender até mesmo além do astral superior rumo aos fogos divinos sem forma dos domínios espirituais. Visto que todos os planos da natureza e todas as forças que se mantêm no universo estão representados na constituição interior do homem, o plano astral em seu aspecto duplo se acha, do mesmo modo, dentro dele. O aspecto inferior, a fase lunar, corresponde ao princípio humano de Nephesh enquanto que se poder ia supor que o plano

superior corresponde a Sefhira central da Árvore da Vida, Tiphareth, o coração pulsante de Ruach e até mesmo se estende aos limites de Neschamah. Com o aspecto lunar inferior do astral, a região dos cascões qlifóticos, demônios e fantasmas em dissolução dos mortos, o mago tem pouco ou nada a fazer; sua aspiração é dirigida àquilo que está acima, nas camadas superiores da Árvore viva. "Não te inclina para baixo", advertem os Oráculos Cald eus, "para o mundo tenebrosamente esplêndido, onde repousam continuamente uma profundidade sem fé e Hades envolvido por nuvens, se deliciando com imagens ininteligíveis, precipitadas, tortuosas, um abismo negro sempre rodopiante, sempre desposando um corpo não-luminoso, amorfo e vazio... Não fiques no precipício com a escória da matéria pois existe um lugar para tua imagem num domínio sempre esplêndido." É o "domínio sempre esplêndido" que realmente diz respeito ao teurgo já que ne le estão as forças e poderes que podem se revelar sumamente prestativos a ele em sua busca. Dentro do Nephesch duplo existe um princípio energético substantivo e vital. O primeiro é o chamado corpo astral ou a duplicata sutil à qual o corpo físico deve sua contínua existência e subsistência. Embora o desenvolvimento desse corpo de Nephesch constitua efetivamente um certo ramo da magia, não é nossa intenção tratar dele aqui já que tem pouca conexão com a alta teurgia. Pertencente ao do múnio de Tiphareth existe um aspecto superior desse corpo astral que realmente entra de maneira muito ampla na teurgia prática. Não é realmente um corpo astral no sentido de um modelo vital que proporciona vida ao físico, mas sim um corpo mental ou de pensamento, o veículo direto das faculdades ideais e espirituais, cuja substância é aquela do astral superior ou divino. De acordo com Blavatsky é o Mayavi-rupa, o corpo de pensamento ou de sonho, o invólucro da mente, memória e emoção, conheci do e chamado em teurgia de corpo de luz. Ora, os teurgos sustentam que esse corpo de luz pode conscientemente ser separado e projetado do corpo, sendo Blavatsky da opinião de que aquele que é capaz de fazer isso é um Adepto! "Separarás o leve do denso atuando com grande sagacidade", aconselha Hermes Trismegistos*. Este corpo de luz, como o veículo dos princípios superiores, pode ser empregado para investigar o mundo interior visando a apurar sua natureza real, e assim a natureza do próprio homem, porquanto as leis do universo são as da mente e vice-versa. O astral superior, com o qual nos tornamos familiarizados através da instrumentalidade do corpo de luz é usado assim como uma escada, por assim dizer, por meio da qual o teurgo ascende ao domínio do espírito supremo, ígneo, criativo e estático.

* Trismegistos, três vezes grande. (N. T.)

Conseqüentemente constituem naturalmente um fundamento da magia prática a projeção desse corpo sutil, a aquisição da faculdade de nele atuar com a facilidade com que o fazemos no corpo denso, o treinamento e a educação desse corpo de luz no sentido de satisfazer aos desejos do teurgo. A capacidade de ter êxito nessa fase particular do trabalho depende inteiramente do fato de o mago ter treinado sua imaginação, pois essa é a alavanca mágica para a projeção proposta.

A técnica, em resumo, é a seguinte: sentado confortavelmente numa cadeira – ou, tanto melhor, numa postura de ioga em que se foi treinado, no que nesse caso é fácil – e tranquilizando sua mente e emoções o máximo possível, o mago deverá tentar imaginar de pé diante dele uma exata duplicata de seu próprio corpo. Caso o mago tenha se envolvido com muita prática dos símbolos dos tattvas ou com os exercícios espirituais de Sto. Inácio e aqueles descritos numa seção anterior deste estudo, não se defrontará com nenhuma grande dificuldade para formular essa imagem. O teurgo deve conceber vividamente que um simulacro de seu próprio corpo se posta diante dele na mente; e que está vestido como o mago está vestido, de manto mágico com bastão ou espada, dependendo do caso, e que se apresenta de pé ereto, ou sentado numa cadeira, ou

numa cômoda e confortável Asana. Caso o mago esteja sentado, a imagem igualmente deverá ser vista sentada. Mediante um supremo esforço da vontade deve-se fazer essa imagem se mover na mente e, observada muito rigorosamente todo o tempo, erguer-se pondo-se ereta sobre seus pés. A parte mais difícil da tarefa do mago se avizinha agora. Para o corpo de luz ele tem que transferir sua própria consciência e é essa transferência que pode se revelar um pouco difícil, pois por vezes ela simplesmente não ocorrerá.

Nesse caso, exercendo cada milímetro de sua vontade e aplicando todo o poder de sua imaginação o máximo possível de maneira que imagine e queira estar no corpo de pensamento, o teurgo deve fazê-lo executar várias ações. A execução de um ritual como o ritual do banimento do pentagrama é um esplêndido exercício, visto que por seu intermédio impele-se o corpo de luz ao movimento, a girar sobre seu próprio eixo e a proferir palavras. Com persistência, o mago poderá constatar depois de várias tentativas que em vez desse corpo de luz executando o ritual como um autômato sob sua observação, ele próprio o estará executando dentro do próprio corpo de pensamento. Esses métodos soltam as vigas-mestras da alma e abrem os portais fortemente trancados da mente. Além disso, pode acontecer que à medida que o mago recita uma invocação, seguindo mentalmente cada um dos pontos do ritual com atenção e cuidado, ele se descobrirá quase sem sabê-lo no corpo de luz. O efeito estimulante das palavras, as sugestões que elas incorporam devem, em alguns casos, ajudar materialmente na transferência. "Eu piso sobre as alturas! Eu piso sobre o firmamento de Nu! Eu ergo uma chama rutilante com o relâmpago de meu olho, sempre impelindo para a frente no esplendor do Ra glorificado diariamente, outorgando minha vida aos habitantes da terra!" "Eu ascendo, ascendo como um falcão de ouro!" As duas primeiras sentenças, particularmente, se recitadas com entendimento e sentimento devem muito compreensivelmente bastar no caso de alguns indivíduos para produzir o resultado desejado. Mesmo fisicamente, essas palavras forçam alguém a se erguer nas pontas dos pés, como se pisando sobre o firmamento de Nu, e os veículos sutis, sem dúvida, acompanharão. O sucesso tendo sido atingido, a transferência deveria ser praticada reiteradamente até que finalmente o mago possa vestir sua estrutura física e dela despir-se tal como um homem comum se despe de seu sobretudo. Mas uma vez realizada a projeção efetiva, começa a verdadeira tarefa, já que o corpo de luz tem que ser treinado para mover-se e ver no plano astral; isto embora pouco tempo seja suficiente para que responda ao treinamento, tornando-se então capaz de se mover e ver com a própria rapidez de relâmpago do próprio pensamento.

Tão logo conseguiu habitar o corpo de luz, o teurgo deverá empenhar-se em ver com seus sentidos astrais. Deve tentar ver as coisas e objetos físicos existentes no apartamento que acabou de deixar, observando o corpo, sua habitação terrestre anterior, os móveis, as paredes, o teto e tudo o mais. Quando descobrir que isto pode ser feito de maneira inteiramente simples e que os sentidos astrais respondem de modo totalmente descontraído, então poderá elevar-se diretamente rumo aos céus e observar o que de lá pode ser visto. Tudo é principalmente uma questão de educação. Do corpo de luz, do veículo solar flamejante do anjo precisa ser feito um digno instrumento, e tal como se ensina a uma criança de um ano como falar, engatinhar e andar, deve-se treinar esse sutil corpo de pensamento a atuar perfeitamente em seu próprio plano.

Será nessa prática que o teurgo descobrirá que o que eram símbolos convencionais no mundo exterior são realidades dinâmicas que vivem sua própria existência nesse astral ou mundo do pensamento. E sua meta deverá ser investigar esse domínio inteiramente na multiplicidade dos aspectos e departamentos que ele continuamente apresenta, visto que realmente coincide com os

limites de seu próprio conhecimento consciente e subconsciente. Com esse único objetivo em vista, várias tarefas abrangentes deverão ser empreendidas. Aqueles símbolos dos tattvas que foram anteriormente os objetos de concentração e o exercício da imaginação podem ser utilizados como sigillae por meio dos quais sejam produzidas visões que revelarão a natureza invisível do símbolo. No corpo de luz uma porta poderia ser imaginada, na qual está inscrito um triângulo equilátero vermelho de Tejas, como um exemplo. Atravessando essa porta e observando o tipo de paisagem, os seres angélicos que falam ao teurgo e as conversações que se seguem devem dar a este uma boa idéia da significação e do sentido implícitos do símbolo. Ora, parece haver uma relação absoluta entre símbolos e realidades visionárias no plano astral. A visão do tattva deve ter provado isso de forma inquestionável. Estão registrados inúmeros exemplos de um símbolo que é dado a um skryer, símbolo com o qual ele jamais esteve antes familiarizado e que nunca vira antes. O significado do símbolo só é conhecido do detentor do mesmo. O resultado da visão obtida ilumina e corrobora o conhecimento do detentor do símbolo. Este procedimento tem sido seguido repetidas vezes e igual número de vezes uma visão que concerne com precisão à natureza do símbolo tem sido obtida, sendo aconselhável que o procedimento seja utilizado relativamente aos outros símbolos e subelementos dos tattvas. Do mesmo modo devem ser investigados por esses meios os símbolos astrológicos dos planetas, os signos do zodíaco bem como as imagens do tarô. Isso deve descortinar um vasto campo de pesquisa para cada mago já que em primeiro lugar uma espécie totalmente nova de conhecimento pode assim ser adquirida. A natureza de um símbolo até então desconhecido para ele pode ser investigada e uma significação baseada na observação e experiência vinculada a ela. Inúmeros experimentos abrangentes devem ser concebidos com o propósito de familiarizar o mago com a natureza do plano.

Quando essas visões astrais não conferem nenhum conhecimento real, devem ser descartadas como meros exercícios técnicos mediante os quais se obtém competência. A habilidade tendo sido conquistada, e estas visões de experiência vital não sendo mais encontradas nem um novo conhecimento adquirido, desaparece o valor da prática. Sabe-se que algumas pessoas tolas que são capazes de viajar no astral nada mais fazem, nada conquistando e sem nenhum benefício. Para elas, uma visão astral não tem significação espiritual, e a intoxicação astral é a forma insidiosa de corrupção espiritual, que então se apodera delas, e elas vagam perdidas, degenerando em meros "vagabundos" astrais. Que o aprendiz registre isso no coração: o astral tem que ser empregado ou para obter conhecimento definido ou para servir de trampolim, um degrau na escada celestial rumo a planos ainda mais sutis; caso contrário, só haverá aí estagnação contínua, dominada pela intoxicação, emaranhada nos laços sedutores serpentes que tentam o imprudente e o temerário. Trata-se de um mundo reflexivo onde se pode perder-se facilmente a menos que a aspiração seja pura e forte. Horas, dias e até anos podem ser gastos em visões fúteis que resultam em tão pouco proveito quanto permanecer horas a fio olhando-se num espelho. "Para aqueles aos quais em sua evolução espiritual surgem essas aparições eu diria: tente ser o senhor de sua visão, e busque e evoque a mais grandiosa das memórias terrenas, não aquelas coisas que apenas satisfazem a curiosidade, mas as que engrandecem e inspiram e nos proporcionam uma visão de nossa própria grandeza; e a mais nobre de todas as memórias da Terra é o augusto ritual dos antigos mistérios, nos quais o mortal, em meio a cenas de inimaginável grandeza, era despido de sua mortalidade e tornado membro da companhia dos deuses*."

* The candle of vision, de A. E.

É mister que se informe que existem métodos mediante os quais é possível que o teurgo teste a exatidão de sua visão e apure se não foi grosseiramente ludibriado por elementais ou pela natureza de sua própria mente geradora de fantasias. Graças a esses métodos evita-se, inclusive, a possibilidade de perder-se no labirinto de fantasmagoria astral. Supondo-se que o teurgo tenha obtido uma visão de Mercúrio, digamos através dos selos mercurianos de Cornélio Agrippa ou a Clavícula de Sa lomão, o Rei, ao retornar ao seu corpo, sua primeira tarefa deveria ser anotar a experiência num diário especial mantido para essa finalidade. De passagem, deveria ser feito o pedido da vida do mago no sentido de conservar um diário cientificamente elaborado com o registro das visões e experimentos mágicos, já que isso conduz à ordem e ao equilíbrio que é a direção para a qual sua aspiração tende. Que se frise que essas visões devem ser registradas de uma maneira verdadeiramente científica porquanto o registro elimina muitas possibilidades de ambigüidade, considerando-se, ademais, que a memória nem sempre é infalível ou confiável após o transcurso de um certo período de tempo, o procedimento que poderá ser novamente acompanhado na verificação e averiguação da visão devendo ser registrado por escrito. Imediatamente após cada experiência e visão dever-se-á dar atenção ao diário.

Nas colunas do Magus de Barrett ou no De occulta philosophia, no qual se baseia muito do primeiro, no Liber 777 de Crowley e no Garden of Pomegranates de minha autoria encontrar-se-á uma ampla gama de correspondências naturais e simbólicas a cada um dos trinta e dois caminhos da Árvore da Vida. Para a verificação de sua visão o mago deve recorrer a essas atribuições, visto que a experiência tem revelado, como afirmei anteriormente, uma conexão real em tre os símbolos e as atribuições do alfabeto mágico e as realidades subjetivas. Se a visão de Mercúrio encerrar elementos irregulares, de cor ou número, que essas colunas atribuem, digamos, a Marte ou Saturno, o aprendiz poderá estar certo de que algo radicalmente errado ocorreu, medidas devendo ser tomadas imediatamente no sentido de repetir a visão inteira, assegurando-se de que nenhum erro ou confusão relativamente à visão ocorram novamente. À medida que a experiência se amplia, o mago retém em sua memória um amplo alfabeto de correspondências e à medida que se torna mais familiarizado com a natureza daquele plano passa a perceber instantaneamente se a visão procede corretamente, sua crescente intuição, inclusive, advertindo-o quando há alguma ameaça de perigo à coerência. Nunca é demais lembrar que uma das mais importantes tarefas que cabem ao mago é a verificação da visão por referência ao alfabeto mágico. Furtar-se a essa verificação científica e exame crítico da visão resulta em acabar mais cedo ou mais tarde chafurdando no lodo viscoso de intoxicação astral, com a perspectiva de avanço e progresso desaparecendo imperceptivelmente no ar.

É necessário, contudo, observar algumas precauções antes de projetar o corpo de luz. Deixar o corpo físico sozinho sem a inteligência orientadora e o controle do eu interior é equivalente em muitos casos a estender um convite aberto a qualquer entidade astral, maligna ou não, que esteja nas vizinhanças para dele tomar posse. Não há necessidade de alimentar qualquer apreensão quanto ao bem-estar do corpo já que Nephesch, a sede das forças vitais e o corpo de desígnio nele permanece a fim de prover o prosseguimento de suas funções e da vida física. Mas a obsessão tem que ser, a todo custo, evitada. A possessão da estrutura humana por um demônio de face canina subverte o objetivo e procedimento mágicos. Por conseguinte certos métodos foram concebidos para impedir a possibilidade de obsessão, deixando o corpo absolutamente seguro enquanto a alma voa rumo aos fogos sagrados. Algumas autoridades acreditam que circundar o corpo com um círculo imaginário de luz branca constitui um dos métodos de proteção mais eficientes, visto que sendo o branco a cor do trono do espírito mais elevado,

nenhum espírito menor ousaria tentar desafiar sua guarda. Outros são a favor da projeção no interior de um círculo mágico adequadamente traçado, pintado em cores com todos os nomes divinos externamente e as figuras geométricas internamente. Nesse caso, entretanto, o círculo tem que ser consagrado e cerimonialmente submetido ao banimento por um ritual apropriado, um procedimento um tanto incômodo e árduo para uma prática tão freqüente. Por esse motivo assevera-se que o ritual de banimento do pentagrama por si só é suficiente para assegurar a devida proteção, eliminando toda possibilidade de possessão demoníaca.

O retorno ao corpo após uma visão deve ser objeto de muito cuidado e a devida precaução deve ser tomada. Ao entrar na estrutura física deve-se deliberadamente respirar profundamente algumas vezes a fim de assegurar a estreita conjunção dos dois organismos, sugerindo-se, ademais, que se assuma fisicamente uma forma divina e se vibre um nome. Usualmente basta a forma de Harpócrates, ou seja, postar-se em pé, ereto, o braço esquerdo à frente do corpo, o dedo indicador pousado nos lábios em sinal de silêncio, acompanhando-se essa postura da pronúncia audível do nome do deus. Não conseguir assegurar a união das duas essências do corpo de pensamento e o corpo físico pode redundar em desastrosas conseqüências.

A consulta do Livro dos mortos do Antigo Egito será de proveito bastante considerável para o leitor, pois aí o Tuat e o Amentet, as subdivisões da luz astral, foram objeto de rigorosa observação e classificação precisa. Na segunda parte do capítulo CXXV, o deus Osíris é visto sentado numa extremidade do salão de Maat, acompanhado das deusas da lei e da verdade, juntamente com os quarenta e dois assessores que o auxiliam. Cada um desses quarenta e dois deuses representa algum entre os nomos do Egito e ostenta um nome mágico simbólico. Nessa concepção percebe-se o imenso talento dos sacerdotes-teurgos egípcios que criaram correspondências entre os planos da luz astral e os nomos ou divisões distritais do país do alto e baixo Nilo. Mediante o cuidadoso estudo deste e subsequentes capítulos o teurgo juntará aos poucos muitas informações úteis acerca da luz astral e dos Guardiões e Mantenedores dos Pilonos através dos quais ele terá que passar em sua auto-iniciação. Embora o Livro dos Mortos represente esses pilones como aqueles através dos quais o morto tem que passar a caminho do repouso no Amentet, são também aplicáveis aos portais pelos quais o Skryer na visão espiritual tem que entrar. Esses portais guardados com seus vigias semelhantes a deuses não devem ser consideradas ficções, pois como será descoberto no desenrolar das investigações, o mago se aproximará de alguns desses portais fechados e nenhuma quantidade de artifícios mágicos ou bajulação dos guardiões dos santuários e mansões selados lhe proporcionará o ingresso a estes. A recusa em entrar constitui um sinal certo de indignidade e indica acima de tudo toda a incapacidade de existir naquela condição rarefeita. Indica, adicionalmente, que o corpo de luz necessita ser purificado, tornado incandescente e resplandecente, iridescente e auto-reluzente, um organismo solar que emite a luz radiante do espírito interior. É somente assim que o mago pode atingir estados mais ígneos e exaltados e obter permissão dos anjos-guardiões de espadas flamejantes aos pilones sagrados e aos portais interiores. Os meios para efetuar essa purificação são as execuções freqüentes do ritual do pentagrama, formulando dessa forma mais clara e radiantemente o corpo de pensamento e a celebração diária de alguma forma da eucaristia que infunde no corpo de luz a substância purificadora da essência espiritual.

As visões que serão então obtidas serão de uma elevadíssima ordem. Pode ser que depois de algum tempo transcorrido o teurgo fique espantado por descobrir que seu papel de observador imparcial de uma visão cessou e que, de algum modo, a visão está ocorrendo em torno de seu próprio ser, e que ele está mergulhado numa tremenda experiência espiritual que jamais será

apagada da memória consciente por todos os seus dias na Terra. Iniciações no sentido real e não na implicação de uma cerimônia formal de sala de loja devem ser aí estimuladas, o teurgo participando como um candidato aos mistérios sagrados. Relativamente a essas iniciações, é ocioso dizer, o pedido não é feito sob nenhuma forma escrita. Elas simplesmente ocorrem. E quando ocorrem não há dúvida ou incerteza quanto ao que está ocorrendo. Como tipo de experiência realmente comvente que a espécie mais elevada de visão astral pode assumir, cito a seguinte:

"Havia um saguão mais vasto do que qualquer catedral, com pilares que pareciam ter sido construídos de opala viva e trêmula ou de algumas substâncias estelares que brilhavam com todas as cores, as cores do anoitecer e da aurora. Um ar dourado incandescia nesse local e no alto entre os pilares existiam tronos que desvaneciam gradualmente, rubor a rubor, na extremidade do vasto saguão. Neles se sentavam os reis divinos. Eram encimados pelo fogo. Eu vi a cimeira do dragão sobre um deles e havia um outro emplumado de fogos brilhantes que se arrojavam como plumas de chama. Mantinham-se sentados brilhando como estrelas, mudos como estátuas, mais colossais do que imagens egípcias de seus deuses, e no extremo do saguão existia um trono mais elevado onde se sentava alguém maior do que os demais. Uma luz semelhante ao sol fulgurava com incandescência atrás dele. Abaixo, sobre o chão do saguão, jazia uma figura escura como se estivesse em transe, e dois dos reis divinos executavam movimentos com as mãos ao redor da figura, sobre sua cabeça e corpo. Percebi no ponto em que suas mãos oscilavam como chispas de fogo semelhantes aos lampejos de jóias irrompiam. Daquele corpo escuro emergiu uma figura tão alta, tão gloriosa, tão brilhante quanto aquelas sentadas nos tronos. À medida que despertou para o saguão tornou-se ciente de sua parentela divina, erguendo as mãos numa saudação. Retornara de sua peregrinação através das trevas, mas era agora um iniciado, um mestre do grêmio celestial. Enquanto ele as observava, as altas figuras douradas levantaram-se de seus tronos também, com as mãos erguidas em saudação, e passaram por mim, e desvaneceram rapidamente na grande glória atrás do trono."*

** The candle of vision, A. E.*

Ademais, a Árvore da Vida da Cabala deve constituir-se como objeto de muita pesquisa e experimentação nesse plano. O skryer deve praticar a ascensão de uma Sefhira para a outra, analisando a natureza da esfera cuidadosamente, subindo por todos os ramos dessa Árvore que brota dos céus resplandecentes acima descendo em glória para a terra multicolorida abaixo. Todos os caminhos que irradiam das dez Sephiroth e que as unem devem ser cuidadosamente explorados e registrados no diário científico. É desse modo que o autoconhecimento é conquistado porquanto a Árvore é um mapa simbólico não só da constituição interior do próprio homem como também da estrutura e forças de todo o universo em cada uma de suas fases numerosas.

"O universo...", escreveu Crowley, "...é uma projeção de nós mesmos, uma imagem tão irreal quanto aquela de nossos rostos num espelho, e no entanto, como este rosto, a necessária forma de expressão dele, não para ser alterada exceto à medida que alteramos a nós mesmos... Sob essa luz, portanto, tudo que fazemos é descobrir a nós mesmos por meio de uma seqüência de hieróglifos e as mudanças que aparentemente operamos são num sentido objetivo ilusões... Capacitam-nos a nos ver e, conseqüentemente, a nos ajudar a iniciarmos a nós mesmos mostrando-nos o que estamos fazendo."

Estudando esse mapa simbólico no astral mediante os recursos do corpo de luz, o mago acabará familiarizado com todos os aspectos de sua própria consciência e do próprio universo. As visões que ele percebe, evocadas pelo uso dos sigilli, são outras tantas revelações de sua própria

consciência em suas diferentes partes com as quais ele nunca esteve antes familiarizado. Para descerrar as várias camadas da mente e da alma, juntamente com seus conteúdos de forma dinâmica, a luz astral e sua investigação no corpo solar ígneo constitui o meio par excellence, que supera qualquer outro. Assim é o autoconhecimento granjeado. Assim é também a autoconsciência, no verdadeiro sentido, atingida servindo como um prelúdio às harmonias sinfônicas da união celestial.

Os resultados dessa prática são muitos tangíveis e salutares. Pôr de lado a possibilidade da projeção consciente do corpo de luz e descartar como destituídos de importância as experiências vitais e o autoconhecimento obtidos no astral divino mediante a reprovação superficial de que "é tudo imaginação" é absurdo, para dizer o mínimo. Somente a experimentação, e nada mais, demonstrará se a aventura no empíreo é uma realidade suprema ou uma fantasia, mesmo admitindo-se que os passos preliminares tenham sido dados pelos canais da imaginação. Prometeu liberto foi primeiramente concebido na fértil imaginação criativa de Shelley, mas quem seria suficientemente tolo a ponto de rejeitar a beleza intrínseca desse poema ou negar sua realidade imorredoura devido à sua origem imaterial? Aplica-se aqui uma forma de consideração bastante similar. Por meio da imaginação, o mago cria um sutil instrumento de pensamento com o qual pode medir, investigar e explorar um plano de consciência do universo já existente mas até aqui desconhecido. Em todo caso, em pouco tempo poderá ocorrer ao mago, por mais cético que ele possa e deva ser, que as entidades angélicas que encontra no desenrolar de suas visões, suas conversações e o tratamento que delas recebe dificilmente são produtos de sua imaginação. Nem se perceberá que se trata de criações subjetivas, especialmente quando, talvez para sua consternação inicialmente, as coisas "comecem a zumbir".

Mas desejo agora tratar de um dos mais importantes resultados que se desenvolve a partir desse importante ramo da teurgia. Antes da consecução do sucesso na projeção do corpo de luz, a consciência humana era inseparável do corpo físico. Os apetites e desejos desse veículo tinham se identificado com o próprio Ruach. De posse da capacidade de transferir a consciência para o corpo de luz criado na imaginação se infere uma significativa conclusão filosófica. A alma é absoluta mente distinta do ser do corpo, e através dos métodos corretos pode ser separada dele e tornada independente. A princípio, não se deve tirar a conclusão precipitada de que a alma é imperecível e imortal, pois isso não foi ainda verificado pela experiência. É ainda Ruach, entretanto, o falso ego, que se mantém na transferência. Não há mudança alguma no ser individual ou na natureza da própria consciência pois a projeção do corpo de pensamento não é análoga à experiência mística que aniquila a dualidade e traz êxtase e iluminação. O teurgo permanece a mesma pessoa que era antes, e a dualidade ainda habita sua consciência. Contudo, consumou-se uma imensa mudança de perspectiva ou ponto de vista. Enquanto está no corpo de luz, quando a transferência de consciência foi efetuada com êxito, ele pode ver deitado diante de si, embora adormecido, o corpo físico que há apenas um momento ou pouco mais ele deixou vago, de modo que sabe, por um ato de observação ordinária, que ele não é seu corpo, visto que aquele corpo físico ele pode deixar à vontade. Ele é uma entidade espiritual, assoma a compreensão, a qual pode funcionar independentemente de seu organismo corpóreo. O que agora se torna imperativo é o aniquilamento da dualidade. O objetivo imediato é a transcendência de Ruach, abrir escancaradamente suas portas, de maneira que o verdadeiro ego espiritual possa ser descoberto. Mediante essa descoberta, quando a iluminação e o êxtase invadem a esfera da mente, ocorre também a grande compreensão de que a própria alma é imortal; que a mente, a emoção e o corpo não passam de veículos dessa alma, instrumentos a

serem empregados a serviço de seu próprio alto propósito. E o meio para a descoberta e a busca da senda mágica. Invocações, formas semelhantes aos deuses assumidas enquanto no corpo sutil e a ascensão aos planos são estradas para a comunhão com o deus interior.

Que essas práticas prossigam por mais algum tempo e o esforço persista para incluir a purificação do envoltório mental, este se desenvolvendo sempre de forma gradual para uma organização espiritualizada. O velho princípio de inércia, indolência e negrume, chamado pelos hindus de Tamas, torna-se rompido e é ejetado da esfera mágica. Os olhos do cérebro, outrora pesados, impenetráveis e escuros, tornam-se leves e estranhamente luminosos. E ocorre um curioso fenômeno que traz júbilo ao coração do mago uma vez sua significação tenha sido compreendida. Enquanto nos velhos tempos a noite era passada no profundo esquecimento do sono, ou no máximo na fantástica aventura do sonho, agora a consciência é retida mesmo durante o sono. Não há nenhum longo hiato de esquecimento; tudo é uma contínua corrente de fluxo livre de percepção enquanto o corpo dorme, não fragmentado durante o dia ou a noite por lapsos inconscientes. Não há como superestimar a importância dessa realização. Uma nova qualidade de pureza no sentido hindu do Sattva gradualmente se manifesta; uma qualidade de ritmo, continuidade e bem-aventurança. Com esta infiltração da qualidade do Sattva e a ejeção dos elementos tamásicos da esfera da personalidade, a claridade e a luminosidade crescem no cérebro, e a consciência não de Ruach mas da alma superior persiste a cada hora. E assim a vida é conquistada, pois a alma está acima de sua vil compreensão. A morte, o horror cinzento e pavor da humanidade, e derradeiro desespero dos filósofos, é transcendida. Somente o corpo morre. A mente e as emoções também morrem. Mas permanece sempre inalterado e impassível o anjo divino da luz sagrada, purificado pela prova, triunfante acima das mutações da vida e da morte – calmo, sereno e imperturbável no conhecimento de sua própria imortalidade.

Portanto, é impossível louvar no justo merecimento os resultados do skrying na visão espiritual, pois essa prática pode conduzir o mago às alturas mais sublimes da Árvore da Vida, onde o ar é puro e o ponto de vista claro e imaculado. Existe, naturalmente, o perigo inicial de ou perder-se nas rotas secundárias não-mapeadas daquele plano ou ficar enlaçado no abraço sedutor das formas reluzentes e visões astrais fugazes das profundezas. Entretanto, tudo isso é elementar. Se a aspiração for mantida sem mancha e pura e se os princípios céticos da Cabala forem aplicados, haverá pouco perigo de tal coisa acontecer. E então poderá o mago tranquilamente alçar seu caminho além de sua personalidade, além dos fantasmas resplandecentes do astral, passando pelas visões esplêndidas e pérfidas dotadas de engodo e fascínio, até o coração interior do homem celestial, onde o Senhor de tudo está entronado.

— — —

Antes do início de uma visão, ou qualquer operação mágica, é aconselhável que o aprendiz realize um completo banimento, que é tanto purificador quanto protetor. O melhor e mais rápido método de banimento é através do Ritual de Banimento do Pentagrama. O pentagrama expressa, de acordo com Lévi, "o domínio da mente sobre os elementos e é por meio deste signo que nós os prendemos... É o símbolo da Palavra feita carne e, conforme a direção de seus raios, representa o bem ou o mal, a ordem ou a desordem... Um signo que resume na significação todas as formas ocultas da natureza e que sempre tem manifestado aos espíritos elementares e outros um poder superior ao que lhes é próprio, que naturalmente os atinge com medo e respeito, forçando-os à obediência mediante o império do conhecimento e da vontade sobre a ignorância e a fraqueza." A fim de compreender o significado da forma geométrica do pentagrama e entender porque nele está encerrado o poder de banir todas as forças inferiores a partir de uma dada esfera e porque ele é a "Palavra feita carne", faz-se necessária uma breve

recapitulação dos aspectos da Cabala. Um dos nomes divinos pelos quais os judeus concebiam a força criadora universal era YHVH, o qual denominado Tetragrammaton acabou por ser considerado como o equivalente dos quatro elementos do cosmos. Foi também concebido para representar o homem não-iluminado comum no qual a luz do espírito não fizera ainda sua aparição; o não -regenerado ser de terra, ar, fogo e água, entregue às coisas do eu não-redimido. Por meio de magia considerava-se que nesses quatro elementos sobre os quais a carne é baseada o Espírito Santo descia em meio a fogo, glória e chamas. Em hebraico o elemento Espírito é tipificado pela letra Shin com seus três forçados dardejantes de fogo espiritual unidos sob a forma de um princípio. Rompendo em pedaços o ser carnal e carregando consigo os germes de iluminação, inspiração e revelação, o Espírito Santo forma por sua presença no coração uma nova espécie de ser, o Adepto ou Mestre YHShVH. Essa palavra em hebraico é o nome de Jesus, o símbolo do homem-deus, uma nova espécie-tipo de ser espiritual, do qual não há nada maior em todos os céus e planos da natureza. Devido a esse fato e às idéias sintetizadas no signo do pentagrama, o símbolo dos quatro elementos encimado pela flama coroadora e conquistadora do Espírito Santo, ele detém sua incomparável eficiência e poder de subjugar toda oposição astral e expulsar substância grosseira do ser do mago.

O resultado dependerá inteiramente da direção para e de qualquer das cinco pontas na qual essa figura seja traçada pelo mago. Procedendo da ponta mais alta e descendo numa linha reta à ponta direita inferior, os poderes do fogo são invocados. Por outro lado, se o mago traçar com seu bastão a figura do canto esquerdo para o alto ele banirá os elementais da terra. Pode-se observar, ademais, que é este último tipo de pentagrama que é usado no ritual do pentagrama, geralmente sufici ente para banir seres de quaisquer classes. E a espada para representar a faculdade crítica afastadora de Ruach é geralmente instrumento empregado nesse sentido. O chamado Ritual do Pentagrama assumiu o significado de ser puramente um ritual de banimento, embora na realidade seja uma estrutura composta. Antes de abordá-lo eu o cito:

1. Tocando a testa, diga Atoh (para ti).
2. Tocando o peito, diga Malkuth (o Reino).
3. Tocando o ombro direito, diga ve-Geburah (e o Poder).
4. Tocando o ombro esquerdo, diga ve-Gedulah (e a Glória).
5. Apertando as mãos sobre o peito, diga Le-Olahm, Amen (para sempre, Amém).
6. Voltando-se para o leste, faça um pentagrama da terra com o bastão ou a espada, e diga (vibre) YHVH.
7. Voltando-se para o sul, o mesmo, mas diga ADNI.
8. Voltando-se para o oeste, o mesmo, mas diga AHIH.
9. Voltando-se para o norte, o mesmo, mas diga AGLA.
10. Estendendo os braços na forma de uma cruz, diga:
11. Diante de mim, Rafael.
12. Atrás de mim, Gabriel.
13. À minha direita, Miguel.
14. À minha esquerda, Auriel.
15. Pois em torno de mim flameja o pentagrama.
16. E na coluna se posta a estrela de seis raios.
17. Repita de 1 a 5, e a cruz cabalística.

Nesse sentido pode revelar-se interessante ao leitor o fato de Aleister Crowley ter observado que aqueles "que encaram esse ritual como um mero instrumento para invocação ou banimento de espíritos são indignos de tê-lo. Compreendido corretamente é a medicina dos metais e a pedra

dos sábios". Em sua execução há, como observei, um movimento complexo. O ritual primeiramente invoca e, tendo banido pelo pentagrama todos os elementos dos quatro pontos cardeais com a ajuda dos quatro nomes de Deus, ele então evoca os quatro arcanjos como guardiões divinos para protegerem a esfera da operação mágica. No encerramento, mais uma vez invoca o eu superior, de maneira que do começo ao fim a cerimônia inteira ocorre sob a vigilância do espírito. A primeira parte, que vai do ponto 1 ao ponto 5, identifica o Santo Anjo Guardião do mago com os aspectos mais elevados do universo sefirótico; na verdade, afirma a identidade da alma com Adão Kadmon. Na segunda parte, do ponto 6 ao 9, o mago traça um círculo de proteção ao mesmo tempo que sua imaginação está formulando um círculo de fogo astral dentro do qual ele possa proceder ao seu trabalho. Ao norte, sul, leste e oeste desse círculo pentagramas de banimento do elemento terra são traçados com o bastão ou a espada. À medida que esses pentagramas são formados em meio ao ar com a arma elementar, todo esforço deve ser feito no sentido de transmitir vitalidade e realidade a eles. A realização cega e insensível desse ritual, tal como se revela verdadeiro em relação a todo aspecto da teurgia, é absolutamente inútil além de ser uma perda tanto de tempo quanto de energia. A imaginação, simultaneamente, deve ser estimulada para criar esses pentagramas em torno do mago no plano astral em figuras incandescentes, de sorte que através das linhas num jorro de luz e poder, representantes do ser espiritual nenhuma entidade menor de qualquer espécie ousa abrir caminho. É necessário que o mago se certifique de não abaixar a arma elementar depois de formular um pentagrama em meio ao ar. O círculo tem que ser completo, prosseguindo numa linha ininterrupta de pentagrama a pentagrama. A estrela fulgurante de cinco pontas é como a espada flamejante que privou Adão do éden. Os quatro arcanjos, os regentes espirituais dos quatro elementos, são então invocados para dar legitimidade ao trabalho, e poder e proteção espirituais tanto aos pentagramas circundantes quanto ao círculo onde o mago se encontra encerrado. A última frase do ritual declara os pentagramas inflamados em torno dele e invoca novamente o Santo Anjo Guardião para que a operação seja selada com o selo da luz divina. Um dos resultados de grande significação e importância desse ritual, se corretamente realizado na maneira indicada, é a limpeza de toda a esfera da personalidade. Bastará um pouco de prática para demonstrar ao jovem teurgo se está conseguindo atingir o efeito necessário. É extremamente difícil, lamenta dizê-lo, descrever o resultado do banimento, como seguramente é o caso da maioria das matérias concernentes ao domínio subjetivo da sensação e percepção. Deve haver um claro senso, inequívoco em sua manifestação de limpeza, mesmo de santidade e sacralidade, como se todo o ser fora suave e integralmente purificado, e todo elemento impuro e sujo disperso e aniquilado. Tal como um mergulho num rio de águas frescas num dia quente de verão nos deixa abençoados com uma sensação de frescor e purificação, assim deve ser esse ritual.

A base racional de sua ação depende da purificação dos constituintes da natureza do mago. Cada molécula, cada célula – astral, mental e física – é envolvida, visto que a base de cada princípio se funda em centros de energia e força espiritual. Esses pontos microscópicos ou mônadas são os minúsculos pontos sensíveis de consciência espiritual, e na realidade de sua existência e função estão baseados não só no sentido mais profundo de individualidade como também no fundamento da própria matéria, e seus acompanhamentos de energia e vida física. Essas mônadas estão na raiz da célula seja de um mineral, seja da matéria cerebral bem como da vida vegetal. O resultado da formulação do círculo do fogo e dos pentagramas flamejantes, da vibração dos nomes divinos e da invocação tanto dos anjos dos pontos cardeais quanto do Santo Anjo Guardião é que gradualmente as células mais grosseiras ou átomos monádicos são

ejetados da esfera da consciência. Para substituí-las, outras vid as, mais sensíveis e refinadas, de uma qualidade mais sutil de substância espiritual, são atraídas à esfera do ser e infundidas na própria substância da constituição física e invisível. Assim uma purificação vital ocorre, permitindo que a influência do Santo Anjo Guardião penetre o cérebro e mente refinados para difundir através da personalidade sua presença e graça, um importante passo inicial para o progresso mágico.

A história desse ritual em particular é um tanto obscura. Não constatei nenhum outro espécimen a ele semelhante que se vincule à Antigüidade, embora obviamente alguma forma similar de banimento tenha sido necessariamente utilizada. Podem-se encontrar em Lévi as primeiras referências ao ritual em pauta. No Dogma e Ritual de Alta Magia encontramos a seguinte afirmação:

"O sinal da cruz adotado pelos cristãos não lhes pertence com exclusividade. É também cabalístico e representa as oposições e o equilíbrio tetrádico dos elementos. Havia originalmente dois métodos de fazê-lo, um reservado aos sacerdotes e iniciados, o outro separado para os neófitos e profanos. Assim, por exemplo, o iniciado, erguendo a mão até a testa, dizia 'Teu é...', em seguida levava a mão ao peito, '...o reino', depois a transferia para o ombro esquerdo, 'Justiça', e finalmente ao ombro direito, 'e misericórdia'; então juntando suas mãos, ele acrescentava 'através das gerações'. Tibi sunt Malkuth et Geburah et Chesed per aeonas – um sinal da cruz absoluta e esplendidamente cabalístico e que as profanações da Gnosis perderam inteiramente para a igreja oficial e militante. O sinal feito dessa maneira deve preceder e encerrar a conjuração dos quatro." Percebe-se por certo que esse método é apenas uma parte do ritual que reproduzi anteriormente. É indubitavelmente ao ritual do pentagrama que Lévi alude. Na agora extinta Ordem da Aurora Dourada, sob a liderança do falecido S. L. McGregor Mathers, esse ritual era usado extensivamente e, depois de sua morte e da destruição de partes de sua Ordem, dele se apropriou Aleister Crowley, que o perpetuou no seu periódico The Equinox. Antes dessa reimpressão não fui capaz de localizar qualquer referência de autoridade a qualquer coisa que seja minimamente semelhante a esse ritual.

((ilustração – Sigillum do Pentagrama))

Existe evidência, contudo, que mostra que alguma forma de proteção ou um banimento preliminar eram reconhecidos pelos magos medievais dos quais, a julgar pelo conteúdo, Francis Barrett recebeu seus métodos. O débito dele não é menor com Cornélio Agrippa e Pietro de Abano. Em O Mago de Barrett há a afirmação segundo a qual antes de começar as invocações deveria haver alguma "oração ou salmo, ou evangelho para nossa defesa em primeiro lugar", e numa página adiante Barrett fornece uma forma de consagração do círculo na qual a idéia da defesa é distintamente formulada. Além disso, há o método do emprego do pentagrama mencionado nas instruções mágicas da Goécia, da Clavícula de Salomão, desenvolvidas pormenorizadamente pelo mago francês. A figura mágica é traçada como um sigillum com suas palavras e símbolos apropriados sobre metal ou pergaminho virgem para uso durante a cerimônia. Caso haja ameaça de perigo para o exorcista, ou ele se ache incapaz de enquadrar a inteligência evocada em sua vontade, o pentagrama deverá ser seguro alto na mão e levado em circumpercorso aos quatro quadrantes onde uma curta alocução ao Senhor do Universo é recitada. O resultado realmente é idêntico ao traçado e formulação da figura no ar com o verendo da arte.

Há, ademais, uma variação que poderia ser mencionada, embora seja uma forma que deveria figurar em todo trabalho cerimonial. É chamada de Licença para partir, e ocorre nesses cerimoniais nos quais uma inteligência foi conjurada à aparição visível no triângulo da arte.

Quando o operador não deseja mais que o espírito permaneça no triângulo, a licença é recitada permitindo que o espírito desmaterialize e parta do cenário da operação. "Ó tu espírito N, porque res pondeste diligentemente às minhas exigências e estiveste muito disposto e desejoso de atender a minha chamada, eu aqui te dou licença para partir para teu lugar adequado, sem causar mal ou perigo a homens ou animais. Parte, pois, eu digo e esteja tu pronto para atender ao meu chamado, estando devidamente exorcizado e conjurado pelos ritos sagrados da magia. Eu te ordeno a se afastar pacífica e sossegadamente e que a paz de Deus continue sempre entre tu e eu. Amém!" Barrett apresenta uma ligeira variação da licença acima da Goécia: "Em nome do Pai, e do Filho e do Espírito Santo, ide em paz para os vossos lugares; que haja paz entre nós e vós; estejai vós pronto para quando chamado." Ele acresce posteriormente que quando o espírito partiu, o mago não deve sair do círculo durante alguns minutos, mas que uma breve oração deve ser feita dando graças pelo sucesso da operação e "orando pela futura defesa e conservação, o que sendo ordenadamente realizado vós podereis partir" t;. Numa nota de rodapé, fazendo uma advertência adicional, Barrett acrescenta que aqueles que omitem a licença do espírito se acham em seriíssimo perigo, pois soube-se de casos nos quais o operador experimentou morte súbita. Não se pode dizer que esses vários métodos pareçam tão científicos ou tão confiáveis quanto o Ritual do Banimento do Pentagrama descrito páginas atrás. O ritual como aqui é dado é um dos mais singulares existentes e não deve jamais, sob circunstância alguma, ser omitido em qualquer operação mágica, seja esta magia cerimonial formal, a celebração da missa do Espírito Santo, ou skrying na visão espiritual. A esfera da personalidade é mantida pura e limpa, impedindo que qualquer entidade estranha irrompa no interior do raio de percepção, destruindo assim a continuidade e coerência daquele trabalho particular.

Dois outros métodos de banimento restam para serem descritos. Quando numa cerimônia se faz necessária a realização de um banimento mais completo que o proporcionado pelo ritual do pentagrama, costuma-se empregar uma técnica que se assemelha um pouco a um exorcismo oficial. Algumas gotas de água são borrifadas em torno do círculo, uma vela ardente representando o elemento fogo é deliberadamente apagada, um leque é agitado no ar e alguns grãos de sal são jogados à beira do círculo. Ao mesmo tempo, devem ser pronunciadas as palavras mágicas "Exarp, Bitom, Hcoma e Nanta", cada uma das quais controla o espírito do ar, fogo, água e terra. Deve-se também recitar um conjuro para a partida dos elementais governados por esses nomes e, é claro, é melhor que seja precedido pelo ritual do pentagrama. Vários dos versículos dos Oráculos Caldeus podem ser empregados com grande proveito com cada uma das ações cerimoniais mencionadas.

O outro método é um que era utilizado pelos sacerdotes egípcios, estando contido num dos capítulos do Harris Magical Papyrus. Trata-se de um ritual de banimento a ser executado nos quatro pontos cardeais, formulando na imaginação um guardião sob a forma de um cão, o qual se supunha ser terrivelmente destrutivo contra qualquer força agressora. Não tentarei descrevê-lo, preferindo transcrevê-lo textualmente do Harris Magical Papyrus:

"Surge, cão do mal, para que eu possa instruir-te em tuas presentes obrigações. Estás aprisionado. Confessa que assim é. É Hórus que produziu este mandamento. Que teu rosto seja terrível como o céu partido pela tempestade. Que tuas mandíbulas se cerrem impiedosamente... Faz teus pelos eriçarem como varetas de fogo. Sê tu grande como Hórus e terrível como Set; igualmente para o sul, para o norte, para o oeste e para o leste... Nada te obstará enquanto colocares tua face em minha defesa... enquanto tu colocares tua face a serviço da proteção de minhas sendas, opondo-te ao inimigo. Eu te concedo o poder do banimento, de se tornar completamente silente e invisível, pois tu és meu guardião, corajoso e terrível."

Essa forma de banimento, em qualquer caso, deve ser acompanhada pelo ritual do pentagrama. É usada principalmente em difíceis operações de evocação, nas quais pode haver algum perigo representando por uma entidade particularmente maligna atraída ao templo e que invade um círculo ordinariamente consagrado, em detrimento do mago. Tem sido também usada na invocação de Hórus, ou das inteligências do planeta Marte, quando se deseja particularmente que a esfera astral esteja completamente limpa e pura. Ocioso enfatizar, estou certo, que se esse método for empregado, a formulação na imaginação do cão-guardião deverá ser tão precisa quanto aquela dada para o pentagrama, e o teurgo deverá atribuir importância, no que diz respeito à figura no olho de sua mente, aos dados fornecidos no próprio conjuro.

CAPÍTULO XI

*Um dos mais potentes auxiliares da invocação e um elemento essencial ao sucesso de toda operação mágica é o assumir astral da forma ou máscara pela qual um deus passou a ser conhecido convencionalmente e é retratado pictoricamente. O sr. François J. Chabas no seu livro, agora esgotado, *Le Papyrus Magique Harris*, apresenta uma informação muito significativa que dificilmente pode ser encontrada alhures sob forma definida, a saber, que a mais poderosa fórmula mágica conhecida dos sacerdotes das castas do antigo Egito era a identificação do executante do ritual em imaginação com a divindade que ele estava invocando. Jâmblico afirma que "o sacerdote que invoca é um homem, mas quando ele comanda o poder é porque através de símbolos arcanos ele, num certo aspecto, é investido das formas sagradas dos deuses". Se a frase "num certo aspecto" indica a fórmula na iminência de ser considerada é um problema que pode ser deixado em aberto, embora possa bem ser o assumir da forma divina ao que ele esteja se referindo. Esparso aqui e ali ao longo do Livro dos Mortos em alguns dos rituais e hinos aos deuses apura-se que o escriba do livro se identifica com eles. Há numerosos exemplos de versículos em separado que confirmam essa crença. "Eu me uni aos macacos divinos que cantam na aurora e eu sou um ser divino entre eles." No capítulo 100 o versículo "Fiz de mim um contraparte da deusa Ísis e o poder dela (khu) tornou-se forte"; pareceria definitivamente apoiar essa tese, que ganha confirmação adicional a partir de outras fontes, segundo as quais o assumir da forma divina constitui um dos mais importantes fatores a serem observados na magia egípcia.*

Recordando tudo que foi postulado relativamente à natureza plástica e magnética da luz astral, tanto em seu aspecto inferior quanto superior, e a potencialidade criativa da imaginação treinada, bem como a observação feita por Lévi referindo-se ao corpo astral de que "ele pode assumir todas as formas evocadas pelo pensamento", o aprendiz deverá dedicar-se ao estudo das formas convencionais como os deuses são retratados. Eu me estendi um pouco num capítulo anterior na descrição sumária das formas e algumas características filosóficas dos deuses mais importantes ligados à Árvore da Vida a fim de simplificar as exigências do leitor em geral. A experiência tem demonstrado aos teurgos ocidentais que as representações pictóricas dos deuses egípcios são perfeitas para o objetivo dessa prática em particular – mais do que as da Índia – e encerram em si mesmas um sistema de simbolismo sumamente maravilhoso e recôndito. As formas desses poderes universais e essenciais inteligentes cósmicas, que as castas sacerdotais do Egito chamavam de deuses, permaneciam cada uma completa por trás de uma máscara humana ou animal, todo atributo sendo simbolizado por algum emblema ou ornamento artístico. A divindade de um deus era simbolizada pelo tipo e os emblemas, a cobertura de cabeça como a serpente Uraeus ou o disco do sol nascente, ou as plumas duplas da Verdade, divina e mundana. Havia a representação de poderes pelo bastão da íbis, o cetro ou a Ankh segura na mão do deus. E ainda outros símbolos portados pelo deus eram sugestivos de sua

capacidade de proporcionar ressurreição ou renascimento, autoridade e poder, êxtase ou estabilidade, ou representativos de algum modo de função particular na economia cósmica. A forma convencional do deus resume assim de uma maneira espantosa um vasto agregado de idéias, lendas e mitos, sintetizando ao mesmo tempo forças especiais da natureza ou, talvez, poderes inconscientes na constituição espiritual do homem.

À guisa de exemplo do procedimento a ser seguido para a aplicação dessa hipótese, suponhamos de momento que a tarefa que temos é a invocação e a identificação da consciência humana com a divindade, ou aspecto da vida cósmica, conhecida como Ra – a divindade que habita o sol. Inicialmente, o mago se ocupará da incumbência de descobrir tudo o que for possível sobre a natureza do deus. As lendas que se desenvolveram em torno do caráter do deus devem ser minuciosamente analisadas porquanto é notório que nas lendas e mitos fantásticos de outrora muito conhecimento espiritual e sabedoria estão encerrados. Além disso, a lenda vinculada a um deus específico indicará aspectos da natureza e o temperamento ideal da divindade, sugerindo também vários poderes na personalidade divina sobre os quais o aprendiz jamais suspeitara antes.

O perigo da magia, ao menos um dos mais sérios, é uma ocupação imprudente de uma certa parte da técnica teúrgica, uma compreensão real dos processos executados e dos princípios filosóficos da prática. Que o aprendiz, portanto, atinja uma compreensão mais ou menos completa, na medida do possível, do que ele está desejoso de se tornar, de qual força ou poder espiritual ele deseja invocar; e então, estando certo e mentalmente bem informado, que prossiga. Um tal trabalho informativo como < i>The Gods of the Egyptians, de Sir E. A. Wallis Budge, antigo zelador das Antigüidades egípcias do Museu Britânico, será marcadamente útil. A partir das lâminas em autotipia aí existentes e das lâminas coloridas no livro mencionado ele deverá familiarizar-se com a configuração e a forma do deus, as posturas nas quais o deus é comumente retratado, os gestos costumeiramente empregados e as cores utilizadas na tradução artística. Esta leitura pode também ser suplementada por uma visita às galerias egípcias do Museu Britânico ou qualquer outro. O leitor será, posso garantir, bem recompensado.

Com todos esses fatos na memória, o aprendiz procederá à fase mais difícil do trabalho, a qual consiste da aplicação da imaginação e da vontade, treinadas por suas prévias práticas. Em seu trabalho – não necessariamente cerimonial – ele deverá se empenhar em construir diante do olho de sua mente uma perfeita imagem ou máscara do deus. A forma tem que se projetar ousada e claramente na visão da imaginação, gigantesca, resplendente e irradiando a luz do sol espiritual, do qual Ra é o símbolo esotérico convencional. Ele perceberá que o deus porta um bastão com cabeça de íbis na mão esquerda, sendo o íbis o símbolo da sabedoria e da vontade divina; na sua mão direita é sustentado o Ankh, símbolo de luz e vida as quais o sol, por dias e anos, através de séculos incontáveis, concede livremente a toda a espécie humana e a todas as suas criaturas na Terra. Sobre sua cabeça, fazendo as vezes de uma coroa, está um halo, uma auréola dourada de inimitável esplendor, confrontada por uma serpente Uraeus insuspensa, o símbolo do fogo espiritual interior. Retratada como um falcão cuja cabeça é cor de laranja, a nêmise do deus desce do azul escuro da coroa, quase preto, no matiz a cor do símbolo Tattva do espírito; e a pele do deus é flamejante como o fogo do sol do meio-dia. Esses detalhes devem então ser aplicados ao simulacro retido firmemente na mente até que sejam vistos diante da alma viva como uma imagem dinâmica de Ra, uma imagem na qual não resida qualquer traço de imperfeição. É uma tremenda tarefa de imaginação criadora, e árdua. Mas dia após dia tem que ser continuada com ardor e devoção até a tarefa sagrada ser consumada e, completo e fulgurante o deus se mostra, um deus em verdade para seu devoto. Com essa imagem mantida

firmemente na luz astral, o teurgo deve se empenhar para envolver sua própria forma com o abrigo do deus e em seguida unir-se à forma que o encobre. Segundo afirmação de Lévi já citada anteriormente, o corpo astral assumirá a forma de qualquer pensamento poderoso que a mente evocar. Essa efígie astral do deus, anteriormente apenas uma imagem externa ao corpo do teurgo, deve agora ser organizada como uma figura divina em torno de sua própria forma astral até que coincidam seu próprio corpo de luz sendo alterado e transmutado no corpo do deus. Somente quando o teurgo realmente sentir o formidável influxo de poder espiritual, a aquisição da força e energia solares e iluminação espiritual, somente quando ele souber na intuição o do transe deífico que a identificação foi concretizada, estará a tarefa de criação completa. "As imagens dos deuses", escreve Jâmblico, o divino teurgo, "são repletas de luz fúlgida..." e "o fogo dos deuses, realmente, fulgura com uma luz indivisível e inefável, preenchendo todas as profundezas do mundo" de uma maneira celestial empireana. Relativamente ao teurgo ou rei-sacerdote do Egito que executara essa excelente combinação das essências com a glória do deus do sol, há uma descrição sob a forma de uma alocução citada por G. Maspero, o egiptólogo, mostrando o poder do espírito que se consagrou pelo voto como resultado da identificação. A alocução é a seguinte: "Tu te assemelhas a Ra em tudo o que fazes. Portanto os desejos de teu coração são sempre satisfeitos. Se desejares uma coisa durante a noite, na aurora ela já estará disponível. Se disseres 'Subam às montanhas' as águas celestiais fluirão pela tua palavra. Pois tu és Ra encarnado, e Kephra criado na carne. Tu és a imagem viva de teu pai Temu, Senhor da cidade do sol. O deus que comanda está em tua boca e um deus senta-se sobre teus lábios. Tuas palavras são cumpridas todas os dias e o desejo de teu coração realiza a si mesmo como o de Ptah quando ele cria suas obras".

Simultaneamente ao processo de unificação com o corpo do deus se revelará como de grande ajuda a recitação de uma invocação, um peã lírico ou ditirambo entoando louvores ao deus, delineando a natureza e as qualidades espirituais do deus no discurso. Se o aprendiz tiver habilidade no escrever não enfrentará grande dificuldade. Por outro lado, uma tal litania poderia muito facilmente ser construída a partir dos hinos órficos, ou da coletânea de textos líricos incluídos no Livro dos Mortos, o qual está repleto de alguns dos melhores exemplos de rituais existentes. Em suma, a invocação do deus deve ser expressa numa linguagem que tenda a produzir júbilo mental e êxtase. A seguir transcrevemos um exemplo, adaptado do Livro dos Mortos, de um tal ritual, embora não seja aqui dado como exemplo para ser rígida e servilmente imitado, mas apenas como sugestão e talvez ajuda ao aprendiz sincero.

"Homenagem a ti, ó Ra, no teu formoso nascer. Tu nasceste, tu brilhas na aurora. A companhia dos imortais te louva ao nascer e ao pôr-do-sol, quando à medida que teu barco matutino se encontra com teu barco do anoitecer sob ventos propícios, tu velejas sobre as alturas do céu com um coração jubiloso. Ó tu uno, ó tu perfeito, ó tu que és eterno, que jamais és fraco, que nenhum poder é capaz de rebaixar, ó tu esplendor do sol do meio-dia, sobre as coisas que pertencem à tua esfera nenhum possui em absoluto qualquer domínio. E assim a ti presto homenagem. Todos salvem Hórus! Todos salvem Tum! Todos salvem Kephra! Tu grande falcão, que por teu rosto formoso produzes o regozijo para todos os homens, tu renovas tua juventude e com efeito pões a ti mesmo no lugar de ontem. Ó, jovem divino, autocriado, auto-ungido, tu és o Senhor do Céu e da terra, e criaste seres celestiais e seres terrestres. Ó tu, herdeiro da eternidade, regente perpétuo, auto-sustentado, quando tu nasceste teus raios benevolentes estão sobre todos os rostos e moram em todos os corações. Vive tu em mim, e eu em ti, ó tu, falcão dourado do sol!"

Com a recitação de cada ponto da invocação, proferido com entonação e intento mágicos, obtém-se em pensamento uma intensa compreensão da significação das palavras. À medida que o teurgo brada "Tu brilhas na aurora", a forma astral do deus deve ser vista e realmente sentida com os sentidos emitindo uma refulgência diante da qual o mais claro brilho do sol do meio-dia pareceria trevas, uma luz tão nítida e aguda, e rica de brilho e glória dourada que sua essência inundaria com grande sutileza o coração, a mente e a alma. E quando o mago profere "Vive tu em mim, e eu em ti, ó, falcão dourado do sol", o processo da identificação com a forma astral deve ser realizado e compreendido o mais vividamente possível. Enquanto o mago não for capaz de efetuar perfeitamente o trabalho criativo da imaginação, todos os esforços só poderão ser classificados simplesmente como prática. O teurgo saberá que seus esforços foram coroados pelo êxito mediante sinais infalíveis dentro de sua própria consciência e a aceleração de uma vida nova. Nele e em sua alma o deus buscará sua eterna morada. No interior do coração haverá um santuário e uma habitação serena de uma força espiritual tremenda, uma consciência divina que nele viverá duradouramente, transformando o filho da terra em um verdadeiro filho do sol eterno. "Pois como as trevas não estão adaptadas para a sustentação do esplendor da resplandecente luz do sol, tornando-se de súbito totalmente invisíveis, retro cedendo por completo e imediatamente desaparecendo, assim também quando o poder dos deuses, que acumula todas as coisas de bem, brilha copiosamente, nenhum lugar é abandonado ao tumulto dos espíritos malignos."*

** Os Mistérios, Jâmblico.*

*Assim ensinaram os magos da Antigüidade. Os esforços modernos confirmam reiteradamente seus ensinamentos e experimentos. Dessa maneira, expandindo a si mesmo a uma grandeza incomensurável unindo-se à grandeza dos deuses, o teurgo salta como o bode montês além de todas as formas para idéias e essências que residem no cume da manifestação, e transcendendo o tempo se torna eternidade e infinidade. Assim, "a partir da súplica somos em breve conduzidos ao objeto da súplica, adquirimos sua semelhança a partir da conversação íntima e gradualmente obtemos perfeição divina, em lugar de nossa própria imbecilidade e imperfeição**". O teurgo se tornará mais elevado que a altura nessa perfeição, mais profundo na força de seu fundamento do que as profundidades mais baixas, uma parte integral da criação universal de imediato não gerada, jovem, velha, auto-existente e imortal. Aquilo que outrora era grosseiro se torna despido de toda sua trivialidade sensual para assumir uma beleza*

fascinante, apaixonadamente seleta, como se furtada do espírito. Dentro de si faculdades espirituais latentes e que desabrocham serão sentidas e a débil memória da experiência ganha ao longo do tempo desde muito pretérita e morta, gradativamente surgirá para iluminar a mente e pulsar novamente no coração, expandindo o horizonte da consciência. E assim hoje seus pés pisam aquele lugar que ontem, quando contemplava a augusta natureza do trabalho, seu olho mal podia ver. Além dele, no invisível, estará seu sítio de repouso do dia seguinte. E ele será como diante do próprio Ra, um sol de luz, brilho e alimento celestial para todos aqueles com os quais ele entra em contato cotidiano. Sobre o pequeno bem como sobre o grande, sobre o elevado bem como sobre o baixo, não menos sobre o pobre do que sobre o rico seu auxílio descera, mesmo além dos limites extremos do espaço.

*** Os Mistérios, Jâmblico.*

CAPÍTULO XII

Como um dos pré-requisitos fundamentais do treinamento mágico, seja no ramo da goécia, seja no ramo que diz respeito à invocação do eu superior e às essências universais, todos os tipos de magos apontaram insistentemente ao longo das eras a pureza de vida, a acompanhar toda

*prática teúrgica e cerimonial. Parece ser repetido por quase toda autoridade, dogmaticamente e com certeza por alguns, um tanto vagamente por outros que passam adiante o que eles próprios receb eram meio compreendido e meio compilado de seus antepassados. Todos concordam, no entanto, que na busca das artes mágicas é mister que haja pureza e santidade. É meu desejo investigar sobre o significado dessa "pureza". Não desejo, porém, entrar numa discussão de ética e moral, pois essa me distanciaria do assunto da magia, e eu propositadamente me contenho aqui de tocar nessa matéria controvertida que parece ter criado mais confusão e diferença de opinião do que quase qualquer outra. No que a < i> pureza diz respeito à magia, todavia, o aprendiz pode se assegurar quanto à verdade dessa única afirmação, atribuindo ao resto qualquer interpretação de moral que preferir. A totalidade da vida de alguém deve apontar para uma direção e ser concentrada e devotada a um conjunto de objetivos. Quando dizemos, por exemplo, que o leite ou a manteiga é puro ou pura, o que queremos dizer com tal afirmação? Apenas isto: ao leite ao qual nos referimos não foram acrescentados nenhuma água ou produtos químicos ou quaisquer outras substâncias estranhas, e a totalidade de seu teor é conforme o ingrediente principal. Bem, a pureza da vida mágica deve ser considerada exatamente da mesma maneira. A vida do mago tem que ser acima de tudo eka-grata, de um único direcionamento, e a soma total de seus pensamentos, emoções e ações, quaisquer que sejam, deve sempre ser constituída para interpretar e dar ímpeto à aspiração espiritual. Qualquer que seja a virtude que a moralidade possa deter em si mesma, e no caso de alguns indivíduos ela é prenhe de possibilidade divina, encontra-se completamente fora da esfera do mago. Não há dúvida que uma pessoa que foi iniciada num mistério espiritual e que foi abençoada pelo influxo do eu seja provavelmente moral simplesmente porque estará doravante em harmonia consigo mesma. Um tal ser humano, por um impulso natural, está geralmente também em harmonia com os outros seres humanos. Mas o místico ou o mago não são necessariamente homens morais em nenhum sentido convencional. Isso quer dizer que não devemos de maneira alguma esperar que o mago, mesmo quando fundamentalmente em harmonia com seus semelhantes, esteja necessariamente em harmonia com as leis morais e éticas de seu tempo. A moral, em síntese, nada tem a ver com a magia. Essa idéia foi claramente expressa por Waite, que em seu *Studies in Mysticism* sugere que "O objeto da religião é o desenvolvimento e a perfeição da humanidade por meio de uma série de processos espirituais e sua união com o que é o mais elevado no universo, enquanto que a moralidade propõe o melhoramento da raça apenas com a ajuda da lei natural... Precisamos conhecer Deus para sermos bons, mas nenhuma bondade moral pode nos conduzir ao conhecimento divino... "No que concerne ao mago, só isto é importante. Seja lá o que esteja fazendo, comendo, bebendo ou trabalhando, essa ação tem que ser transfigurada num símbolo e dedicada ao serviço daquele ideal entesourado acima de toda riqueza e outros valores em seu coração. Sua vida inteira deve ser uma contínua concentração, caso contrário todo seu treinamento em Dharana e o desenvolvimento da vontade mágica terão sido um completo desperdício; tanta energia inútil jogada fora tal como num monte de poeira se ele não trouxer essa concentração e essa atitude sacramental à premência da vida diária.*

O ideal que para o mago constitui seu maior tesouro e para o qual todo o conteúdo das atividades de sua vida é dirigido é a recuperação do conhecimento de seu Santo Anjo Guardião, o Augoeides, aquela parte mais nobre de sua consciência que é real, permanente e a fonte generosa, imorredoura de inspiração e sustento espiritual. Daí existir, na realidade, um perfeito ritual em magia; uma meta que tem primazia sobre todas as outras: a invocação do Santo Anjo Guardião, união que deve, inclusive, preceder as invocações dos deuses ou das essências universais, seguindo-se o procedimento formulado por Jâmblico. A alma busca primeiramente e

entrega sua vida ao governo de seu daimon, sob cuja orientação os próprios deuses podem ser suplicados; e deles procedendo o retorno deve ser feito para a Suprema Mansão do Repouso. Mas a invocação de Algoeides precisa ter precedência a todas as outras. Caso se julgue necessário executar qualquer operação auxiliar antes desta para o Conhecimento e Conversação do Santo Anjo Guardião, é forçoso que se trate de um propósito bem definido. O motivo, espiritual é claro, é que tal operação constitua um passo preliminar para a possibilidade e sucesso do ritual principal. Entretanto, nos melhores sistemas de magia, as evocações são sempre representadas seguindo-se à consecução maior da invocação das grandes forças da vida cósmica ou o daimon interior, o Santo Anjo Guardião, embora essa última receba primazia, como foi a firmado. A união com os deuses e Adonai é buscada por meio de amor, e a união das essências é efetivada pelo ceder do ego e a renúncia espontânea de tudo que é mesquinho, pequeno e irrelevante. A invocação suprema implica, acima de todas as outras coisas, o sacrifício do apego às coisas mundanas. Do mesmo modo que alguém que, ingressando no interior do ádito celestial deixa atrás de si todas as estátuas do templo externo, ou do mesmo modo que aqueles que entram no santuário interno do Santo dos Santos purificam a si mesmos, pondo de lado suas vestes para entrarem nus e não envergonhados, a alma deverá avizinhar-se de sua meta. Na operação de Abramelin, que brevemente descreveremos, o procedimento a ser seguido é bastante similar. Primeiramente o Anjo é invocado numa câmara especialmente consagrada e depois do atingimento o Anjo concede ao mago instruções especiais e autoridade que dizem respeito à evocação dos Quatro Grandes Príncipes do Mal do Mundo.

O resultado da invocação do Santo Anjo Guardião não é idêntico para todas as pessoas. Adonai aparece de várias maneiras e sob diversas formas, em conformidade com o indivíduo. "Além disso...", afirma também Jâmblico, "...as dádivas provenientes das manifestações não são todas elas iguais, nem produzem o mesmo fruto. Porém a presença dos deuses, realmente, concede-nos saúde do corpo, virtude da alma, pureza do intelecto e, em uma palavra, eleva tudo em nós ao seu adequado princípio." Seja o que for que o homem prezou durante sua vida e qualquer que tenha sido a concepção de seu Anjo à qual aspirou, assim será o resultado do casamento místico. Seus rebentos serão compatíveis com seu amor. Cada estudante, à medida que ascender ou ingressar no místico Monte Abiegnus dos Rosacrucianos, verá diante de si estirando-se adiante no longínquo horizonte da santa terra da esperança, exatamente aquele panorama que existia potencialmente dentro del e antes da visão fazê-lo nascer, pois o monte é um símbolo daquele pico da alma quando interiorizada em si mesma aproxima-se de sua raiz divina. Então memória e imaginação são penetradas e inspiradas com o formidável fulgor de uma natureza diversa e superior. O que for que estiver embrionário no interior de Ruach salta para a vida através da ação e fogo de Adonai. Nossa inspiração será semelhante à aspiração e o tipo de gênio que será manifestado ao mundo sucedendo-se à união mística pode ser poético, artístico, musical ou qualquer outra manifestação reconhecida. Lembro-me de uma passagem em algum dos Upanishads que aborda esse mesmo tema. Se alguém se aproxima do eu que é Brahma acreditando que ele é poder e força, esse alguém se torna poder e força. Que se aproxime, contudo, dele vendo em sua majestade conhecimento e sabedoria superiores e, conseqüentemente, se torna repleto da sabedoria do eu. E se aspirar a ele como o criador de uma nação, do mesmo modo se torna o cantor. Em outras palavras, como o teurgo concebeu ser em imaginação o seu anjo, precisamente nessa forma o anjo se manifestará, brotando da mais profunda fonte do ser dentro do coração como revelação e inspiração. Caso haja aspiração para o anjo exclusivamente como o símbolo do amor, da paz e da bondade, Adonai mostrará ao mundo esse amável e benigno aspecto. São Francisco de Assis é o exemplo mais*

marcante do primeiro caso, como é Buda, que aspirou à sabedoria que o capacitasse a descobrir para a espécie humana a solução de suas infelicidades e dores, o símbolo do segundo caso. E isto supre a resposta à pergunta: "Se o misticismo e a magia dotam um homem de gênio, como explicar que tantos místicos e magos bem-sucedidos parecem não manifestar uma única centelha de gênio?" É porque a aspiração deles foi uma aspiração humilde. Converter-se numa grande figura na Terra não constituía o desejo deles, nem tampouco aspiravam a qualquer uma das formas da arte. Fizem de suas vidas uma sublime obra de criação artística e aplicaram suas inspirações à marcha da vida cotidiana, apresentando-se tão-só como homens e mulheres humildes de ar e aspecto gentis. Mas como o Eremita encapuzado e togado do tarô trazem a luz do anjo dentro de si, secretamente, de maneira que todos com os quais entram em contato dia após dia possam ser abençoados com o amor de Adonai e mais impressionados pela santidade do espírito e a pureza de sua efulgência do que com sua própria realização pessoal. Essa é a chave, pois quando se ora com fervor ao Santo Anjo Guardião, como a aspiração secreta da alma terá sido, o anjo se apoderará dessa vontade no êxtase de ventura que arrebatava a alma para longe a fim de comunicar sua manifestação ao mundo.

** Os Mistérios, Jâmblico.*

Um dos melhores sistemas técnicos que conduz à comunhão com o daimon é exposto num certo livro medieval de magia que, comparado com todos os outros, é como o sol do auge do dia diante de uma débil luz bruxuleante à noite. A maioria dos velhos engrimanços e livros de magia tais como O Pequeno Alberto, O Dragão Vermelho e o Enchiridion são propositadamente ininteligíveis, ambíguos, ou mais, à parte de todas as questões de simbolismo oculto, disparate pueril. Aqueles que são honestos e de regra funcionais, contêm seções indesejáveis que se adequam mais às aspirações de um camponês apaixonado e de nativos ignorantes do que às aspirações de gente educada animada de propósitos sérios. Mas há em relação a todos esses uma extraordinária exceção. A regra geral é rompida pela existência de O livro da Magia Sagrada de Abramelin, o Mago.*

** Publicado no Brasil por Anúbis Editores Ltda., São Paulo, tradução de Norberto de Paula Lima, Márcio Pugliesi e Edson Bini. (N. T.)*

Escrito num estilo de exaltação, esse livro é perfeitamente coerente e harmonioso; não requer fantásticas minúcias ritualísticas e nem mesmo os cálculos costumeiros de dias e horas. Não há nada em absoluto que insulte a inteligência. Pelo contrário, a operação proposta por esse autor de magia constitui a apoteose da simplicidade, o próprio método estando em inteiro acordo com isto. Há, naturalmente, certas prescrições e regras preliminares a serem observadas, mas elas realmente não passam de recomendações de bom senso no sentido de acatar a decência na execução de uma operação tão augusta. É preciso, por exemplo, dispor de uma casa onde medidas adequadas contra distúrbios possam ser tomadas; isso providenciado, restará pouco mais a fazer exceto aspirar com crescente concentração e ardor durante seis meses pelo Conhecimento e Conversação do Santo Anjo Guardião.

O próprio livro é um dos mais extraordinários documentos de magia existentes atualmente e o sistema que é nele ensinado para entrar em comunhão com o eu interior, ou o Santo Anjo Guardião, é entre todos os sistemas de magia talvez o mais simples. Acima de tudo é eficaz. O livro é composto de três partes, a primeira contendo conselhos gerais relativos à magia e uma descrição das viagens e experiências do autor, bem como a indicação de obras maravilhosas que ele fora capaz de realizar por meio da técnica em pauta. Segue-se então uma descrição geral e completa dos métodos de obtenção da crise estática da operação e o estilo do livro neste ponto difere de maneira salutar dos capítulos anteriores bem como dos subseqüentes. A última

parte trata dos métodos de aplicação dos poderes que são conferidos mediante a consumação da operação. O sistema é descrito por um certo Abraão, o Judeu, ao seu filho mais jovem, Lamech, e ele afirma em primeira instância tê-lo recebido de um mago egípcio chamado Abramelin. Abraão, o Judeu, é uma figura vaga e sombria, desconhecida e reservada por trás das tremendas complicações da sublevação da Europa central nos seus dias, quando aquela parte do mundo se achava mergulhada num amplo conflito. A história de Abraão tal como contada por ele mesmo na primeira parte do livro é, na verdade, simples. O que impressiona, entretanto, é a tremenda simplicidade da fé desse homem, que tem como testemunho suas muitas e perigosas viagens por tantos anos através de regiões inóspitas e selvagens, de difícil acesso mesmo atualmente mediante nossas facilidades de transporte. Nesta parte do livro são relatados seus fracassos e esperanças frustradas, além de alguns becos sem saída pelos quais ele foi conduzido, até o clímax de suas viagens quando conheceu Abramelin, o mago egípcio, que lhe conferiu as instruções que constituem a principal ou segunda parte do livro. Em conformidade com os costumes de seu próprio povo, Abraão, o Judeu, instruiu seu filho primogênito na filosofia da Santa Cabala e ao seu filho mais jovem, Lamech, transmitiu este sistema de magia. Independentemente de sua origem, de sua data e de sua autoria, que são no presente objeto de polêmica e crítica, esta obra não deixa de ter valor para o aprendiz sincero, seja como um encorajamento para aquela qualidade sumamente rara e necessária – fé inabalável, ou como apresentadora de um conjunto de instruções pelas quais se distingue os sistemas mágicos verdadeiros dos falsos. Abraão não faz exigências impossíveis como aquelas que são percebidas em engrimações fraudulentos, a respeito do sangue de morcego apanhado à meia-noite, a quarta pena da asa esquerda de um galo completamente preto ou o olho recheado de um basilisco virgem e assim por diante. Embora talvez algumas das exigências estabelecidas por Abraão sejam um pouco difíceis de serem atendidas, há sempre uma razão excelente para apresentá-las e não significam absolutamente testes sutis à habilidade do operador. Tivesse S. L. McGregor Mathers nada mais feito em prol da humanidade exceto a tradução desse livro a partir de um manuscrito em francês, colocando assim seu teor à disposição dos aprendizes interessados, e já mereceria nossa gratidão. Devo acrescentar, a propósito, que sua tradução é ótima, coerente e capaz de expressar de maneira harmoniosa o pensamento do escritor medieval. É somente porque esse livro de suma importância tem estado esgotado por tantos anos, sendo sua obtenção tão difícil atualmente, que eu ouse oferecer aqui um resumo da operação proposta pelo livro.

((ilustr. – HÓRUS, O Senhor da Força e do Fogo))

No início Abraão adverte seu filho contra os impostores. Este mago, como muitos de nossos coevos modernos, era injusto no sentido de considerar qualquer um que não utilizasse seu próprio sistema um charlatão, muito embora seja provável que em sua época houvesse tanta necessidade de rigorosa advertência contra charlatães quanto há hoje. Ele então formula a regra segundo a qual a principal coisa a ser considerada é "...se gozais de boa saúde, porque o corpo estando fraco e insalubre está sujeito a variadas enfermidades, o que acaba por resultar na impaciência e falta de poder para trabalhar e prosseguir na operação; e um homem enfermo não pode ficar limpo, ou puro, nem gozar de solidão, e em tal caso, é melhor desistir."

O período verdadeiro, quer dizer, mais conveniente para o começo desta operação, um período em que todas as forças da natureza se encontram propícias ao esforço, é o primeiro dia após a celebração da festa da Páscoa, precisamente no período do equinócio primaveril. É então que o sol inicia sua viagem rumo ao norte, trazendo consigo luz, calor, sustento e graça e a totalidade do mundo vivo, plantas, árvores, aves e animais respondem à sua ressurreição ansiosa e

jubilosamente. Trata-se assim da estação mais apropriada para crescimento ascendente e desenvolvimento interior, bem enquadrados ao crescimento e à manifestação do espírito. O tempo necessário para que se conduza a operação a uma conclusão bem-sucedida é seis meses lunares, de modo que se for começada em 22 de março findaria em torno do equinócio outonal em setembro. O período total de seis meses é dividido em três períodos definidos de dois meses cada, cada um destes sendo caracterizado pelo rigor de auto-negações, mas principalmente pelo acréscimo de invocações adicionais, tornando assim a concentração no Santo Anjo Guardião mais intensa e fervorosa.

Há muita discussão de início quanto à natureza do cenário da operação. Se possível, deve ser realizada no campo, onde se pode obter efetiva solidão. Digo "solidão efetiva" deliberadamente já que, como todos sabem, é possível isolar-se no coração de uma grande cidade do resto do mundo simplesmente pelo recolhimento. A solidão que este livro sugere é um retiro físico da vida fervilhante da cidade, mencionando-se que Abraão, Moisés, Davi, Elias, João e outros homens santos se retiraram para locais ermos até terem adquirido esta ciência santa e a magia. O melhor local, sugere Abraão, "...onde houver um bosque, no meio dele fareis um pequeno Altar, e cobrireis o mesmo com uma cabana (ou teto) de pequenos galhos, de modo que a chuva não possa cair nele e extinguir a Lâmpada e o Turíbulo". Se o recurso a um sossegado bosque for impossível, outras sugestões são apresentadas. Todas as obras de magia insistem que muito cuidado e discernimento devem atender à escolha de um local apropriado para se proceder a essas operações. Além das instruções acima expostas, o mago deverá certificar-se de que o teatro de magia que escolheu não está situado num lugar onde feitiçaria, por exemplo, foi praticada e que não foi empregado para sessões espíritas. Deve ser absolutamente óbvio que como um dos resultados da magia é tornar a constituição do mago mais sensível, ele não deve colocar-se numa posição na qual essa sensibilidade possa ser invadida por influências perturbadoras e hostis. Muitíssimos indivíduos inteiramente comuns são suscetíveis a atmosferas, e para o mago, em particular, o local de trabalho deve certamente estar livre de qualquer contato deletério, de sorte que a esfera sensível da consciência não possa ser indevidamente afetada. Abraão menciona o tipo de casa necessária se o trabalho tiver que ser realizado numa pequena cidade ou povoado, dando-se ênfase à construção do Oratório, que deve ser a câmara realmente importante porquanto deve servir como templo mágico. Deste oratório uma janela tem que abrir para um balcão aberto ou um Terraço, como é chamado, cujo piso deve ser coberto com uma camada de areia fina de rio. Ora, uma das coisas que mais, talvez, do que qualquer outro item dos acessórios impressiona o principiante que lê o livro de Abramelin é o fato de não se fazer aí nenhuma menção a um círculo mágico de proteção para o lugar de realização das invocações, a despeito de se fazer referências e descrições em termos claros de muitos demônios e espíritos malignos provavelmente danosos ao operador. Assim é porque nesta particular disposição da obra, o autor procura reduzir a totalidade da cerimônia a princípios fundamentais com o mínimo possível de dispositivos, e se supõe que o terraço substitua o triângulo no qual os espíritos apareceriam após a Conversação com Adonai. Tanto o dormitório quanto o oratório, sendo consagrados durante um longo período de tempo mediante contínuas orações, invocações e fumigações ascendentes, desempenhariam a mesma função de um círculo, estabelecendo um natural obstáculo astral em torno dos limites do oratório através de cuja santidade e segurança nenhum demônio poderia penetrar. É por esta razão que se dispensa qualquer círculo simbólico visível, porquanto o efeito das contínuas invocações terá exaltado tanto a constituição do operador e elevado tanto a vibração das moléculas em seus

vários veículos que a inteira esfera astral e espiritual será purificada a u m ponto que, como anteriormente sugerido, servirá em si mesma seguramente como o círculo mágico real.

Que se mencione aqui para o benefício dos aprendizes do presente que possam cogitar em se devotarem a esta Operação da Magia Sagrada que essas regras não precisam ser escrupulosamente acatadas desde que sua essência e espírito sejam acatados. Com apenas um pouco de engenhosidade será possível estabelecer um novo conjunto completo de circunstâncias externas favoráveis à execução satisfatória desta concepção da Grande Obra. É preciso que seja compreendido com clareza, con tudo, que uma vez concebido e adotado esse conjunto de regras, embora claramente entendido como arbitrário, elas deverão ser estritamente seguidas. Em seu poema mágico Aha, Aleister Crowley apresenta uma bela versão de uma possível variante do cenário da operação:

" . . . Escolhe com ternura
Um sítio para a academia tua.
Que um santo bosque haja
De solidão enramada
Junto do rio tranqüilo, sem chuva,
Sob as entrelaçadas raízes
De árvores majestosas que tremulam
Nos ares sossegados; onde os brotos
Da grama delicada são verdes,
Musgo e samambaias adormecidos entre si,
Lírios na água sobrepostos,
Raios de sol nos ramos presos
– Entardecer sem vento e eterno!
Todas as aves do céu silenciadas
Pela baixa e insistente chamada
Da continua queda d'água.
Aí, para um tal cenário sê
Sua gema esculpida de divindade,
Um fogo central sem defeito, subjugado
Como a Verdade no interior de uma esmeralda."

Dentro da loja ou oratório consagrados deveria haver um altar construído como um armário, acima do qual, suspensa do teto uma lâmpada com azeite de oliva deve queimar. Deve ser mantido sobre o altar um turíbulo de latão, não devendo este nunca ser removido do oratório durante todo o período de seis meses da operação. É necessário um manto de seda carmesim guarnecido em ouro que chegue aos joelhos; é mencionada também uma outra túnica de linho branco. "Quanto a estas roupas, não há regras particulares para elas; nem nenhuma instrução especial a ser seguida; mas quanto mais resplandcentes, limpas e brilhantes forem, tanto melhor será." "Também tereis uma Vara de amendoeira, lisa e reta, do comprimento de cerca de meio covado a seis pés." No que se refere à preparação de todas essas coisas, os princípios formulados em capítulos anteriores se aplicam igualmente, mesmo considerando-se que nenhuma menção deles seja feita por nosso autor.

Durante o primeiro período de dois meses aconselha-se o operador a levantar-se toda manhã precisamente um quarto de hora antes do nascer do sol, entrar no oratório depois de ter se lavado e se vestido com roupa branca, abrir a janela e, ajoelhando no altar que dá para a janela que comunica ao balcão invocar os nomes de Deus com vontade e mente dilatadas. "...e

confessar-Lhe inteiramente todos os vossos pecados". Esta última prescrição, naturalmente, é simplesm ente para produzir a tranqüilidade mental e emocional necessárias à inspiração e iluminação do anjo. É dificilmente necessário estender-se sobre o fato de que aquele que permanece continuamente incomodado por uma consciência revoltada ou pela memória de uma antiga má conduta está deste modo impedido da tranqüila concentração mental; tampouco serão suas invocações intensas e unidirecionadas. Uma tal pessoa seria devidamente aconselhada a abster-se completamente até mesmo da contemplação de uma operação mágica desse tipo pois ela estaria fadada a resultar não só no fracasso da invocação ao anjo, como também em desastres do gênero mais catastrófico. Os poderes que estão presentes na operação de Abramelin são de pouco uso para os intrometidos. Conquistadas a tranqüilidade e a serenidade, o mago deve suplicar ao Senhor do Universo "que, chegando o tempo, possa Ele ter piedade de vós e conceder-vos Sua graça e a bondade de vos enviar Seu Santo Anjo, que vos servirá de Guia..."

Não há necessidade de enfatizar muito, suponho, que Abraão era de fé judaica, e conseqüentemente afeito à predominante – isto é, medieval – concepção judaica do monoteísmo pessoal. O tom teológico dado a esta magia pelo adepto hebreu e que deve ter sido acrescido por ele após tê-la recebido de Abramelin pode, portanto, ser tranqüilamente ignorado pelo leitor se este assim o desejar, já que não desempenha papel algum na verdadeira significação da operação. Cada a aprendiz pode adaptar inteligentemente o caráter das prescrições de Abraão a respeito desse ponto à teoria mágica do universo aqui formulada num capítulo anterior, ou às suas próprias crenças religiosas particulares. É necessário, todavia, que eu frise que o dogma e a fé religiosa esotérica não ocupa lugar algum no interior do santuário da magia. É preciso que o leitor se convença que a magia depende de princípios experimentais rígidos tão confiáveis e tão exatos como os de qualquer ciência.

Antes de iniciar a operação, seria bom para o mago que formulasse um juramento de que executará essa magia sagrada e que o registrasse claramente por escrito. A vontade e a determinação de ter êxito precisa ser expressa mediante palavras, e essas palavras por ações, pois durante a Negra Noite da Alma, quando o olho espiritual estiver fechado e todo discernimento tiver se afastado, quando o acólito é debilitado pela tentação e pela aflição da mente, será apenas sendo fiel à letra do juramento que o mago poderá esperar conduzir essa operação a um clímax satisfatório. A direta expressão da vontade, em todos os casos, é o discurso, e o registro de uma determinação de vontade num juramento escrito está de acordo com os fundamentos da filosofia mágica.

No exercício de oração acima o ponto importante a ser observado, como o próprio Abraão faz notar a seu filho nas palavras que se seguem, é "Também de nada serve falar sem devoção, sem atenção, e sem inteligência; ...Mas é absolutamente necessário que vossa oração saia de dentro de vosso coração, porque simplesmente estabelecendo orações escritas, sua audição de modo algum vos explicará como rezar realmente. "Mais adiante, analogamente, ele aconselha seu filho Lamech: "In flamai-vos com oração." Quanto a esta prescrição, é necessário que nos estendamos um pouco, já que o sucesso ou o malogro na arte da invocação dependerá inteiramente do fato de essa recomendação ser acatada ou não. Efetuar uma série de invocações diversas vezes ao dia durante um período de seis meses, repetindo a mesma invocação, confissão e oração durante o primeiro período duas vezes por dia é realmente uma tarefa diante da qual o operador que não for confirmado por hábito nesta senda da luz pode bem falhar. Detenha-se, leitor, e reflita sobre o que isso implica! Uma simples amostra de trabalho mágico que se mantém num período tão longo é realmente umas das tarefas mais árduas e tediosas que se pode

conceber. Somente aquele que com persistência for capaz de ser fiel à letra de seu juramento assumido antecipadamente pode ter a expectativa do êxito. E no entanto, essas invocações não devem ser recitadas de maneira monótona e árdua, ou num tom de voz que indique tédio, sem fervor, since ridade ou devoção. Sem a presença destas qualidades na invocação, um vulgar grito de feira seria tão útil quanto e teria mais ou menos tanto efeito como qualquer outro. Toda faculdade do mago deve participar do trabalho de invocação. Todo poder da alma deve ser exercido, toda grama de sinceridade, entusiasmo e regozijo espiritual deve ser empregado na sustentação das invocações que devem brotar do próprio coração e alma do ser do mago.

Durante esse primeiro período outras prescrições são indicadas que têm de ser escrupulosamente seguidas segundo o autor. Algumas delas podem parecer um tanto triviais ou até ridículas, mas o julgamento final deve ficar a critério de cada leitor. Eu apenas as menciono pelo cuidado de me ater ao completo. Tanto o dormitório quanto o oratório mágico devem ser conservados num estado de limpeza e ordem absolutas, toda a atenção do teurgo sendo prestada à "pureza de todas as coisas". Todo os sábados os lençóis do leito têm que ser substituídos e a câmara totalmente perfumada e incensada, impregnando assim mesmo esse quarto de uma carga de santidade e expandindo os limites do círculo. Os ingredientes apontados para o incenso são um composto de olíbano, estoraque e aloés, todos reduzidos a um pó fino e bem misturados. Abraão, o Judeu é incisivo, ademais, quanto a afirmar que não se deve permitir que nenhum animal se aproxime ou tenha acesso à casa na qual a operação está sendo levada a efeito. Deve imperar a mais absoluta solidão que seja humanamente possível. "Se sois vosso próprio senhor, tanto quanto estiver em vosso poder, libertai-vos de todos os negócios, e deixar toda companhia vã e mundana, e conversação, levando uma vida tranqüila, solitária e honesta... Sede sóbrio ao tratar de negócios, vendendo ou comprando, sendo preciso que nunca vos enfureceis, mas sede modesto e paciente em vossas ações." Essas são normas de bom senso que ninguém, eu presumo, criticaria. Uma outra sugestão expressa é que as Escrituras Sagradas podem ser lidas e ser objeto de meditação durante duas horas por dia, este tempo devendo ser especialmente programado e reservado para essa finalidade após o jantar, não se permitindo que nenhuma outra atividade interfira ou tenha precedência. Quase qualquer outro livro religioso serviria caso o aprendiz não esteja predisposto ao estudo da Bíblia, particularmente um desses livros que tenha causado profunda impressão em sua mente e que tenha servido de algum modo para despertar os sentimentos superiores e estimular o amor e as emoções nobres. Essa meditação produzirá também pistas que auxiliarão na composição dos rituais supremos.*

** As proporções necessárias à mistura são quatro partes de olíbano, duas partes de estoraque e uma parte de aloés.*

No que diz respeito aos hábitos da vida, Abraão sugere moderação em todas as coisas, o comer, beber e dormir não devendo ser nem excessivos nem demasiadamente modestos. Nenhuma das coisas nas quais o mago estará envolvido deve, por menos que seja, conter algo de supérfluo. Quanto ao assunto que para a maioria dos aprendizes de magia e misticismo é cercado por um véu de obscuridade, aconselha, à guisa de acréscimo à prescrição de moderação que "Podeis dormir com vossa esposa na cama quando ela estiver pura e limpa;..." e nunca em caso contrário. A única questão a afetar o celibato é simplesmente a da conservação da energia, e nada mais. Visto que todas as forças do indivíduo estão sendo transformadas pela operação e dirigidas a uma nobre finalidade espiritual, qualquer desperdício ou escoamento de força que é tão importante em matérias afastadas daquela finalidade são assim grosseiramente imorais no sentido de que apresentam algo de loucura e autodestruição. Durante a operação, poucas pessoas deverão estar na casa com ele, " Quanto ao que se refere à família, quanto menos

numerosa, melhor; também fizeti de modo que os servos sejam modestos e tranqüilos." A caridade é sugerida e também o recato com respeito às roupas e o modo de vestir; toda vaidade deve ser severamente banida.

Isso é o suficiente para o primeiro período. As tarefas nestes dois meses são relativamente fáceis, indicando tão-só uma simples vida meditativa, em relação à qual se insiste no repouso e tranqüilidade. Duas vezes ao dia, ao nascer e pôr-do-sol, quando certas forças ocultas na natureza estão em sua ascendência e no máximo de sua pureza, as invocações deverão ser realizadas; cumpre que o resto do dia seja passado no aperfeiçoamento variado da concentração da mente fervorosamente dirigin do-se ao "... Santo Anjo que vos servirá de Guia..." A programação proposta por Abraão pode facilmente ser suplementada por outros itens de magia, em conformidade com a aspiração principal, o que pode ser sugerido pela engenhosidade do indivíduo. Durante este período, o mago deve devotar todas as faculdades que adquiriu através da atenção que dedicou a outras fases da técnica ao fortalecimento da aspiração principal. Os rituais de banimento podem ser usados proveitosamente e a ascensão aos planos pode se revelar um auxiliar extremamente útil às invocações. A repetição contínua de um mantra sagrado, compatível com a concepção do mago da natureza de seu Anjo, se revelará de grande ajuda para manter a concentração da mente unidirecionada.

Com a chegada do segundo período precisamente o mesmo procedimento é seguido exceto pelo fato de o operador ser exortado a tornar suas invocações mais intensas e ígneas, e "Deveis prolongar vossas orações o máximo que vossa capacidade permitir". As invocações devem prosseguir de manhã e no anoitecer como nos dois meses anteriores, mas "...antes de entrardes no Oratório deveis lavar vossas mãos e face completamente com água pura. E deveis prolongar vossa oração com a maior afeição possível, devoção, e submissão, humildemente implorando ao Senhor Deus que se digne a ordenar a Seus Santos Anjos que vos levem pelo Verdadeiro Caminho..." É fácil perceber a idéia psicológica que Abraão gradualmente formula. As invocações ao Santo Anjo Guardião devem ser feitas mais freqüentes, ardentes e imperiosas de sorte que quando pelo fim do período de seis meses é dado ao teurgo o conselho de inflamar-se com a invocação, prática anterior o fará voar como uma flecha impelida por um arco rumo à glória do anjo e não se experimentará qualquer dificuldade para despertar o entusiasmo e devoção requeridos que levarão a efeito a união mística.

Outras prescrições a serem observadas no segundo período podem ser resumidas com brevidade como se segue. "O uso dos direitos do matrimônio, mas, se este uso for feito, deverá sê-lo o mínimo possível." "Deveis também lavar todo vosso corpo toda véspera de Sabbath." "Quanto ao que tange o comércio e modo de viver, já dei instrução bastante", mas agora "...é absolutamente necessário retirar-se do mundo e procurar isolamento..." As observações antes feitas no que se refere a comer, beber e se vestir continuam aplicáveis.

Quando o segundo período se encerra e com ele o quarto mês de invocação contínua, a mente do operador deverá estar gradualmente se contraindo para um único ponto em função desses modos de vida serenos e calmos e do fervor crescente que deve introduzir em suas invocações, que ocupam agora períodos mais largos de tempo. Nessa ocasião, igualmente, ele terá entrado naquele estado de securra do qual místicos de todos os tempos falaram, aquele horrível estado psicológico no qual todos os poderes da alma parecem mortos a visão da mente se fecha num protesto mudo, por assim dizer, contra a disciplina cruel do juramento. Mil e uma seduções tenderão a desviar o operador da contemplação da finalidade que escolheu, e mil e um meios de quebrar o juramento em espírito sem quebrá-lo na letra serão apresentados. E parecerá que a própria mente irá ficar fora de si, advertindo o teurgo que seria melhor para ele omitir, por

exemplo, um período devotado à invocação e fazer algo mais, profano e praze roso. Constantemente procurará amedrontá-lo com temores desordenados relativos à saúde do corpo e da mente. Contra todas estas insanidades – fatais se ele sucumbir a uma única tentação – há somente um remédio, a saber, a disciplina do juramento feito no início, prosseguir no labor de invocar durante seis meses o Santo Anjo Guardiã. Tudo o que se tem a fazer é proceder às cerimônias e invocações, agora temporariamente destituídas de sentido e horrendas, visto que a visão espiritual está negra e o olho interior fechado. Pode ser que com o terceiro e último período essa Noite Negra da Alma passe lenta e imperceptivelmente, e então surgirá a suave grandeza rosa e cravo da aurora a ser sucedida pela brilhante luz diurna do Conhecimento e Conversação, com a Visão Beatífica e o perfume tão doce e confortador aos sentidos e à alma do Santo Anjo Guardiã.

Com a chegada dos últimos dois meses, aconselha-se que o homem que é seu próprio senhor deixe todos os seus negócios de lado, à exceção, talvez, de obras de caridade para com seus próximos. Contudo, dever-se-á tomar cuidado mesmo em manifestar uma virtude tão elevada quanto esta pois a concentração e a aspiração ao mais elevado não devem ser interrompidas. "Afastai-vos de toda sociedade, salvo a de vossa Esposa e Servos... Toda véspera de Sabbath deveis jejuar, e lavar tod o vosso corpo, e trocar vossas roupas." Estas regras concernem ao modo de vida e conduta. Mas as instruções que se referem ao aspecto mágico da operação são as seguintes: "Manhã e noite deveis lavar vossas mãos e face ao entrar (quer dizer, antes, é claro) no Oratório; e primeiramente deveis confessar todos os vossos pecados; depois disto, com mui ardente oração, deveis implorar ao Senhor que vos conceda esta particular graça, que é poderdes desfrutar e resistir à presença e conversação de Seus Santos Anjos, e que Ele possa dignar-se por intermédio deles conceder-vos a Secreta Sabedoria, de modo que possais ter o domínio sobre os Espíritos e todas as criaturas."

Este é o procedimento recomendado para os dois últimos meses, tempo em que a maior parte do dia será passada, como orientam também os Oráculos Caldeus, "Invocando com freqüência", concentrando todos os poderes da mente, do corpo e da alma em conjunto, focalizando-os por meio de invocação de maneira que por meio disso o anjo possa aparecer e alçar o teurgo à sua vida mais grandiosa e mais ampla. Concluído o terceiro período de três meses em 21 de setembro, o mago deverá levantar-se na manhã seguinte muito cedo, "...nem vos lavareis nem vos vestireis com vossas roupas comuns, mas tomareis uma roupa de luto; entrareis no Oratório de pés nus; ireis para o lado o incensório, e tendo aberto as janelas, retornareis à porta. Ali vos prostrareis com vossa face contra o chão e ordenareis à criança (que é usada neste sistema como assistente e clarividente, mas desnecessária, acho, nessa última função se a operação tiver sido cuidadosamente desenvolvida) que co loque o perfume no turíbulo, após o que se deverá pôr de joelhos diante do Altar; seguindo em tudo e minuciosamente as instruções que dei... Humilhai-vos perante Deus e Sua Corte Celestial e começai vossa Oração com fervor, pois então começareis a vos inflamar na oração, e vereis aparecer um extraordinário e sobrenatural esplendor, que encherá todo o apartamento, e vos circundará com um cheiro inexprimível, e apenas isto vos consolará e confortará o coração, de modo que clamareis para sempre, feliz, pelo Dia do Senhor."*

** Embora o autor nem sempre faça citações integrais, omitindo certos trechos e advertindo o leitor desta descontinuidade mediante as reticências (...), aqui não há estas reticências, motivo pelo qual reproduzimos o trecho omitido: "tomareis as cinzas dele e as colocareis sobre vossa cabeça; acendereis a Lâmpada; e poreis os carvões quentes no incensório". (N. T.)*

Abraão, homem sábio e mago que era, não sobrecarrega a si mesmo, se perceberá, nem a mente de seu filho, ao qual essa técnica mágica é transmitida, com qualquer sofisma intelectual ou qualquer investigação metafísica a respeito da natureza do anjo. Não há nenhuma discussão quanto a este último possuir uma existência objetiva, isto é, independente, ou se ele é subjetivamente inerente à estrutura psicológica do teurgo. Ele mesmo, tendo passado por este treinamento e alcançado sua realização na Visão e no Perfume, bem conhecia a falácia da dependência intelectual. E pode-se presumi-lo porque ele escolheu de preferência a todas as outras expressões as próprias palavras "Santo Anjo Guardião", que são tão palpavelmente absurdas de um ponto de vista racional a ponto de nenhuma pessoa sensata ousar especular acerca delas. Assim a dependência intelectual e a voragem do erro são evitados. Quanto maior for a força e o entusiasmo desse ato de fé numa entidade irracionalmente nomeada e concebida, mais eficaz será a crise da conjuração.

Durante sete dias, em seguida, aconselha Abraão, o operador executará as cerimônias sem falhar na execução correta de nenhuma delas de modo algum. No dia da consagração, o Santo Anjo Guardião terá aparecido ao teurgo e proporcionado graça e esplendor a sua alma, sustento ao seu espírito e terá inundado toda a esfera da sua mente com uma iluminação que tudo abarca, que não há palavras que possam adequadamente descrever. Então seguir-se-á, segundo prescrição do anjo, uma convocação de três dias na qual os espíritos bons e santos serão conjurados à aparência visível no terraço e introduzidos ao domínio da vontade renovada do mago; os três dias sucessivos serão dedicados à evocação dos maus espíritos. No segundo dia, orienta Abraão, "devereis seguir os conselhos que vosso Santo Anjo Guardião vos terá dado e no terceiro renderás gratidão". "E então pela primeira vez estareis capacitado a pôr à prova se bem empregastes o período das Seis Luas, e quão bem e dignamente trabalhastes na busca da Sabedoria do Senhor; pois vereis vosso Anjo Guardião vos aparecer em inigualável beleza; que também convosco conversará, e falará com palavras tão cheias de afeto bondade, e com tal doçura que nenhuma língua humana poderia expressá-las... Numa palavra, sereis por ele recebido com tamanha afeição que esta descrição que aqui dou deverá nada parecer em comparação... Aqui neste ponto, começo a restringir-me em meu escrever, haja visto que pela Graça do Senhor submeti-vos e consignei a um MESTRE tão grande que nunca vos deixará em erro."

Continuando diretamente com a descrição em versos do cenário da operação mágica anteriormente citada, e trabalhando-se com esmero as observações de nosso autor de magia, Crowley prossegue:

" Tu terás uma barca de bétula

Sobre o rio nas trevas;

E à meia-noite irás

À corrente mais suave do meio do rio,

E tocarás uma campainha dourada

A chamada do espírito; então diz as palavras de encantamento:

'Anjo, meu Anjo, aproxima-te!'

Fazendo o Sinal de Maestria

Com bastão de lápis-lazúli.

Então, pode ser, através da encoberta

Noite silenciosa verás teu anjo surgir,

Ouve o débil sussurro de suas asas,

Contempla as doze pedras dos doze reis!

*Sua fronte será coroada
Com a débil luz das estrelas, onde
O Olho vislumbra dominante e agudo.
E por este motivo tu desfaleces; e teu amor
Captará a voz sutil disso.
Ele informará seu amante feliz;
Minha tola tagarelice estará terminada! . . .
Mente abertamente, uma taça camaleônica,
E O deixa sugar teu mel! "*

Assim finda a mais importante parte do sistema advogado por Abramelin, o mago, que pode ter sido seguramente um dos maiores mestres de magia do Ocidente. Com perfeita lucidez e suave simplicidade de concepção espiritual, com clareza na expressão e na instrução e sem sobrecarga da mente com minúcias e elementos secundários, com símbolos de pureza e de limpeza, Abraão, o Judeu, conduz o teurgo gradualmente, passo a passo, em ascensão pela maravilhosa escada que é a Árvore da Vida que cresce para a terra a partir do Ancião dos Dias, rumo ao Mestre Inefável. Ele é o Augoeides, Adonai, o Eu superior, o Santo Anjo Guardiã, chame-se-o como quiser. E a iluminação e glória espiritual que o Anjo traz é tão auspiciosa e santa e uma visão tão terrível que no devoto é induzido um arrebatamento, uma adoração, um transporte de êxtase que ultrapassa qualquer concepção e discurso humano. Nenhum santo ou poeta ainda foi capaz de sugerir mais do que um eco fugidio dessa incomparável experiência. Esta consecução marca o começo da carreira do Adeptado, e é só então, quando a alma tendo sido erguida em excelsitude e visto coisas que não é lícito revelar, que a verdadeira natureza da vida pode ser percebida. Infiltrado por uma riqueza de sabedoria, ventura e clareza da visão interior, poderá então o mundo ser apreciado pelo que ele é. Até aqui os olhos da alma estavam cerrados, e cegos, amedrontados, e ignorantemente calados, o indivíduo se achava num red emoinho na roda continuamente móvel da vida e da dor. Mediante o atingimento do esplendor angélico, o centro da consciência tendo sido para sempre exaltado além do ego empírico, um dilúvio de êxtase produz a compreensão de que é apenas o Anjo que é e sempre foi o Ego, o Eu real jamais conhecido antes. Não mais o Anjo o entesourará como as muralhas longínquas do abismo estrelado, mas sim Ele queimará ardentemente no cerne do homem, vertendo através dos canais dos sentidos deste uma tor rente interminável de glória e deleite resplandecentes. Os portais da mente são destravados e oscilam sobre suas dobradiças, e o domínio celestial ao qual o Anjo introduz a alma é abundante e estaticamente descerrado.

Há um belo poema de autoria do poeta irlandês A. E. em que o tema é uma conversação entre a criança terrestre das trevas e o santo Anjo da Luz. O primeiro diz:

*"Eu te conheço, ó glória,
Teus olhos e tua fronte
De fogo alvo todo grisalho,
Retorna a mim agora.
Juntos viajamos
Em eras passadas,
Nossos pensamentos à medida que ponderávamos
Eram estrelas na alvorada.
Minha glória declinou;
Meu azul celeste e ouro;
E no entanto tu permaneces aceso*

O fogo-sol de outrora.

Meus passos estão presos à

Urze e à pedra..."

O Anjo responde mediante palavras particularmente significativas ao aprendiz de magia, rogando ao eu sombrio que ceda à orientação do pastor celestial:

"Por que tremer e prantear agora,

Quem as estrelas uma vez obedeceram?

Avança para o profundo agora

E não tem medo...

Um diamante arde

Nas profundezas do Só,

Teu espírito retornando

Pode reivindicar seu trono.

Em ilhas orladas de chamas

Suas dores cessarão,

Absortas no silêncio

E debeladas na paz.

Vem e repousa tua pobre cabeça sobre

Meu coração onde ela incandescerá

Com o vermelho-rubi do amor sobre

Teu coração por seus infortúnios.

Meu poder eu cedo,

A ti ele é devido,

Avança pois o esplendor

Espera por ti!